



**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE E PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
EM HISTÓRIA**

Valdenora de Oliveira Rufino Owerney

**FAMÍLIA GONÇALVES MARTINS: RIQUEZA,
POLÍTICA E REDES DE SOCIABILIDADES EM
RESENDE NO SÉCULO XIX**

Niterói
2019

VALDENORA DE OLIVEIRA RUFINO OWERNEY

**LINHA DE PESQUISA I: SOCIEDADE, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E DE
CULTURAS,**

**FAMÍLIA GONÇALVES MARTINS: RIQUEZA, POLÍTICA E REDES DE
SOCIABILIDADES EM RESENDE NO SÉCULO XIX**

Dissertação de Mestrado apresentado ao **Curso de Pós-Graduação Stricto Senso em História do Brasil** da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia Amantino.

Niterói

2019

VALDENORA DE OLIVEIRA RUFINO OWERNEY

**FAMÍLIA GONÇALVES MARTINS: RIQUEZA, POLÍTICA E REDES DE
SOCIABILIDADES EM RESENDE NO SÉCULO XIX**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Aprovada em de 2019.

Banca examinadora:

Examinador (a)

Examinador (a)

Marcia Amantino – Doutora em História Social
Professora Orientadora

Dedico essa dissertação em memória de Manoel Rufino, meu amado pai, homem simples, trabalhador, sábio, que nos ensinou através do exemplo a sermos filhos dignos e honrados.

A minha mãe Maria Mercedes, mãe amorosa e mulher guerreira que sempre nos conduziu ao caminho do bem e zelou pelo nosso futuro.

Ao meu esposo e companheiro, Rodrigo Owerney por incentivar-me a novos desafios e estar ao meu lado nos momentos difíceis e felizes desta viagem em busca de conhecimento.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e pela oportunidade de tornar real os meus sonhos. O mestrado, um sonho que só se tornou possível graças ao apoio de pessoas especiais que tenho a felicidade de fazerem parte da minha vida.

Agradeço ao meu esposo, Rodrigo Owerney, por incentivar-me a participar do processo de seleção do mestrado e ajudar-me em todo o curso. Por estar sempre a meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho.

Agradeço a professora Dr^a. Marcia Amantino, que acreditou que eu era capaz e deu-me a honra de ser a minha orientadora. Só tenho a agradecer aos seus ensinamentos, orientações, palavras de incentivo, puxões de orelha, paciência e dedicação. Tenho orgulho em dizer que fui sua orientada.

Agradecer aos queridos professores Dr^a. Vitória Fernanda Schettini e Dr. Jorge Prata de Sousa, pelos ensinamentos, orientações, incentivo e amizade.

Agradecer também aos colegas de turma: Arthur, Fábio, Gabriel, Paulo, Domingas, Denise, Lurdes...

Meus agradecimentos ao professor Júlio César Fidelis historiador de Resende, pelas orientações e apoio na realização da pesquisa.

Meus agradecimentos ao diretor do Arquivo Municipal de Resende, Claudionor Rosa por proporcionar-me o acesso às fontes de pesquisa constantes no arquivo.

Agradecer ao Historiador do Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes (SEGAP), Henry Freitas que me deu total apoio à pesquisa e acesso às fontes constantes naquele setor.

Agradecer também ao Sr. Tito Livio Martins Netto por receber-me em sua residência e responder meus questionamentos e fornecer-me fontes importantes à pesquisa.

E por fim, meu agradecimento a Universidade Salgado de Oliveira e a toda equipe docente do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado em História.

*“Gostaria que você soubesse que existe dentro de si
uma força capaz de mudar sua vida, basta que lute e
aguarde um novo amanhecer.”*

Margareth Thatcher

RESUMO

O presente trabalho pertence ao campo da história social e história da família, faz uma análise da trajetória da família Gonçalves Martins na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, no século XIX. Em primeiro lugar a pesquisa aborda a origem e formação de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova – Resende, destacando o pioneirismo no cultivo do café e as consequências para o desenvolvimento da cidade. Num segundo momento, aborda especificamente sobre as relações econômicas e comerciais da família Gonçalves Martins na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova. E por último, trata da trajetória familiar do Gonçalves Martins, evidenciando as redes de sociabilidades e a participação política dos seus membros. O objetivo da pesquisa é contribuir para o debate historiográfico da história de Resende, tendo como ênfase a trajetória da família Gonçalves Martins ao longo do século XIX.

Palavras-chave: Resende, família Gonçalves Martins, riqueza, política, redes de sociabilidades.

ABSTRACT

The present work belongs to the field of social history and family history, makes an analysis of the trajectory of the family Gonçalves Martins in the parish of Our Lady of the Conception of the Campo Alegre of Paraíba Nova, in the nineteenth century. In the first place the research deals with the origin and formation of Our Lady of the Conception of the Alegre Field of the Paraíba Nova - Resende, highlighting the pioneering in the cultivation of the coffee and the consequences for the development of the city. In a second moment, it deals specifically with the economic and commercial relations of the Gonçalves Martins family in the parish of **Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova**. Finally, it deals with the family trajectory of Gonçalves Martins, showing the networks of sociabilities and the political participation of its members. The objective of the research is to contribute to the historiographic debate of the history of Resende, with emphasis on the trajectory of the Gonçalves Martins family throughout the 19th century.

Key words: Resende, Gonçalves Martins Family, wealth, politics, sociability networks.

ABREVIATURAS

AN – Arquivo Nacional

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

AL – Almanaque Laemmert

AMR – Arquivo Municipal de Resende

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição Etária dos homens Vila de Resende - 1806	37
Gráfico 2. Percentual de homens e mulheres livres na vila de Resende em 1806.....	38
Gráfico 3. Mulheres estrutura - Vila de Resende 1806	38
Gráfico 4. Freguesias e Resende 1806 - Distribuição Livres e Escravos	41
Gráfico 5. Homens e Mulheres livres nas Freguesias e Vila de Resende em 1806.....	41
Gráfico 6. Freguesias e vila de Resende em 1806- Distribuição etária dos Homens.....	41
Gráfico 7. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição Homens e Mulheres Brancos	44
Gráfico 8. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de indígenas homens e mulheres	44
Gráfico 9. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de Pardos homens e mulheres.....	45
Gráfico 10. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de pretos/homens e mulheres.....	46
Gráfico 11. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de homens e mulheres livres	46
Gráfico 12. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de pardos cativos Homens e mulheres.....	47
Gráfico 13. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de pretos cativos: Homens e mulheres.....	47
Gráfico 14. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da população livre e cativa.....	48
Gráfico 15. Pessoas que sabiam ler e escrever em 1872	52
Gráfico 16. Evolução do crescimento populacional de Resende no século XIX	54
Gráfico 17. Pequenos, médios e grandes proprietários de Resende em 1868	77

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1. Regiões de Governo e Municípios do Estado do Rio de Janeiro – Localização de Resende/RJ.	28
Mapa 2. Divisão atual da cidade de Resende/RJ.	29
Mapa 3. Carta topográfica do Rio de Janeiro em 1850	49

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Censo realizado pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada em 1806 na Freguesias e vila de Resende.....	40
Quadro 2. População do município de Resende, e particularmente da paróquia da cidade nos anos de 1856.....	49
Quadro 3. População escrava em 1856.....	50
Quadro 4. População do distrito sede - Nossa Senhora da Conceição de Resende.....	52
Quadro 5. Dados populacionais de Resende nos anos de 1872, 1890, 1900, 1910, e 1920....	53
Quadro 6. Registro de Manoel Gonçalves segundo o Almanak Laemmert – 1845 a 1889.....	70
Quadro 7. Bens de Manoel Gonçalves	71
Quadro 8. Descendência de Joaquim José Martins e Maria Benedicta Gonçalves Martins.....	90
Quadro 9. Casamentos e redes de sociabilidades dos Gonçalves Martins – descendência de Tito Livio Martins e Marianna Martins.....	96
Quadro 10. Doações à Santa Casa de Misericórdia de Resende em 1869.....	104

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Censo da Vila de Resende do ano de 1806	39
Figura 2. Mapa demonstrativo da sesmaria de Manoel Gonçalves	69
Figura 3. Arvore Genealógica da Família Gonçalves Martins	91
Figura 4. Família de Tito Livio Martins	94
Figura 5. Estação de trem de Resende - século XIX	95
Figura 6. Maria Benedicta Gonçalves Martins.....	103
Figura 7. Sobrado da família Gonçalves Martins.....	111
Figura 8. O sobrado em diferentes fases do século XX.....	113
Figura 9. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. p.69.	113
Figura 10. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. p.68.	115
Figura 11. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. p.71.	116
Figura 12. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. P.73.	118
Figura 13. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. P.70.	119
Figura 14. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. P.75.	120
Figura 15. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. P.76.	121

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Censo realizado pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada em 1806 – Vila de Resende	37
Tabela 2. Mapa estatístico da População da Província do Rio de Janeiro segundo as condições, sexos e cores no ano de 1844 – Freguesias de Resende.	43
Tabela 3. Produção do café no ano de 1848, calculado em libras inglesa.....	60
Tabela 4. Consumo do café no ano de 1848, calculado em libras inglesa	61
Tabela 5. Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba	82
Tabela 6. Exposição Regional de café no ano de 1885	83
Tabela 7. Mulheres fazendeiras e lavradoras 1846 até 1885 – Resende-RJ.....	107
Tabela 8. Dados sobre Maria Benedicta no Almanak Laemmert – 1875 a 1881	107

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I. Carta sobre terras minerais em Campo Alegre – 1791	134
Anexo II. Auto de assinação de limites à vila de Resende	136
Anexo III. Traslado do auto de criação da vila de Resende – 1801.	136
Anexo IV. Justificativa para criação de Vila	137
Anexo V. Ereção e criação da Vila de Resende	138
Anexo VI. Sobre o Município de Resende no Jornal O Astro Resendense de 1868.....	140
Anexo VII. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844	141
Anexo VIII. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844	142
Anexo IX. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844	143
Anexo X. MACHINA GUICHARD – Máquina de beneficiar café.....	144
Anexo XI. Sesmaria de Manoel Gonçalves em 1819	145
Anexo XII. Ordem para proceder aferição das terras de Manoel Gonçalves	148
Anexo XIII. Sesmaria de Manoel Gonçalves	148
Anexo XIV. Parte dos bens de Manoel Gonçalves	149
Anexo XV. Registro de terras de Maria Benedicta	151
Anexo XVI. Registro de terras de Joaquim José Martins	152
Anexo XVII. Registro de terras de Antonio Gonçalves da Rocha	154
Anexo XVIII. Confirmação de posse de terras e propriedades dos Gonçalves Martins	155
Anexo XIX. Comunicado sobre larva nos cafezais em Resende	158
Anexo XX. O café como principal riqueza do país em 1869	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I. A CIDADE DE RESENDE: ORIGEM E FORMAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA.....	27
1.1 Origem e formação de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova (Resende).....	27
1.2 Censos e população: crescimento populacional e aspectos socioeconômicos do século.....	35
CAPÍTULO II. FAMÍLIA GONÇALVES MARTINS: RELAÇÕES ECONÔMICAS E COMERCIAIS NA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA.....	65
2.1 A formação da riqueza do comendador Manoel Gonçalves – tropeirismo, influência social e aquisição de terras.....	65
2.2 Os Gonçalves Martins e café em Resende: entre pequenos e médios produtores.....	75
2.3 A crise do café em Resende e os impactos socioeconômicos	78
CAPÍTULO III. TRAJETÓRIAS FAMILIARES, REDES DE SOCIABILIDADES E POLÍTICA DOS GONÇALVES MARTINS.....	87
3.1 Trajetórias familiares e redes de sociabilidades dos Gonçalves Martins.....	87
3.2 Inserções dos Gonçalves Martins na política imperial e local	98
3.3 Maria Benedicta: A “rainha do café” em Resende no oitocentos.....	102
3.4 O Sobrado do Comendador e a fazenda da “Rainha do café”: As casas dos Gonçalves Martins.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, assim já foi denominado o que hoje se conhece como Município de Resende. Algumas construções do século XIX ainda coexistem com as mais recentes. No centro histórico da cidade se encontra a Matriz de Resende, a Igreja do Rosário, a Casa de Cultura Macêdo Miranda, que já foi Câmara Municipal e também cadeia pública, o sobrado da família Gonçalves Martins, dentre outros prédios. Entretanto, muito da história da cidade é desconhecida dos moradores, que passam pelas construções e monumentos antigos ignorando toda a trajetória que há por trás deles. Muitos documentos que poderiam contribuir para o resgate dessa história se perderam ou estão espalhados em diferentes instituições, tornando o trabalho do historiador mais difícil. Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova – Resende, possuiu importância no cenário econômico do século XIX, por ter sido precursora no Vale do Paraíba Fluminense no plantio e economia cafeeira.

O presente trabalho **“Família Gonçalves Martins: riqueza, política e redes de sociabilidades em Resende no século XIX**, é fruto de indagações que surgiram durante pesquisa e leitura a respeito da história da cidade de Resende, localizada no estado do Rio de Janeiro. Ele tem por objetivos contribuir para o debate historiográfico sobre a história de Resende, tendo como ênfase a trajetória da família Gonçalves Martins no século XIX. Para tanto, desenvolver-se-á uma análise do contexto histórico da cidade. Posteriormente será reduzida a observação, tendo como fio condutor Manoel Gonçalves, o patriarca dos Gonçalves Martins, destacando-se a origem de suas terras, suas negociações e consequente composição de sua riqueza familiar. A partir daí, a análise se estenderá para os demais membros da família, como filhos e genros. Serão evidenciados os seguintes itens: a riqueza, a atuação política de alguns integrantes, as redes de sociabilidades que teceram ao longo do século XIX.

Apesar do recorte abordar o século XIX, o início da ocupação de Resende em meados do século XVIII foi fundamental para o trabalho de pesquisa, contribuindo para a compreensão da origem, formação e desenvolvimento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova-Resende. O recorte cronológico estabelecido, século XIX, foi escolhido devido ser o período de atuação dos membros da família Gonçalves Martins nos diversos aspectos na sociedade resendense.

Nas últimas décadas temos observado um crescente interesse pelos estudos

dos ramos familiares e, entre eles, uma atenção mais detida sobre os grupos familiares da região cafeeira do vale do Paraíba do Sul. Esses estudos, que abordam desde questões relacionadas às famílias oriundas da classe senhorial à formação das famílias escravas, buscam ampliar o escopo das pesquisas em curso sobre essa região.¹

Com base no exposto, decidiu-se estudar a família Gonçalves Martins, pois apesar das poucas fontes de pesquisa existentes sobre essa família, a historiografia local, em muito disseminada pela memória local, tem dado ênfase aos atos de membros dessa família.

O debate sobre o termo família faz-se essencial para que se tenha um maior entendimento de uma dada sociedade. O conceito do termo família não foi sempre o mesmo ao longo do tempo, ou seja, ele foi adquirindo significados e modificando-se com o passar do tempo e autores desenvolvendo novos conceitos.

Nas palavras de Françoise Zonabend, “a palavra “família” banalizou-se de tal forma no nosso dia-a-dia, tão corrente é na literatura, seja ela erudita ou popular, que a polissemia constitui, sem dúvida, um bom testemunho das mutações que ao longo da história sofreu a instituição que o termo denomina”.² A autora evidencia essas mutações no termo desde o seu surgimento em Roma até a definição mais aproximada do que conhecemos hoje:

A palavra latina, *família*, aparece em Roma como derivada de *famulus* (servidor), mas não se aplicava então ao que habitualmente entende-se pelo termo. “Designava-se por *familia* o conjunto dos escravos e servidores vivendo sob o mesmo tecto [...]; depois toda a “casa” – senhor, por um lado, mulher, filhos e servidores vivendo sob o seu domínio, por outro [...]. Depois, por extensão de sentido, *familia* passou a designar os *agnati* e os *cognati*, tornando-se pelo menos na linguagem corrente, sinónimo de *gens*”. Casa, conjunto dos indivíduos que vivem sob o mesmo tecto; *gens*, comunidade formada por todos os descendentes de um mesmo antepassado; *agnati*, os parentes paternos, *cognati*, os parentes maternos e, por extensão, o conjunto dos consanguíneos – todas estas unidades parentais reunimo-las nós hoje sob o vocábulo “família”.³

Para Jean - Louis Flandrin a palavra “família” [grifo do autor] aplica-se hoje a realidades diversas. Num sentido lato, é o “conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento ou pela filiação”, “sucessão de indivíduos que dependem uns dos outros”.⁴ Sendo a palavra família aplicada a realidade diversas, pode-se deduzir que não existe um modelo pré-estabelecido ou um único tipo de família nas diferentes sociedades. Portanto, deve-se ter muito cuidado ao

¹REIS, Thiago de Souza dos. *Família, tradição e poder no Vale do Paraíba Fluminense: O Barão de Paty do Alferes e sua memória*. Rio de Janeiro: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh. 2014. p.01.

²ZONABEND, Françoise. *História da família*. Lisboa: Terramar. 1996. p. 13.

³ZONABEND, Françoise. Citou Ernout e Meillet, 1951, p. 383. p. 13.

⁴FLANDRIN, Jean-Louis de. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991. p.12.

estudar determinados ramos familiares. Ainda para Flandrin, “família significa também mais restritamente, dizem os dicionários franceses, os parentes mais próximos.”⁵

Na opinião de Sheila de Castro Faria, “na realidade, a história da família está ligada essencialmente ao espaço doméstico, independentemente do sentido público ou privado que ela possa ter, nas diversas épocas. Outra constatação é a diversidade de tipos e composição das famílias, relacionadas ao espaço doméstico e aos sentimentos”.⁶

Em outras palavras, há uma diversidade de composições familiares que desenvolvem uma trajetória dentro de um ambiente doméstico. No que se refere aos estudos sobre a família no Brasil, Sheila afirma que eles acompanham as tendências historiográficas de outras áreas, como Europa, Estados Unidos e Canadá, mas com uma relação forte com a demografia histórica.⁷ Michael Anderson, nomeou quatro tipos de abordagens relativas à história da família: A psico-histórica, a demográfica, a dos sentimentos e a econômica. Com relação a abordagem demográfica ele fez a seguinte afirmação:

Antes de meados da década de 50 a história da família [...] era quase inexistente. Já em meados dos anos 50 um grupo de demógrafos franceses aperfeiçoou as antigas técnicas de utilização dos registros paroquiais de batismo, de óbito e de casamento, reunindo dados referentes a um mesmo indivíduo e família. As descobertas resultantes desta “reconstituição da família” [...] fez com que outros autores utilizassem os seus métodos, alargando esta perspectiva demográfica e outras fontes de dados.⁸

Os estudos da família brasileira do passado, originaram-se da demografia histórica, dos estudos interdisciplinares, e dos estudos mais tradicionais. Com relação aos estudos mais tradicionais, destacam-se os de Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Antônio Cândido e Luis de Aguiar Pinto.⁹

Gilberto Freyre em *Casa-grande e senzala*, já havia apontado a importância das famílias, evidenciando-as como o grande fator colonizador no Brasil.¹⁰

⁵ FLANDRIN, *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. p.15.

⁶ FARIA, Sheila de Castro. *História da família e demografia histórica*. Org. CARDOSO, C. & VAINFAS, R. Domínios da História: ensaios de metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 229.

⁷ FARIA, *História da família e demografia histórica*. p. 230.

⁸ ANDERSON, Michael. *Elementos para a história da família ocidental 1500-1914*. Lisboa – Portugal: Editorial Quercus, 1984. p. 13.

⁹ Para maiores informações ler: ABREU, Capistrano de. 1853-1924. *Capítulos de história colonial: 1500-1800* / J. Capistrano de Abreu. -- Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998; VIANNA, Oliveira, 1883-1951. *Populações meridionais do Brasil* / Oliveira Vianna. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005; FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; CANDIDO, A. The Brazilian family. In: LYNN SMITH, T. e MARCHANT, A. Brazil: portrait of half a continent. New York: Dryden, 1951; PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

¹⁰ AMANTINO, Marcia. *A escravidão em Cataguases e os cativos da família Vieira*. In: Souza, Jorge Prata de e

A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América.¹¹

Eni de Mesquita Samara destaca que segundo “a literatura, a família brasileira seria o resultado da transplantação e adaptação da família portuguesa ao nosso ambiente colonial, tendo gerado um modelo com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência”.¹² Essa ideia foi amplamente defendida pelos estudiosos tradicionais acima mencionados. Oliveira Vianna utilizou a noção de clã parental para abordar a família senhorial, mas foi Gilberto Freyre o grande idealizador da noção de família que predominou durante décadas na historiografia brasileira – a “família patriarcal”.¹³

Conforme afirma Samara, a “concepção de família patriarcal não é aplicável de modo genérico às famílias brasileiras [...], mas persistiram nos séculos XVIII e XIX as obrigações mútuas entre os indivíduos ligados por laços de sangue, parentesco fictício ou amizade”.¹⁴

Quando se pensa na história de Resende no século XIX, não há como dissociar-se da trajetória de algumas famílias que se formaram ao longo do século. Essas famílias foram relevantes para a construção dessa cidade.

Os Gonçalves Martins, contribuíram significativamente no processo de construção da história de Resende. Em pesquisa realizada no Arquivo Municipal de Resende, observou-se nas atas da Câmara Municipal menção a Manoel Gonçalves Martins, patriarca da família Gonçalves Martins, como atuante politicamente, inclusive sendo muitas reuniões da Câmara Municipal realizadas em sua residência.

Manoel Gonçalves teve dois filhos: Antonio Gonçalves Martins e Maria Benedita Gonçalves. O primeiro foi fazendeiro e Major da Guarda Nacional e a segunda, foi considerada a “Rainha do café em Resende” e também fazendeira de café. Posteriormente, em função do casamento de Maria Benedicta com o português Joaquim José Martins, surgiram outros destaques nesse enredo familiar.

A importância da família Gonçalves Martins no cenário da Resende do século XIX,

ANDRADE, Rômulo Garcia de (Orgs). *Zona da Mata mineira: escravos, família e liberdade*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. p. 15.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 18.

¹² SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 08.

¹³ FARIA, *História da família e demografia histórica*. p. 239.

¹⁴ SAMARA, *A família brasileira*. p.84.

pode ser comprovada por registros nos jornais da época, atas da Câmara Municipal de Resende e através de processos judiciais de cobrança; processos de embargo; processos de habilitação de crédito; processos de reintegração de posse; processo de partilha e de posse de escravos.

A família Gonçalves Martins, teve sua trajetória baseada no tropeirismo de Manoel Gonçalves, sendo essa a base primeira de sua riqueza, *a posteriori*, as atividades foram direcionadas às fazendas com a criação de animais, o cultivo de produtos como arroz, milho, mandioca e para o plantio do café.

As fontes de pesquisa selecionadas para a escrita do trabalho são variadas, e estão localizadas em diferente órgãos e instituições, conforme descrição abaixo. Deve-se destacar antes de tudo, que muitas dessas fontes são inéditas, como os processos judiciais localizados no Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

No Arquivo Municipal de Resende pesquisou-se e utilizou-se as seguintes fontes: Os periódicos, O Itatiaia¹⁵ (1876 – 1890), O Astro Rezendense¹⁶ (1868, 1869, 1872, 1873) e O Rezendense (1875 – 1876), que foram analisados em seus aspectos: político, econômico, social e cultural ; as Atas da Câmara Municipal de Resende (1824 – 1881), cuja análise deu ênfase às ações desencadeadas pelos agentes em questão, constituindo-se em importante fonte de análise da dinâmica interna da sociedade, sobretudo quando se relaciona, se entrecruza e se confronta as informações, nelas explícitas ou implícitas, com outros tipos documentais; o Livro de qualificação de votantes (1861 – 1868); os livros de assentamento de óbitos (1869 – 1886), que também se encontram no Arquivo Municipal de Resende, são importantes para que se busque a reconstituição da família Gonçalves Martins. Para Iraci del Nero da Costa os registros paroquiais de óbitos, casamentos e batizados, generalizados a contar do Concílio de Trento (prescrições de 11 de novembro de 1563), ocupam lugar central no desenvolvimento da demografia histórica, pois foi a partir de seu tratamento sistemático que os fundadores deste ramo da ciência social chegaram a formular a técnica da reconstituição das famílias, um dos instrumentos básicos para o estudo do comportamento das variáveis demográficas no período pré-censitário.¹⁷

No Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, os processos judiciais ali localizados viabilizaram a reconstrução da riqueza de membros da família. Dentre

¹⁵ Itatiaia: Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. Publica-se semanalmente. Gerente J.R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J.A. Ribeiro da Luz.

¹⁶ Astro Rezendense: Periódico político, literário, industrial e noticioso. Publica-se semanalmente; subscreve-se no escripto desta typografia, á rua do Rosário n.23. Redactor Major João Baptista Brasiel.

¹⁷COSTA, Iraci de Nero. *Registro Paroquiais*: notas sobre assentos e batismos, casamentos e óbitos. Disponível em: <https://arquivosefonteshistoricas.files.wordpress.com/2011/05/notas-sobre-assentos-de-batismos.pdf>. Acesso em: março de 2018.

os processos destacam-se: processos de partilha, que constituem etapa de extrema importância do inventário; processos de embargo, que tratam de apreensão judicial dos bens de um suposto devedor para garantia de execução que se venha a promover; processos de cobrança; processos de habilitação de crédito; processos de reintegração de posse e os testamentos.

Há que se destacar que os processos judiciais são fontes essenciais para abordar a trajetória familiar. Eles trazem à tona informações centrais como posse e litígio de terras, posse de escravos, bens deixados em testamentos ou inventários, nomes de filhos, entre muitos outros elementos.

No Arquivo Nacional, foram utilizadas as seguintes fontes documentais: decreto de criação da Vila de Resende; mapa populacional das cidades do Rio de Janeiro dos anos de 1806 e 1840; carta relatando descoberta de terras minerais em Resende no século XVIII; decreto de criação do Jockey Club de Resende; decreto de criação da Guarda Nacional do município de Resende; processo judicial de aquisição de sesmaria do patriarca da família Gonçalves Martins. Tais fontes são fundamentais para a abordagem sobre a história de Resende e também para a história dessa família.¹⁸

No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, pesquisou-se a Lei de Terras de 1850 que foi finalmente regulamentada pelo Decreto número 1.318, de 30 de janeiro de 1854. Com nove capítulos e 108 artigos, o Regulamento procurou dar conta das inúmeras situações relacionadas à ocupação das terras.¹⁹ Assim, nos registros encontrados, Joaquim José Martins, marido de Maria Benedicta declara-se possuidor da fazenda denominada Babilônia na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Resende com o título de sesmaria e um sítio denominado Taquaral na mesma Freguesia. Assim, como outros registros efetuados por membros da família.

Nas Plataformas digitais como o Almanak Laemmert, Familysearch e hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, foram obtidos os seguintes dados:

¹⁸ Os documentos constam do acervo do Arquivo Nacional: AN – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844; AN - Códice BR RJANRIO NP. COD.0.807, v.05 – Dossiê Indicação de título – Coleção de memórias e outros documentos com vários objetos. Copias, e originais das cartas e mais papeis de Campo Alegre, sobre terras minerais. Fls. 108 e 108v; AN- BR AN RIO 220 3378. Decreto nº 6230 de 28 de junho de 1876 – Estatuto da Fundação do Jockey Club de Resende; AN – Código BR AN.RIO. Fundo Decretos do executivo – Período Imperial. 22.0.0.578 – Decreto de Criação da Guarda Nacional do Município de Resende em 1852; AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.

¹⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Registro Paroquiais de Terras do Século XIX. Terras de Resende.* Disponível em: http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=REG_TERRA3&PagFis=8806&Pesq=antonio%20gon%20alves%20da%20rocha. Acesso em: 18/05/2017.

No Almanak Laemmert (1848 a 1888)²⁰ obteve-se informações sobre a produção e consumo de café calculado em libras inglesas, em que o Brasil despontou em primeiro lugar em produção no ano de 1848. Ainda no Almanaque Laemmert foram obtidas referências sobre os fazendeiros de café em Resende e por consequência, constavam os nomes de membros da família Gonçalves Martins.

No familysearch²¹ procurou-se dados genealógicos, registros paroquiais referentes à família Gonçalves Martins. No familysearch encontrou-se o registro de casamento do Capitão Antonio Augusto Martins e Dona Anna Henriqueta Martins. Antonio Augusto era filho de Maria Benedicta Gonçalves Martins e Joaquim José Martins, como consta na certidão de casamento civil. Também foram encontrados os registros de

Na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional adquiriu-se o “Almanack do |Centenário de Rezende para o anno de 1902” organizado por Henrique Fonseca e Heitor Bittencourt, nele contém informações sobre a cidade de Resende.

O Capítulo I, intitulado A cidade de Resende: origem e formação de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, tem a finalidade de introduzir o leitor a análise do contexto histórico da cidade de Resende e a sua importância no cenário econômico do Império no século XIX, como pioneira da cultura do café do Vale no Paraíba fluminense e disseminadora para o Vale do Paraíba Paulista. Busca ainda situar o leitor nos principais aspectos do cenário que será palco dos acontecimentos referentes à Família Gonçalves Martins e ao cotidiano na região. A historiografia mostra a todo momento a grande importância que o café representou e ainda representa para a economia e cultura do Brasil. Mas o que Resende, uma cidade localizada no Vale do Paraíba fluminense tem a ver com isso? Qual o papel que Resende representou nesse processo? Tais questionamentos são importantes para situar o leitor do pioneirismo de Resende no plantio do café no Vale do Paraíba fluminense, impulsionando seu cultivo para outros locais como Vassouras, Valença, Cantagalo, que tornar-se-iam grandes

²⁰ “O Almanak Laemmert, publicado no Rio de Janeiro entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert. Os irmãos foram os fundadores da Livraria Universal e da Tipografia Laemmert. Lançaram diversos autores brasileiros e publicaram por décadas, de 1833 até 1930, o famoso almanaque, considerado atualmente como um instrumento indispensável de consulta para conhecimento do passado comercial, financeiro e social brasileiro do Século XIX e início d O acervo do Almanak Laemmert pertence à Coordenadoria de Publicações Seriadas e tem 46 edições com cerca de 55 mil imagens, com nominatas de oficiais da corte e ministérios, Guarda Nacional, nobreza titulada, suplementos com informações sobre legislação, dados do censo e propaganda comercial do Século XX”. AGUIAR, Narla. *Almanak Laemmert*. Disponível no site: http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/almanak-laemmert-152486/11043. Acesso em: 19/06/2018.

²¹ “O Familysearch é a maior organização de genealogia do mundo. Desde 1894, o Familysearch trabalha com arquivos, bibliotecas e igrejas em mais de 100 países para facilitar o acesso econômico a registros que ajudam as pessoas a encontrar seus antepassados”. Disponível no site: <https://www.saladeimpresamormon.org.br/artigo/familysearch>. Acessado no dia 19/06/2018.

produtores dessa cultura e superando Resende posteriormente.

Para o melhor entendimento do contexto regional de nosso estudo, serão expostos os principais aspectos do processo de ocupação de Resende. Já é fato concreto em nossa historiografia que no Vale do Paraíba Fluminense e no Vale do Paraíba Paulista, a cultura do café foi marcante durante o século XIX. Dialogar-se-á com uma historiografia clássica e com a mais recente, onde serão abordadas: as questões referentes ao período em que os primeiros bandeirantes chegaram nestas terras, perpassando pela inserção do café na região, sua consolidação em meados do XIX e a transferência de capitais para o Vale do Paraíba Paulista, a partir de 1870.

No Capítulo 2, intitulado Família Gonçalves Martins: relações econômicas e comerciais na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, trata sobre o processo de formação de riqueza da família. É fundamental que se destaque que os Gonçalves Martins foram acumulando capital inicialmente com a atividade de tropeirismo exercida pelo patriarca da família, o Comendador Manoel Gonçalves Martins, que tornou-se posteriormente proprietário de fazendas de café. Subsequentemente, com o acúmulo financeiro, oriundo dessa atividade, houve a aquisição de terras que foram acrescidas ao seu patrimônio, o plantio de culturas para a subsistência de suas propriedades e a cultura do café. E, em decorrência do plantio do café, a incorporação de mão de obra escrava. A concentração de renda entre os grandes produtores variava entre 4.000 a 20.000 contos. A renda da Fazenda Babilônia, de propriedade da família Gonçalves Martins, era de 20.000 contos. Com a crise do café a partir de 1870, muitos produtores de Resende, incluindo eles, continuaram com fazendas de café, investindo em tecnologias voltadas à produção, cimentado os terreiros de café, mas também diversificando o investimento em outras áreas.

No Capítulo 3, que tem por título Trajetórias familiares, redes de sociabilidades e política dos Gonçalves Martins, procurou-se fazer a reconstrução da trajetória e importância da família Gonçalves Martins no cenário da Resende do século XIX. Objetivou-se evidenciar questões referentes a formação da riqueza dos membros da família Gonçalves Martins, as redes de sociabilidades estabelecidas por eles ao longo do século XIX e o envolvimento político de alguns membros da família. Portanto, o fio condutor que iniciará a trajetória dessa família será o Comendador Manoel Gonçalves. A reconstituição da trajetória da família apresenta grande relevância, para tanto valendo-se da habilidade de percepção para dimensionar as divergências e conflitos entre os membros daquela família, buscou-se fazer um exame detalhado das ações dos agentes sociais consistirá em desnudar também as estratégias por eles estabelecidas para criar e expandir novas redes de sociabilidades por meio de diversas coligações ou uniões, redes

essas que incluem laços familiares, econômicos, sociais e políticos. As redes de sociabilidades estabelecidas pelo Gonçalves Martins deram-se não somente no âmbito do núcleo familiar, mas também fora dele.

CAPÍTULO I

A CIDADE DE RESENDE: ORIGEM E FORMAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA

O primeiro capítulo deste trabalho tem a finalidade de introduzir o leitor à análise do contexto histórico da cidade de Resende e a sua importância no cenário econômico do Império no século XIX e como pioneira da cultura do café do Vale no Paraíba²² fluminense e disseminadora para o Vale do Paraíba Paulista. Busca ainda, situar o leitor nos principais aspectos do cenário que foi palco dos acontecimentos referentes à Família Gonçalves Martins.

1.1 Origem e formação de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova (Resende)

Avistando nesse lugar uma campina extensa e aprazível, resolveram aqueles sertanejos aí estabelecer o seu domicílio, erguendo suas construções toscas e dando àquele sítio, onde fizeram também suas primeiras culturas, o nome de “Campo Alegre”.²³

Avistando uma campina extensa e aprazível, afirma a citação acima. Tais características tornaram o lugar viável para o estabelecimento de moradias. Uma cidade fundada em um vale, o Vale do Paraíba, na região sul fluminense do Estado do Rio de Janeiro. E nesse Vale muita história foi vivida e muitas vidas construídas a partir do desbravamento dos bandeirantes oriundos principalmente da região das Minas Gerais.

Localizado no Vale do Paraíba²⁴ fluminense, Resende é um município brasileiro,

²²“O rio Paraíba nasce da confluência dos rios Paraíba e Paraitinga, no alto da porção da Serra do Mar chamada regionalmente de Serra da Bocaina. Na localidade de Guararema seu curso encontra um obstáculo que lhe inflite o rumo, em cotovelo, fazendo o leito deslocar-se para NE, direção que define o Vale do Paraíba até a foz, em Campos dos Goitacazes”. BARCELLOS, Marcos Cotim de. *História de Resende – Uma narrativa*. Resende, Academia Resendense de História, 2017.p. 23.

²³MAIA, João de Azevedo Carneiro. *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. 2ª.ed, 1986. p. 01. Trecho que João Maia extraiu do Livro “Memórias Históricas da Província do Rio de Janeiro.

²⁴“O Vale do Paraíba, de um ponto de vista estritamente geográfico, compreende as terras banhadas pelo Rio Paraíba do Sul na parte leste do atual estado de São Paulo e oeste do Rio de Janeiro. Entretanto, já para os contemporâneos do século XIX, a denominação carregava outros significados: café, grandes propriedades e proprietários rurais e escravidão”. MUAZE, Mariana SALLES, Ricardo. *O Vale do Paraíba e o império do Brasil nos quadros da segunda escravidão*. Rio de Janeiro 7Letras, 2015. p. 14.

distante 161 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro. Segundo dados do IBGE²⁵ a população estimada para o ano de 2017 era 126.923 mil habitantes numa área de 1.094.809 km². Situado a 397 metros de altitude, de Resende tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 22° 27' 46" Sul, Longitude: 44° 27' 20" Oeste.²⁶

Os mapas 1 e 2 a seguir mostram a atual localização de Resende - Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova.

Mapa 1. Regiões de Governo e Municípios do Estado do Rio de Janeiro – Localização de Resende/RJ.



Fonte: Extraído do site da Fundação Ceperj – Rio de Janeiro (grifo nosso).²⁷

²⁵ Dados obtidos na plataforma digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://cod.ibge.gov.br/Q9U>.

²⁶ Disponível no site: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-resende.html>. Acesso dia 06/06/2018.

²⁷ Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro. Disponível no site: http://www.ceperj.rj.gov.br/ceep/info_territorios/Reg%20Gov_2013.pdf. Acessado no dia 13/04/2018.

Mapa 2. Divisão atual da cidade de Resende/RJ.

Fonte: Mapa extraído do site da Prefeitura Municipal de Resende.²⁸

Em meados do século XVIII, a região de Resende, no vale do Paraíba fluminense, já era habitada por índios da etnia Puri. Eles habitavam a região compreendida pelos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e sudeste de Minas Gerais.²⁹

Pertenciam à numerosa tribo dos Puris os índios talvez já encontrados na Paraíba Nova do Campo Alegre, ao tempo de sua descoberta por Simão da Cunha Gago. Por muito tempo senhores dos vastos sertões das províncias do Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santos, viviam em contínua guerra com os Botocudos e Coroados, errando pelas matas e construindo apenas suas tabas efêmeras, umas habitações ligeiras, cobertas de folhas e sustentadas por varas, cuja residência abandonavam logo que a veação e os frutos silvestres se iam tornando escassos.³⁰

Além das constantes brigas com os botocudos, os índios puris começaram a ser empecilho aos primeiros bandeirantes que habitavam a região. Com isso, foram travados

Para resolver o problema com os índios, foi enviado o sargento-mor Joaquim Xavier Curado. Após cruentas lutas em que foram dizimados vários índios, os que sobreviveram foram conduzidos a então criada, aldeia do puris em São Luiz Beltrão, depois São Vicente Ferrer (atual Fumaça). Em 1857, ainda existiam 133 puris entre mestiços e puros. O último descendente faleceu em 1864, Victorino Santará.³¹

No ano de 1744 ocorreu a chegada do bandeirante Simão da Cunha Gago à região que fora denominada a priori de *Campo Alegre*, caracterizando assim um marco muito importante para a história de Resende, pois segundo dados históricos oficiais em voga até hoje, foi considerado o ano da sua descoberta. Ou seja, a ocupação e colonização começaram a ocorrer no local definitivamente a partir de 1744.

De acordo com o escritor João de Azevedo Carneiro Maia, a chegada dos bandeirantes à região pode ser comprovada através das narrações de Pizarro em suas *Memórias históricas da Província do Rio de Janeiro*, que constam as seguintes informações:

O Coronel Simão da Cunha Gago, vendo-se por casos da fortuna obrigado a mudar sua residência da Capitania de São Paulo para a de Minas Gerais, foi estabelecer-se no sítio denominado Lagoa da Aiuruoca, pertencente à capela de Nossa Senhora do Rosário. Ai de ajuste com outros, entrou no desígnio bem oculto, de pesquisar ouro e pedras preciosas; e, como se fosse possível encobrir o intento, obteve licença do general D. Luiz de Mascarenhas, que governara São Paulo nos anos de 1739 a 1748, para entrar em conquista do gentio povoador dos sertões da sua vizinhança. Com essa faculdade, e, seguido de vários companheiros, rompeu afoitamente as matas, atravessou rios, e chegou, transpondo a Serra da Mantiqueira, até a margem esquerda da Paraíba Nova, em fins do ano de 1744, ou já no começo do seguinte.³²

Faz-se necessário destacar que nos séculos XVIII e XIX houve inúmeras expedições pelo interior do Brasil na busca da captura de índios e descoberta de minérios. Ou seja, da mesma forma que outras cidades da região, Resende surgiu acompanhando a colonização do interior do Brasil, neste caso, a região sudeste.

A exploração de minerais na região vai muito além de 1744, fato este que pode ser comprovado através de “Cartas e mais papéis de Campo Alegre, sobre terras minerais” escritas no ano de 1791. Nelas são transmitidas informações sobre a descoberta de ouro nas terras de Campo Alegre, ainda em 1764, destacando a necessidade de exploração do ouro descoberto pelo povo daquela região. Conforme descrição abaixo:

O terreno assinalado, entre as margens dos rios Paraíba, e Paraibuna é o mais próprio para se tirar ouro, não só pela abundância dos rios, que facilitarão os

³¹ WHATELY, Maria Celina e GODOY, Maria Cristina. *Crônicas dos duzentos anos: Resende 1801-2001*. Resende-RJ: ARDHIS, 2001. p. 10.

³²MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 01.

trabalhos desta natureza, como também por ser o rio Paraíba muito próprio para se estabelecerem os registos necessários, que evitem os extravios do ouro: e juntamente pela grande distância, que há deste lugar ao alto da Serra do Mar, e por consequência muito afastado dos Portos de Mar. Além do grande benefício que Vossa excelência fara aos miseráveis Povos, que pobremente vivem naqueles sertões na Concessão, e faculdade de tirar ouro resultarão grandes lucros nos Reais Quintos de Sua Majestade, principalmente não vendo necessário, que a Real Fazenda ... com despesa alguma, pois não só os habitantes das duas Freguesias São João Marcos, Campo Alegre se oferecem contente se voluntários para este exercício. Rio de Janeiro 19 de junho de 1791.³³

A descoberta de ouro em Campo Alegre mostrava-se viável sob vários pontos de vista: tanto da lucratividade, quanto pelo posicionamento geográfico, e da utilização da mão de obra dos próprios habitantes da freguesia.

Levando em consideração as afirmações de João Maia, as terras do atual município de Resende se tornaram conhecidas somente em meados do século XVIII, quando a febre do ouro e dos diamantes impulsionou o desbravamento dos atuais Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Não há dúvida que a descoberta de ouro tenha sido um atrativo aos desbravadores. Nesse início, os bandeirantes deparavam-se com os índios que habitavam a região, capturando-os ou muitas vezes enfrentando resistência dos mesmos.

Outro fator importante para o início da ocupação da região defendido por Maria Celina Whately foi o declínio da produção do ouro nas Minas Gerais, a partir de meados do século XVIII, o que fez os mineiros deslocarem-se para a Paraíba Nova.³⁴ Para Barcelos, o fator econômico preponderante e impulsionador da fixação dos desbravadores no Campo Alegre seria a prática da pecuária.³⁵

Há boas razões para admitir que os capitais ligados à pecuária, formados no sul de Minas, vales do rio Grande, Sapucaí, Aiuruoca e Verde, e nas províncias do sul pelo movimento das tropas, mantiveram certo viço econômico e brio social em nossa região, tendo sido financiadores da cafeicultura no *Campo Alegre*.³⁶

A partir da chegada dos bandeirantes deu início ao processo de povoamento da região culminando quase 60 anos depois, no dia 29 de setembro de 1801, na elevação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova à condição de Vila com o

³³AN - Códice BR RJANRIO NP. COD.0.807, v.05 – Dossiê Indicação de título – Coleção de memórias e outros documentos com vários objetos. Copias, e originais das cartas e mais papeis de Campo Alegre, sobre terras minerais. Fls. 108 e 108v. (Ver anexo I).

³⁴WHATELY, Maria Celina. *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. 2ª ed. Resende - RJ, ARDHIS, 2003. p.17.

³⁵BARCELLOS, *História de Resende* – Uma narrativa. Resende. p.153.

³⁶BARCELLOS, *História de Resende* – Uma narrativa. Resende. p. 153.

nome de Resende.³⁷

Para Barcellos,³⁸ a criação das freguesias e vilas fazia parte da política de povoamento conduzida pelos capitães-mores e pelo governo central dos Vice-reis, que incluía o incentivo agrícola, a abertura de caminhos, a doação de sesmarias e a organização militar dos corpos intermediários da sociedade em Auxiliares e ordenanças.

A elevação de Campo Alegre à Vila, a colocava definitivamente no cenário político do Império. O vereador mais votado era o presidente da Câmara e também a autoridade responsável pelo cumprimento das leis estabelecidas. O nome escolhido para a recém-criada vila foi uma homenagem ao Conde de Rezende³⁹, então governador da Província do Rio de Janeiro.

No início do século XIX, os limites territoriais demarcados à então Vila de Resende eram os seguintes:

Parte do Morro da Fortaleza, onde corta o Rio Paraíba e faz a divisa com a capitania de São Paulo, ficando a parte de leste pertencendo ao termo desta vila; e daí, cortando o rumo norte até a serra do Itatiaia, que faz divisa com Minas, em que, vindo por ela abaixo, procura as cabeceiras do Rio Negro, ficando este por divisa até confrontar com a barra do rio Piraí, sendo todas as vertentes do sul para os termos desta vila; e daí corta a buscar à linha reta, pelo mato inculto do Rei, o Ribeirão das Lajes, onde atravessa a Serra do Mar, ficando as vertentes do norte pertencendo ao termo desta vila, e sul, ao termo da cidade do Rio de Janeiro; subindo-o pelo Ribeirão das Lajes acima e costeando até a vista da Fazenda da Laje, ficando esta a leste para o termo da cidade do Rio de Janeiro; e, seguindo a braço do rio que vai à Serra da Mambucaba, e aí cortando o alto da serra pela fazenda do França, ficando esta e as vertentes do norte para o termo até atestar o caminho da Ilha Grande, que faz divisa com ela a buscar a cabeceira do rio Piraí, desde até onde chegar o caminho novo do capitão-mor Manuel da Silva, que faz divisa da Capitania de São Paulo até chegar à Fortaleza, em que fica da estrada para o norte termo desta vila.⁴⁰

No “Livro de Criação e limites de Províncias” assinado por Jozé Albano Fragozo constam os termos para criação e o traslado das ordens para a ereção desta nova Vila, os termos da demarcação, e mais termos de posses nela praticados para remeter à Secretaria de Estado

³⁷Os Autos da criação da Vila de Resende e seus limites constam no livro do Dr. João de Azevedo Carneiro Maia, que o escreveu no ano de 1886 e com segunda edição no ano de 1986, em homenagem ao centenário do livro. Nele João Maia relata que o estado que se encontravam os documentos era precário e que não durariam por muito tempo, fato este que justificava transcrevê-los com urgência.

³⁸ BARCELLOS, *História de Resende* – Uma narrativa. Resende. p.37.

³⁹“*Dom José Luiz de Castro, 2º Conde de Rezende* (1744 – 1819) nasceu em Lisboa, filho de Antônio José de Castro e de Joana Cecília de Lencastre. Foi Almirante de Portugal e capitão da Guarda Real dos Arqueiros. Em 1789 foi nomeado Vice-Rei do Brasil, governando até 1801. Nesta data deu foro de Vila à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova que passou a se chamar Resende em sua homenagem”. BARCELLOS, *Uma narrativa*. Resende: Academia Resendense de História. p. 88.

⁴⁰MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 47. (Ver anexo II).

conforme a ordem:

Traslado da Portaria que abaixo se declara: Como vossa merce se acha munido de todas as ordens e instrucções que expedi ao Juiz de Fora desta cidade para a creação da nova Villa que se deve erigir no distrito de Campo Alegre e de que hade ser Donatário o Coronel Fernando Dias Paes Leme. Vossa merce passará àquelle Destricto e porá em pratica a creação da Villa observando todas as formalidades que se ache estabelecidas em semelhantes cazos. Deos guarde a vossa merce. Rio 20 de septembro de mil oitocentos e hum, Conde de Rezende. Senhor Ouvidor da Comarca Joze Albano Fragozo, cumprase e registrese, Fragozo.⁴¹

Ainda de acordo com o documento de traslado da portaria que acompanha a supra, a criação de uma nova vila no distrito de Campo Alegre fez-se muito conveniente, não só em consequência da permissão que o guarda-mor geral Fernando Dias Paes Leme da Câmara, de criar uma vila, de que devia ser donatário, mas também pela necessidade dos moradores, que tinham prejuízos em função da grande distância que se encontravam do Rio de Janeiro:

Ordeno que vossa merce que recebendo esta, passe ao Distrito de Campo Alegre em companhia do sobredito Guarda-Mor Geral, e que nelle funde huma nova Villa mandando levantar pelourinho fazendo que se elejão justiças e officiaes competentes na forma das Reaes ordens de Sua Majestade e preservando-lhe termo particular, cujos limites se devem designar pelos rios, serras, mais notáveis de sorte que se evitem para...todas as contestações de limites e se atenda principalmente utilidade publica regulando se tudo pella Graça feita por Sua Majestade ao referido donatário. Isto feito remetirá a secretaria deste Estado o Auto da creacção e participará a Camara desta cidade a mesma creacção e limites para que fique na intelligência do que lhe compete. Deos guarde a vossa merce Rio vinte e quatro de julho de mil setecentos e noventa e nove. Conde de Resende, Senhor juiz de terra que serve de Ouvidor e Corregedor da Comarca Joze Albano...Bernardes de Castro. Cumprasse e registrese. Fragozo.⁴²

Conforme o exposto acima, Fernando Dias Paes Leme não se voluntariou para a fundação da Vila de Resende, mas cumpriu determinação estabelecida pelo Vice-Rei Conde de Rezende. Coube-lhe apenas a escolha do lugar que seria estabelecida a vila.

Segue na íntegra o auto da criação da Vila de Resende e Levantamento de Pelourinho.

⁴¹AN – BR RJANRIO NP. COD.0.602, v.4/f.001 – 011. Ereção e criação da Vila de Resende, contendo: 1) Traslado de portaria relativo a criação da vila de Resende; 2) traslado de portaria que acompanha a superior; 3) traslado de alvará concedendo ao guarda-mor geral Fernando Dias Paes Leme da Câmara a mercê de donatário da vila de Resende; 4) traslado do auto da criação da vila nova de Resende e levantamento de pelourinho; 5) traslado de auto de demarcação. Fl. 01. (Ver Anexo III).

⁴²AN – BR RJANRIO NP. COD.0.602, v.4/f.001 – 011. Ereção e criação da Vila de Resende, contendo: 1) Traslado de portaria relativo a criação da vila de Resende; 2) traslado de portaria que acompanha a superior; 3) traslado de alvará concedendo ao guarda-mor geral Fernando Dias Paes Leme da Câmara a mercê de donatário da vila de Resende; 4) traslado do auto da criação da vila nova de Resende e levantamento de pelourinho; 5) traslado de auto de demarcação. Fl. 01-verso. (Ver Anexo IV).

No ato estavam presentes todas as pessoas da Nobreza e Povo e, estando todos presentes, se levantou o Pelourinho em que estavam todas as insígnias competentes, conforme o livro de criação e ereção:

Auto da criação da Vila de Resende: Ano do nascimento do nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e hum annos, aos vinte e nove de septembro do dito anno nesta nova Villa de Rezende, aonde por ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José de Castro Conde de Rezende Vice Rey e Capitão-General de Mar e Terra do Estado do Brasil, veio o Doutor Ouvidor e Corregedor desta Comarca José Albano Fragozo, e sendo ahi por ele forão convocadas todas as pessoas da nobreza e povo e estando todos presentes se levantou o Pelourinho em que estavam todas as insígnias competentes, que denotrô [sic] a jurisdição judicial, a cujo ato se alternarão por tres vezes as palavras: Viva o príncipe Regente, Nosso Senhor. E levantando assim com esta solenidade o dito pelourinho houve o dito e Ministro por formada esta nova Villa e mandou fazer este auto em que assignou com a nobreza e povo que a este ato asestio [sic]. Eu Salvador Correa Alves Quintanilha, Escrivão da Ouvidoria Correições da Comarca, que escrevi e assignei. Fragozo – Salvador Correa Alves Quintanilha – Luiz Manoel de Sá, Vigário – Francisco Xavier de Toledo, Vigário da Vara – Roque Luiz de Macedo Leme – Joaquim José Flores – Manoel Francisco de Paula Negrão – Henrique Vicente Souza de Magalhães, Capitão Comandante – Manoel Ignácio Lousada Magalhães, Capitão – Caetano de Carvalho, Capitão – Vicente Marques Ferreira, Tenente – Manoel Antonio da Silva Guimarães, Tenente – José de Queirós Mascarenhas, Tenente – Joaquim de Carvalho Resende, Tenente – Francisco Correa da Costa, Alferes – João José Carneiro, Alferes – Pedro de Souza Magalhães, Alferes – Antônio Soares Lousada, Alferes – Francisco da Cunha Muniz de Queiroz, Alferes – Ignácio Seixas Ribeiro – Simplício Correa da Costa, G. M. – Luiz Marques Ferreira – Thomaz Francisco Cordeiro – José de Carvalho – Pedro Alexandre – João Antônio de Souza – Antônio de Souza.⁴³

Para João Maia, o ato de criação da Vila de Resende gerou melhorias para a região e para seus os moradores. Ele ressalta que após a criação da Vila, num período de vinte e cinco anos já era possível constatar melhoramentos: reparo das estradas, construção de pontes, edificação da igreja matriz, construção da primeira cadeia, construção de prédios, sobrados, calçamento e iniciada a construção das capelas do Rosário e do Senhor dos Passos.⁴⁴

Ainda segundo João Maia, além da escola de primeiras letras, já estabelecida em 1795, seguiram-se outras em 1802 e 1820. A agricultura e o comércio tiveram impulso com a fundação de novas lavouras de cana, de café, e com abertura de diversas casas de negócios e

⁴³AN – BR RJANRIO NP. COD.0.602, v.4/f.001 – 011. Ereção e criação da Vila de Resende, contendo: 1) Traslado de portaria relativo a criação da vila de Resende; 2) traslado de portaria que acompanha a superior; 3) traslado de alvará concedendo ao guarda-mor geral Fernando Dias Paes Leme da Câmara a mercê de donatário da vila de Resende; 4) traslado do auto da criação da vila nova de Resende e levantamento de pelourinho; 5) traslado de auto de demarcação. Fl. 07 e Flv.07. (Ver Anexo V).

⁴⁴ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p.53.

oficinas.⁴⁵

Pouco mais de quatro décadas após a elevação de Campo Alegre da Conceição da Paraíba Nova ser elevada à categoria de Vila, posterior a todos os processos de elevações e incorporações, o município de Resende foi criado através do Decreto nº 438 do ano de 1848. A vila de Resende foi elevada à categoria de cidade, permanecendo com o mesmo nome de Resende com o seguinte texto:

Criação da Vila de Resende por ato de 29 de setembro de 1801 com a posse de seus primeiros Vereadores, assumindo a Presidência o Sr. André Bernardes Rangel e tendo sido a Vila de Resende, o então curato de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre elevada à categoria de Cidade, por Decreto nº 438, de 13 de julho de 1848, compondo o Município os seguintes distritos: 1º - Cidade; 2º - Campos Eliseos; 3º - Porto Real; 4º - Campo Bello; 5º - Sant' Anna dos Tocos; 6º - Vargem Grande; 7º - São Vicente Ferrer. O dia 13 de julho assinala os 150 anos da elevação da vila de Resende à cidade por decreto do Presidente da então Província do Rio de Janeiro, o Visconde de Barbacena - Felisberto Caldeira Brandt Pontes. Este filho do Marquês de Barbacena que comandou os brasileiros em 20 de fevereiro de 1827 na batalha do Passo do Rosário, a maior batalha campal travada em território brasileiro e contra os argentinos e orientais (uruguaios).⁴⁶

A partir da criação do município, Resende passou a ter além da Câmara Municipal com seus respectivos vereadores e um prefeito ocupando papel central do executivo municipal.

Em publicação no Jornal Astro Rezendense e sob o título Município de Resende, o Dr. João Baptista Cortines Laxe⁴⁷ traça de forma sucinta a trajetória história de Resende, desde a sua descoberta até a criação do município. Segundo ele o município tinha as seguintes freguesias: São Vicente Ferrer, São José de Campo Belo, Senhor Bom Jesus do Ribeirão de Santa Anna, Santo Antônio da Vargem Grande e Resende como cabeça da comarca.⁴⁸

1.2 Censos e população: crescimento populacional e aspectos socioeconômicos do século

⁴⁵ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p.53.

⁴⁶ Decreto nº 438 – Da criação do município de Resende. Dados extraídos do site da Prefeitura Municipal de Resende: http://186.226.211.18:81/consultagabinete/decreto/consulta_decreto_por_numero.php. Consultado no dia 18/09/2017.

⁴⁷ “João Baptista Cortines Laxe - Nasceu na província hoje estado de S. Paulo a 24 de junho de 1830 e ahi falleceu em 1875, sendo bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade da mesma provincia, formado em 1858, e tendo ahi exercido o professorado. Foi depois vereador da camara municipal do Rio Bonito em 1868, advogado em Araruama, e na côrte, deputado à assembléa provincial elo Rio ele Janeiro e membro do Instituto da ordem dos advogados brasileiros”. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. Vol. III. p. 338.

⁴⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. 09 de maio do Anno 1868. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.35. (Ver Anexo VI).

XIX.

A partir da chegada dos primeiros colonizadores em meados do século XVIII, teve início um crescimento populacional na região. Esses colonizadores “construíram choças cobertas de folhas de palmeira (uricana e palmito) e plantavam milho, feijão e mandioca trazidos de Minas; do vale paulista trouxeram a cana-de-açúcar (...), de Minas também trouxeram o cavalo e o boi (...)”.⁴⁹ Segundo Paulo Reis, “como eram ainda muito escassos os braços destinados ao trabalho rural, muitas vezes o lavrador recorria aos mutirões, reunindo em certo dia um grande número de camaradas vizinhos (...)”⁵⁰ Com o declínio da produção de ouro nas Minas Gerais, o fluxo de pessoas oriundas daquela região para a Paraíba Nova aumentou e por consequência houve naturalmente o aumento populacional. A região oferecia um atrativo especial por sua topografia e condições adequadas para a agricultura e pecuária.

De acordo com Whately, “outra leva de mineiros teria se transferido para a Paraíba Nova a partir de 1792 após o insucesso da Inconfidência Mineira, fugindo dos problemas políticos e econômicos resultantes daquele movimento e trazendo não só os capitais acumulados mas a experiência com as fazendas de criar”.⁵¹

Adriano Novaes diz que grande parte dos fazendeiros que desbravaram o Vale do Paraíba em princípios do século XIX era oriunda da região mineradora das Gerais, principalmente da comarca de Rio das Mortes. Exerciam atividades que iam do tráfico de africanos à criação de gado bovino.⁵²

Os censos realizados, nos possibilitam entender melhor como se caracterizava a população de Resende desde a partir de 1806 quando da realização do primeiro censo feito pelo capitão-mor Jozé Soares Louzada. Com base na análise dos censos pretende-se evidenciar os aspectos socioeconômicos dos habitantes de Resende.

No censo realizado por Louzada em 1806 na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, vila de Resende, já é possível verificar uma população de 3.240 habitantes.⁵³ No levantamento realizado há o registro de 531 fogos⁵⁴ na freguesia.

⁴⁹WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. p.16.

⁵⁰ REIS, Paulo Pereira dos. *Lorena nos séculos XVIII e XVIII*. Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Fundação Nacional do Tropeirismo, 1988. p. 28.

⁵¹WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. p.17.

⁵² NOVAES, Adriano. *A paisagem da fazenda cafeeira através da iconografia no século XIX*. Disponível no site: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/25_adriano-novaes.pdf. Acessado no dia 20/01/2019.

⁵³AN – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.Fl. 31. (Ver Anexo VII).

⁵⁴Fogos: o Decreto nº 157, de 4 de maio de 1842, em seu art. 6º, assim definia fogo: “Por fogo entende-se a casa, ou parte dela, em que habita independentemente uma pessoa ou família; de maneira que um mesmo edifício pode

Tabela 1. Censo realizado pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada em 1806 – Vila de Resende

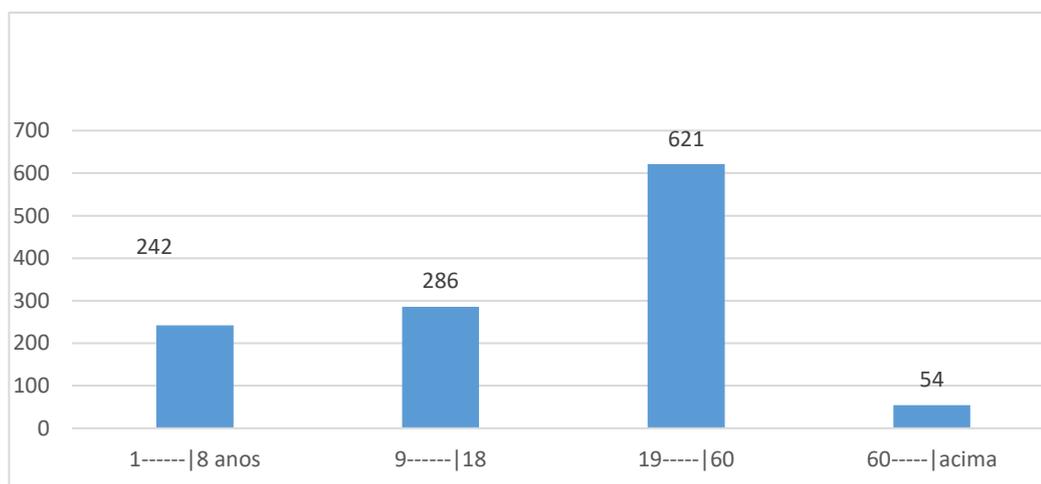
População da vila de Resende em 1806		Habitantes	Porcentagem
Todos os fogos	- 531		
Homens de 1 ano até 8		242	
Homens de 9 até 18		286	
Homens de 19 até 60		621	74,75%
Homens de 60 para cima		054	
Mulheres cabeça de casal		064	
Todas as mulheres		1155	
Escravos de ambos os sexos		818	25,25%
Todas as pessoas		3240	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base em documentação do Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl. 31.

Através da análise da tabela acima, pode-se verificar o índice populacional no ano de 1806, cuja população livre era maior que a escrava, com o valor de 74,75% da população total, ficando a escrava com o valor de 25,25%.

Com relação a distribuição etária dos homens na Vila de Resende, o gráfico abaixo demonstra a superioridade numérica dos homens livres com idades entre 19 a 60 anos com relação as demais faixas etárias, ou seja, aqueles com idade produtiva.

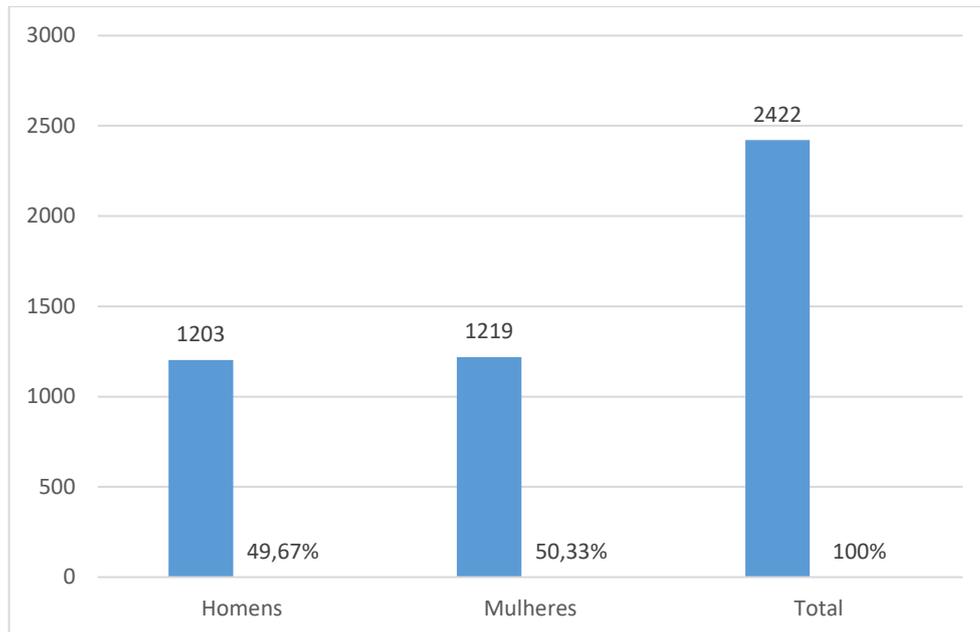
Gráfico 1. Distribuição Etária dos homens Villa de Resende - 1806



Fonte: Arquivo Nacional. Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl. 31.

O índice de masculinidade entre os livres foi praticamente igual, com uma diferença de apenas 16 pessoas. Os dados abaixo mostram um percentual de mulheres de 50,33% e 49,67% de homens.

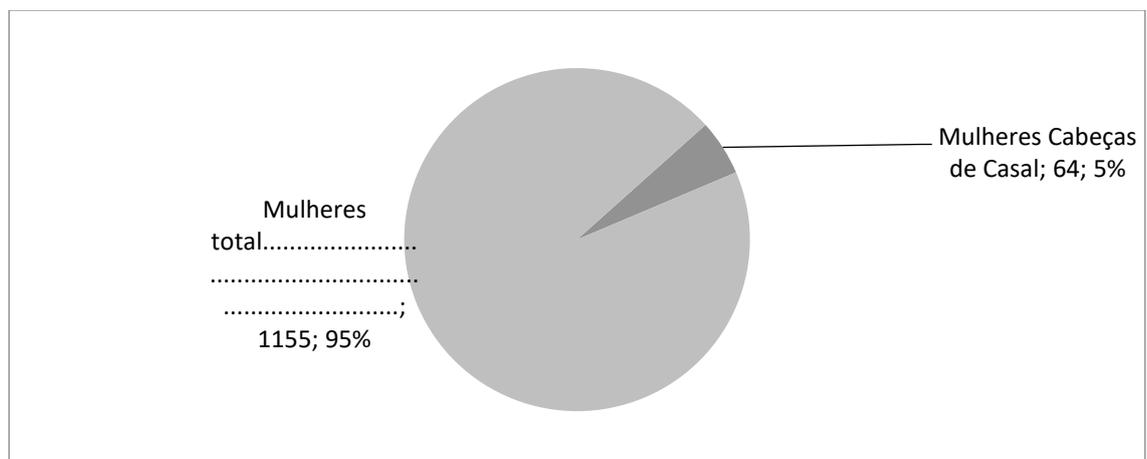
Gráfico 2. Percentual de homens e mulheres livres na vila de Resende em 1806



Fonte: Elaborado pela autora com base em documentação do Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl. 31.

Analisando-se os dados abaixo, sobre as mulheres, observa-se que 64 delas, ou seja 5%, eram cabeça de casal. Portanto, aquelas mulheres conduziam as suas famílias, em uma sociedade em que a maioria delas eram comandadas majoritariamente por homens. Outro fator que chama a atenção, é o número majoritário de mulheres, o que pode significar uma alta na capacidade reprodutiva.

Gráfico 3. Mulheres estrutura - Villa de Resende 1806



Fonte: Gráfico elaborado pelo historiador Júlio Cesar Fidelis e cedido à autora. Arquivo Nacional. Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl. 31

O censo realizado pelo capitão-mor Jozé Soares Louzada em 1806, deixa em evidência a importância dada às mulheres cabeça de casal, colocando-as na mesma somatória que os homens, demonstrando assim, sua importância tanto na condução de suas famílias quanto sua importância no seio da sociedade. O censo não deixa evidente, no entanto, os fatores que poderiam explicar essa configuração familiar. Outro dado que não consta no censo é a estrutura etária daquelas mulheres.

Figura 1. Censo da Vila de Resende do ano de 1806

Descrição	Quantidade	Total
Todos os fogos	531	
De 1 anno te 8	242	1267
De 9 ditos te 18	286	
De 19 ditos te 60	621	
De 60. para cima	54	
Mulheres cabecas de casal	64	1973
Todas as Mulheres	1155	
Escravos de ambos os Sexos	818	
Todas as Pessoas	3240	

Fonte: Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl. 31.

O censo realizado pelo capitão-mor Jozé Soares Louzada também traz um resumo geral dos três distritos da companhia das ordenações, que compreende a saber: a primeira, desde a freguesia de São João Marcos até o Morro das Colheres; a segunda, do Morro das Colheres,

Capela de Santa Anna no Pirahy, até a Volta Redonda na freguesia vila de Resende; e a terceira da Volta Redonda até o Morro da Fortaleza, freguesia de Campo Alegre vila de Resende, até a fazenda do padre Brandão.⁵⁵

Quadro 1. Censo realizado pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada em 1806 na Freguesias e vila de Resende

Freguesias e Vila de Resende ano 1806	
Total dos fogos	1092
Homens - distribuição etária	
1 a 8 anos	613
9 a 18	481
19 a 60	1179
60 acima	92
Total	2365
Mulheres Cabeças de Casal	113
Mulheres total	2305
Escravos de Ambos os sexos	2376
	4794
Total da População em 1806.....	7159
Distribuição Livres e Escravos	
Homens	2365
Mulheres	2418
Escravos de ambos os sexos	2376

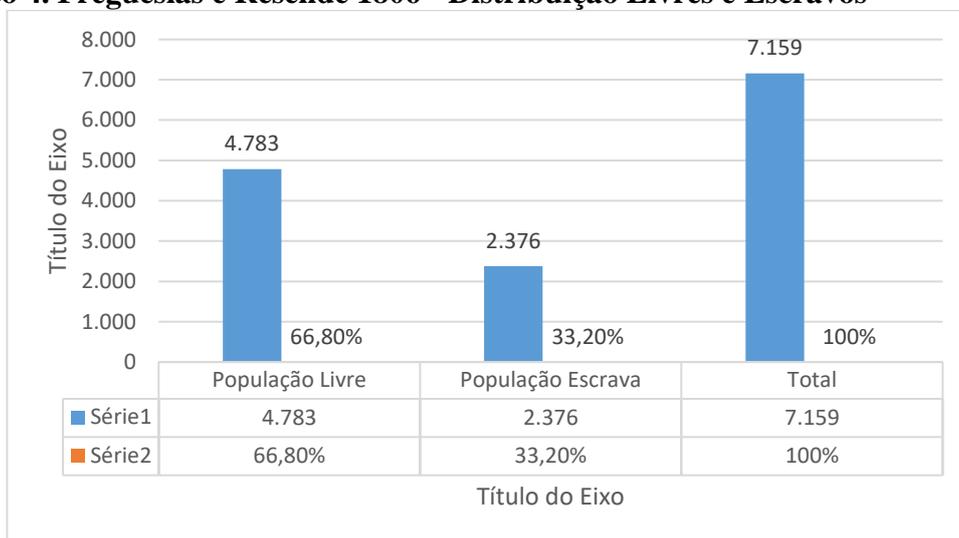
Fonte: Arquivo Nacional. Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl.06.

No âmbito geral que incluiu as freguesias e vila de Resende no ano de 1806, ficou bastante evidenciado o crescimento populacional, totalizando 7.159 habitantes. Desse total, 4.783 eram livres, com um percentual de 66,8%, e 2.376 eram escravos de ambos os sexos, com

⁵⁵ AN – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.Fl. 06. (Ver Anexo VIII).

um percentual de 33,2%. O número de homens e mulheres livres era nitidamente superior ao de cativos.

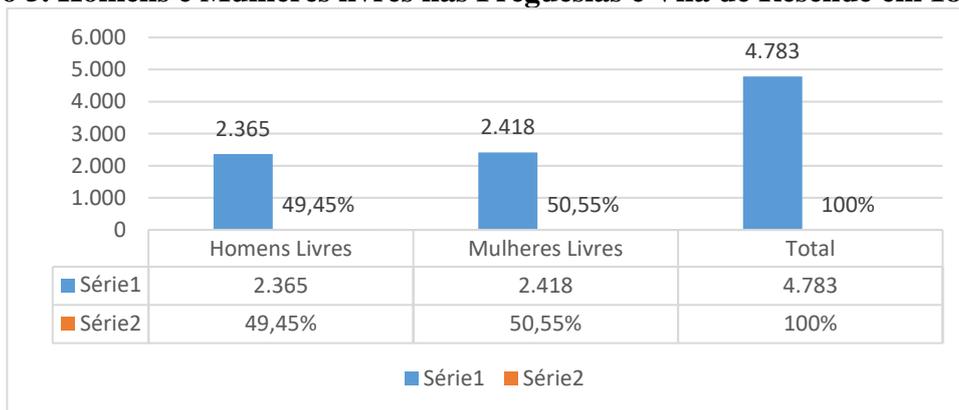
Gráfico 4. Freguesias e Resende 1806 - Distribuição Livres e Escravos



Fonte: Gráfico elaborada pela autora com base em documentação do Arquivo Nacional. Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.FI.06.

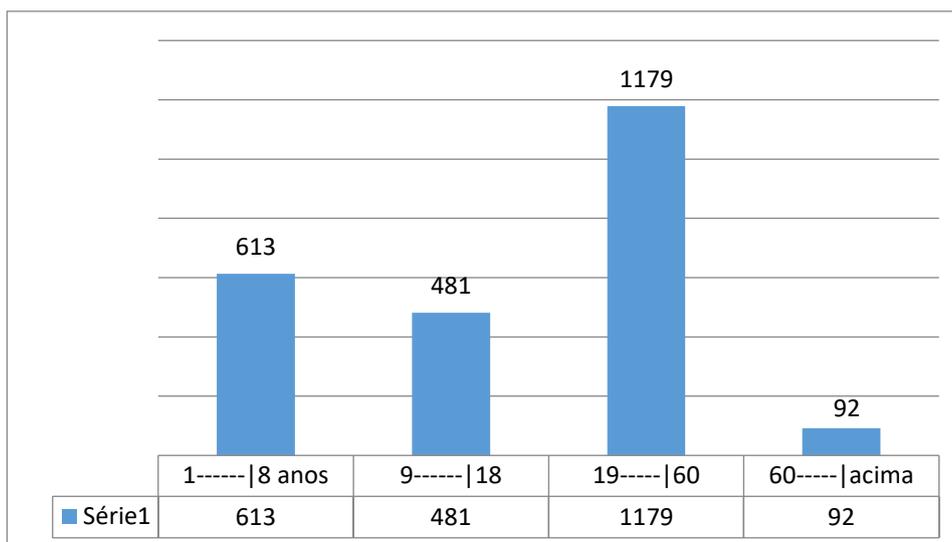
O gráfico abaixo demonstrou uma pequena superioridade do número de mulheres em relação aos homens: Mulheres 50,55% e homens 49,45%. Quanto a distribuição das mulheres verificou-se que 5% delas eram cabeça de casal.

Gráfico 5. Homens e Mulheres livres nas Freguesias e Vila de Resende em 1806



Fonte: Elaborado pela autora com base em documentação do Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.FI. 06.

Gráfico 6. Freguesias e vila de Resende em 1806- Distribuição etária dos Homens



Fonte: Arquivo Nacional. Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114.Fl.06.

O gráfico acima demonstra a superioridade numérica entre os homens livres com as idades entre 19 a 60 anos. Diante dos dados analisados, foi constatado um crescimento populacional considerável. Chama atenção o número de 613 pessoas na faixa etária de 01 a 08 anos, levando a conjecturar um grande número de nascimentos.

Com a introdução do café no Campo Alegre no final do século XVIII, a região preconizou uma fase da história do Vale do Paraíba e do Brasil, da economia voltada ao cultivo da rubiácea e dos grandes barões do café. Em 1802 já havia registros de compras e vendas de terras possuindo cafezais.⁵⁶ O advento do café na região contribuiu para o aumento populacional e a utilização da mão de obra escrava nas lavouras de café.

Um pouco mais de três décadas depois, no ano de 1842 a população de Resende excedia 18.477, configurando um crescimento populacional ascendente, conforme pode-se constatar abaixo:

A população do município de Resende, posto que mui longe ainda de corresponder à grandeza de seu território, tem, não obstante, apresentado, de 1842 em diante, uma escala ascendente digna de mencionar-se, graças a salubridade de seu clima, a exuberância do solo e aos meios de existência independente do trabalho mortificante que, não poucas vezes retrai o algarismo das populações mal supridas.⁵⁷

No mapa estatístico do ano de 1844 a freguesia de Resende, incluindo a população livre e também a cativa chegou na ordem de 19.091 habitantes.⁵⁸Do ano de 1842 a 1844 houve um

⁵⁶MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p.34.

⁵⁷ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p.152.

⁵⁸AN – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.Fl.62. (Ver Anexo IX).

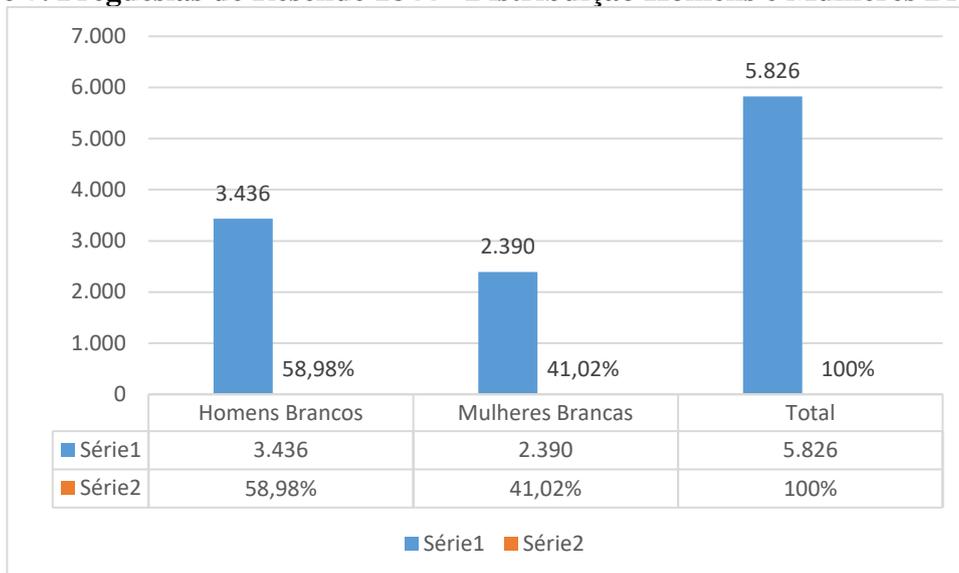
crescimento populacional de 614 pessoas. O censo de 1844 foi mais detalhado do que o de 1806, apresentando o número de brancos, indígenas, pardos e pretos.

Tabela 2. Mapa estatístico da População da Província do Rio de Janeiro segundo as condições, sexos e cores no ano de 1844 – Freguesias de Resende.

Comarcas	Municípios	Freguesias	Livres								Cativos				Total			
			Brancos		Indígenas		Pardos		Pretos		Pardos		Pretos		Freguesias	Município	Comarcas	
			Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres				
Resende			Capela de São Joaquim...	541		188		180	166	31	30	20	20	748	413	3010	19.091	19.091
			Curato de São Vicente Ferrer	331	310	19	27	305	248	32	20	13	17	378	224	1923		
			Freguesia da Villa	1.125	973	15	17	722	862	195	209	80	64	3243	1739	9305		
			Curado de Sant'Anna	632	562	2	-	120	86	15	9	32	24	1080	570	3072		
			Freguesia do Campo Bello	807	40	-	-	43	*	*	*	12	7	410	458	1781		
			Total															

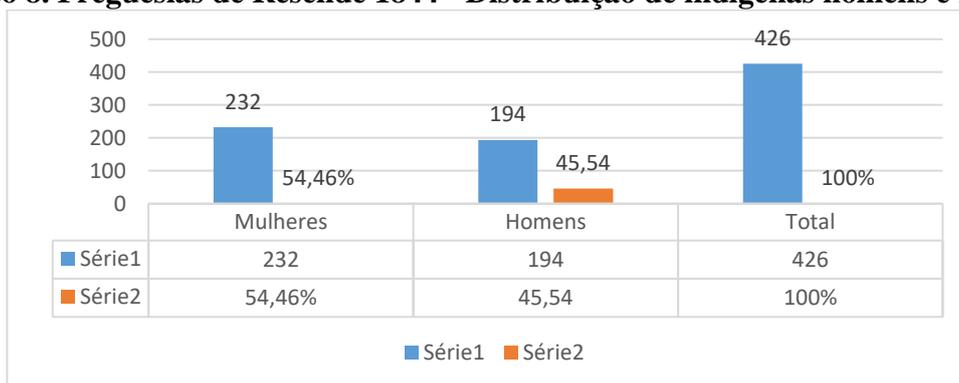
Fonte: Elaborado pela autora com base em documentação do Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844. Fl.62. Legenda:(*) ilegível, (-) não constava nenhum dado.

Através da tabela acima, pode-se perceber um crescimento populacional de 15.851 pessoas entre os anos de 1806 e 1844. Analisando os números referentes à população de homens e mulheres brancos, foi possível verificar que o número de homens era superior ao de mulheres. O total de homens foi de 3.436 – 58,98% - e o total de mulheres foi de 2.390 – 41,02%.

Gráfico 7. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição Homens e Mulheres Brancos

Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

Com relação à população indígena o quadro se inverteu, sendo o número de mulheres um pouco superior, com 232 pessoas – 54,46% - e o número de homens foi de 194, com um percentual de 45,54%.

Gráfico 8. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de indígenas homens e mulheres

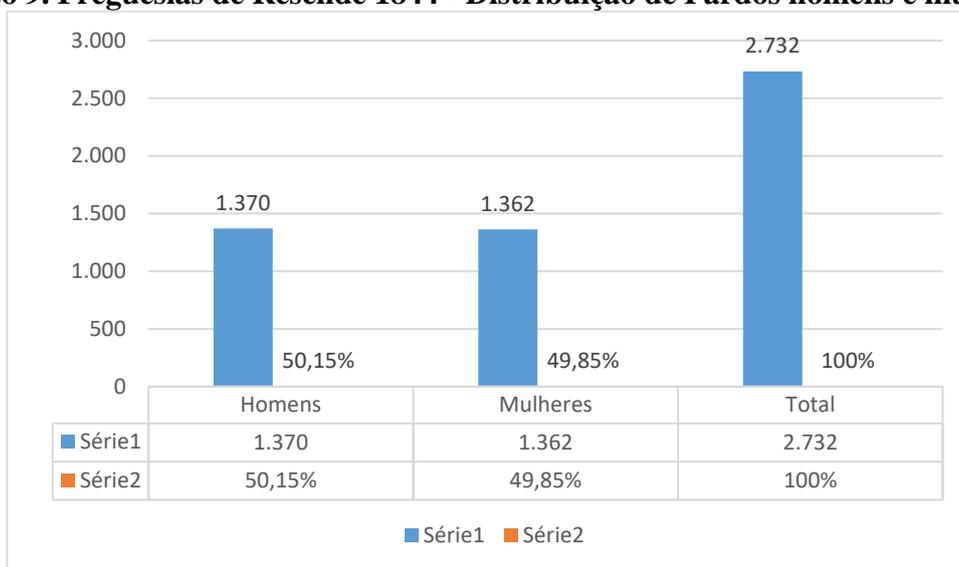
Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

Um dado bastante interessante que pode-se verificar ao analisar o mapa estatístico de Resende com relação à população livre, foi um número considerável de pardos e pretos nessa categoria.

Nos pardos livres o número de homens foi de 1.370 – 50,15%, pouco superior ao número

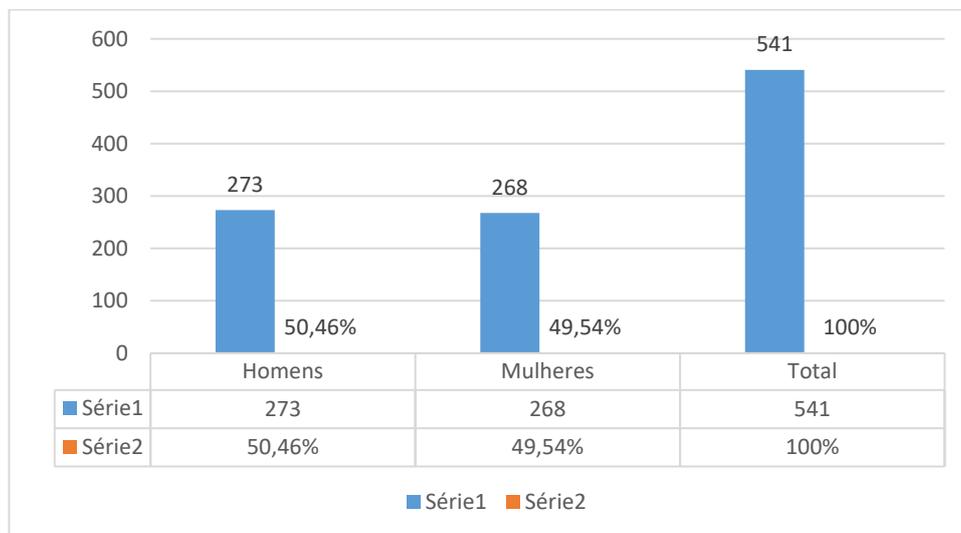
de mulheres que foi de 1362 – 49,85%. Como não foi possível verificar o número de mulheres pardas na Freguesia de Campo Bello (dados ilegíveis) pode-se conjecturar que o número de mulheres poderia se equiparar ou superar o de homens.

Gráfico 9. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de Pardos homens e mulheres



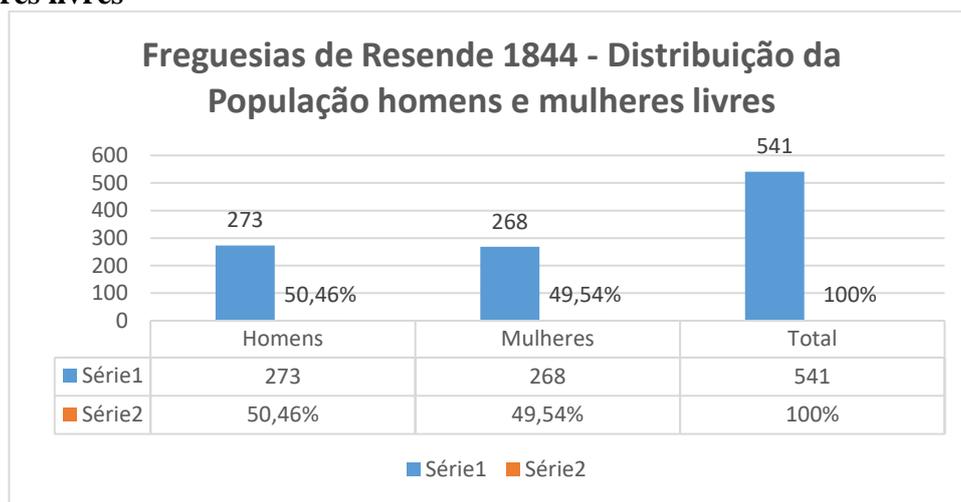
Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

Ao analisar os dados sobre pretos livres pode-se verificar o seguinte: O número de homens e de mulheres era praticamente igual. De um total de 541 pessoas, 273 eram homens e 268 eram mulheres. Há que se esclarecer que os dados referentes a Freguesia de Campo Bello (atual município de Itatiaia) estavam ilegíveis. Portanto, os dados expostos excluem a Freguesia de Campo Bello, mas ficaram os do Curado de Sant’Anna, Freguesia da Villa, Curado de São Vicente Ferrer e Capela de São Joaquim.

Gráfico 10. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição de pretos/homens e mulheres

Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

Também foi possível verificar no quadro geral, que o número de homens livres supera o de mulheres livres. Os números são os seguintes: Homens livres: 5.273 (55,65%) e mulheres livres: 4.252 (44,35 %).

Gráfico 11. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de homens e mulheres livres

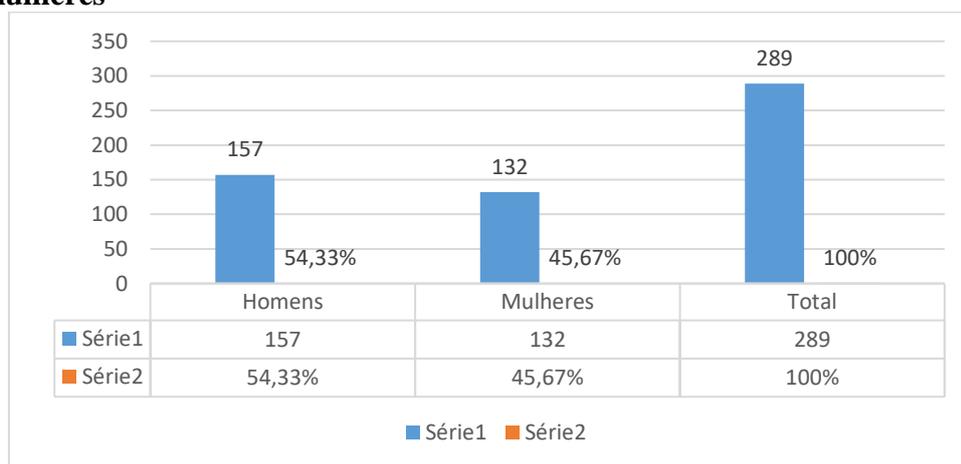
Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

No que se refere aos dados relativos aos cativos, pode-se verificar que o mapa estatístico era formado por apenas duas classificações: pardos e pretos. Note-se que apesar do considerável

número de pardos livres, haviam pardos cativos.

Nos pardos cativos o número de homens foi de 157 – 54,33%, pouco superior ao número de mulheres que foi de 132 – 45,67%. Num total de 289 pessoas.

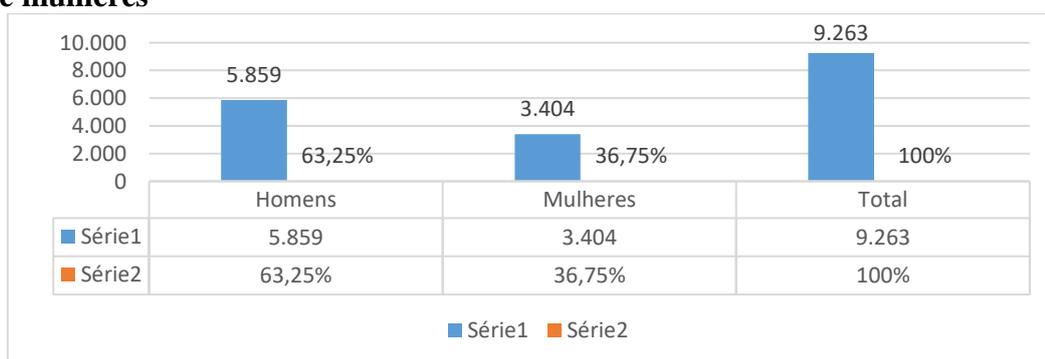
Gráfico 12. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de pardos cativos Homens e mulheres



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

Ao analisar os dados sobre pretos cativos pode-se verificar o seguinte: O número de homens era superior ao de mulheres. De um total de 9.263 pessoas, 5.859 eram homens e 3.404 eram mulheres. Em termos percentuais, 63,25% eram homens e 36,75% eram mulheres.

Gráfico 13. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da População de pretos cativos: Homens e mulheres

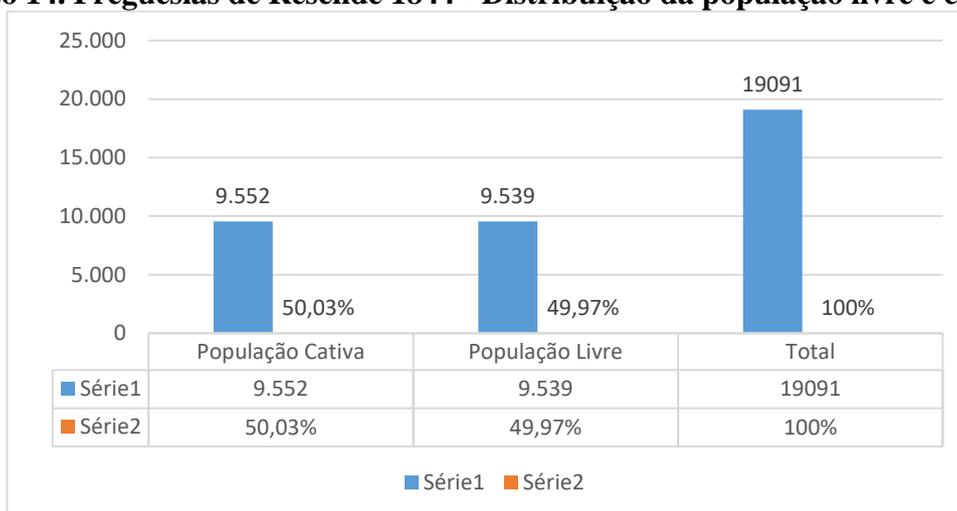


Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.FI.62.

A população escrava masculina era maior em relação à feminina. Ainda segundo Mirian Cristina “antes da proibição do tráfico de escravos, as instruções para exportação de negros para

as Américas eram de dar preferência aos do sexo masculino, entre 14 e 40 anos de idade”.⁵⁹Essa afirmação justifica a superioridade numérica no número de escravos homens em relação as mulheres, expressos no censo de 1844.

Gráfico 14. Freguesias de Resende 1844 - Distribuição da população livre e cativa



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base em documentação constante no Arquivo Nacional – Diversos Códices – NP.COD.0.808. v.02/006-114. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Vila de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844.Fl.62.

Em termos gerais constatou-se que a população livre e cativa apresentavam praticamente o mesmo percentual. A população cativa, com o valor de 9.552 pessoas, com percentual de 50,03% da população total, ficando a população livre, como valor de 9.539, 49,97% do valor total.

Como já foi bem destacado, a população de Resende em 1844 era de 19.091 pessoas. Do ano de 1844 para 1856 a população aumentou 5.097 pessoas. Sendo assim, em 1856 a cidade possuía 24.188 habitantes.

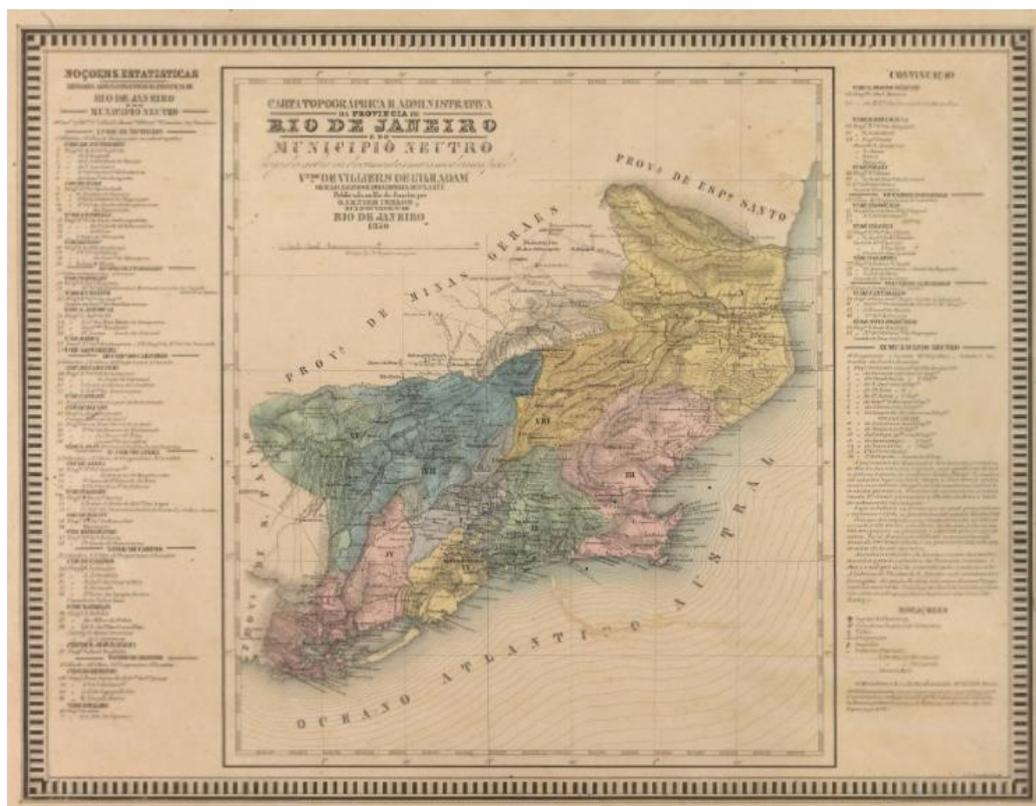
Pode-se dizer que o aumento populacional coincide com o que Whately considerou como “o auge da cafeicultura resendense que teria se dado na virada da década de 1840 para 1850”.⁶⁰ Ainda segundo ela, em 1842 Resende produzia 200 mil arrobas ao ano e passaria a exportar em 1853 a 800 mil arrobas.

Conforme dados das Cartas topográficas e administrativas das províncias do Brasil, em 1850 a cidade de Resende era composta pelas Freguesias de Bom Jesus do Ribeirão de Santana, Nossa Senhora da Conceição, São José de Campo Bello e São Vicente Ferrer.

⁵⁹ ILIFFE, Jonh. *África história de um continente*. Madrid: Cambridge University Press, 1984. Pág.200. Citado por CRISTO, Mirian Siqueira. p. 40.

⁶⁰WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. p.36.

Mapa 3. Carta topográfica do Rio de Janeiro em 1850



Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart67925/cart67925.htm

Quadro 2. População do município de Resende, e particularmente da paróquia da cidade nos anos de 1856

MUNICÍPIO – POPULAÇÃO LIVRE EM 1856								
PARÓQUIAS	Fogos	Homens	Mulheres	Menores	Solteiros	Casados	Viúvos	Total
Cidade	1.369	3.737	3.507	2.985	4.792	2.090	362	7.244
Campo Belo	416	1.068	1.017	903	1.341	644	100	2.085

S. Vicente	549	1.484	1.428	1.219	1.886	900	126	2.912
Sant'Anna	307	831	793	717	1.070	198	36	1.624
	2.641	7.120	6.745	5.854	9.089	4.132	644	13.865

Fonte – Extraído do livro de MAIA, João de Azevedo. *Do descobrimento do Campo Alegre até a criação da Vila de Resende*. Resende, RJ: 2ª.ed, 1986. P.156.

Ao analisar o quadro acima referente as pessoas livres do município de Resende, constata-se um maior número de homens do que mulheres. De um total de 13.865 pessoas, 7.120 (51,35%) são homens e 6.745 (48,65%) são mulheres. A quantidade de solteiros é muito maior do que de casados e de viúvos. Em termos percentuais, ficaram assim definidos: Solteiros 9.089 (65,55%), casados 4.132 (29,80%) e viúvos 644 (4,65%) da população. Outro dado interesse é que 5.854 (42,22%) da população total eram menores. Sendo o seu maior número 2.985 na sede do município e, em segundo lugar São Vicente Ferrer, com 1.428.

Ao que concerne ao número de fogos do município, calcula-se que havia provavelmente uma média de 5,25 pessoas por fogo.

O censo de 1856 também forneceu dados relativos a população escrava em 1856 no município de Resende, seguindo os mesmos critérios utilizados para a população livre.

Quadro 3. População escrava em 1856

PARÓQUIAS	Fogos	Homens	Mulheres	Menores	Solteiros	Casados	Viúvos	Total
Cidade	1.369	3.340	2.181	2.320	4.477	867	177	5.521
Campo Bello	416	1.089	621	391	1.230	418	62	1.710

S. Vicente	549	836	591	465	1.120	272	35	1.427
Sant'Anna	307	955	710	385	1.174	456	35	1.665
	2.641	6.220	4.103	3.561	8.001	2.013	309	10.323
Total da população livre e escrava.....								24.188

Fonte – MAIA, João de Azevedo. *Do descobrimento do Campo Alegre até a criação da Vila de Resende*. Resende, RJ: 2ª.ed, 1986. P.156.

Com relação a população escrava, aqui também é possível verificar um número de homens superior ao de mulheres.

De um total de 10.323 pessoas, 6.220 (60,25%) são homens e 4.103 (39,75%) são mulheres. A quantidade de solteiros é muito maior do que de casados e de viúvos. Em termos percentuais, ficaram assim definidos: Solteiros 8.001 (77,51%), casados 2.013 (19,50%) e viúvos 309 (2,99%) da população escrava. O censo expõe uma informação muito importante relacionada a formação ou não de famílias por escravos, evidenciando 2.013 escravos casados, ou seja, constituindo famílias.

O número de menores era de 3.561 (34,50%). Sendo o seu maior número 2.320 na sede do município e, em segundo lugar São Vicente Ferrer, com 465.

Somando-se o total da população livre de 13.865, mais a população escrava de 10.323, totalizam-se 24.188 habitantes na cidade de Resende no ano de 1856. Ainda nesse censo pode-se visualizar pouca diferença do número de livres e do número de escravos.

Do censo organizado por Louzada em 1806, em que Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova possuía 7.159 mil habitantes até 1856, Resende apresentou um crescimento populacional de 17.029 mil habitantes, num período de 50 anos.

O censo de 1872 nos possibilita entender melhor como se caracterizava a população de Resende. Reunindo todas as freguesias a população era de 28.964 pessoas, sendo que 19.527 eram de pessoas livres e 9.437 eram escravos.⁶¹ Ou seja, 67,4% eram livres e 32,5% eram

⁶¹IBGE – Recenseamento do Brasil em 1872. Quadro Geral da população livre e escrava da Província do Rio de Janeiro – Cidade de Resende.

escravos. A diferença entre o número de livres e de cativos é grande. A população escrava nunca chegou a ser superior numericamente à população livre.

A população do distrito sede - Nossa Senhora da Conceição de Resende – em 1872 era 12.632 pessoas. Deste total 67,02% eram de pessoas livres e 32,98% eram de escravos.

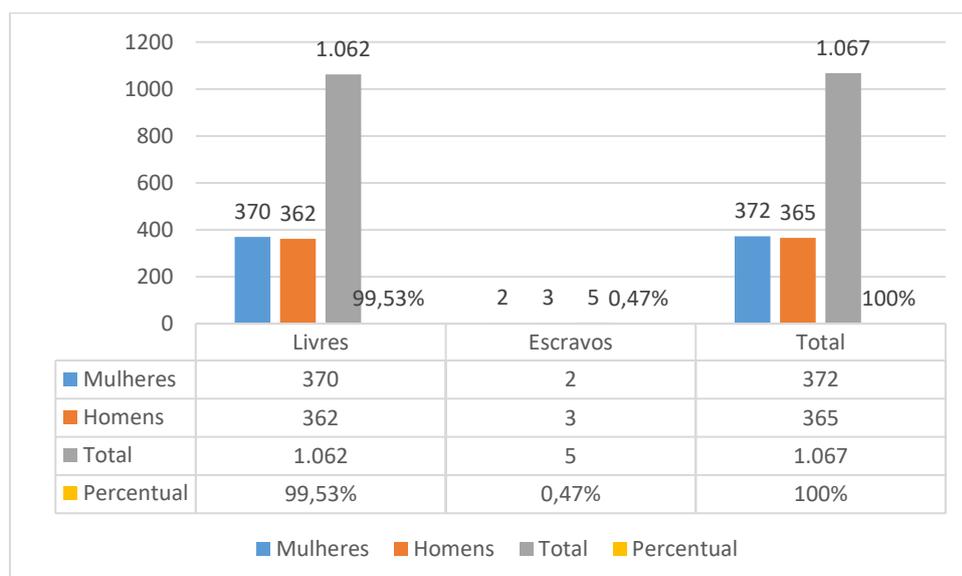
Quadro 4. População do distrito sede - Nossa Senhora da Conceição de Resende

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Resende (1872)			
Sexo	Livres	Escravos	Total
Homens	4.512	2.395	6.907
Mulheres	3.954	1771	5.725
Total	8.466	4.166	12.632
Percentual	67,02%	32,98%	100%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no censo do IBGE – Recenseamento do Brasil em 1872. Quadro geral da população livre e escrava da Província do Rio de Janeiro – Cidade de Resende.

De acordo com o censo, 8,45% destes indivíduos sabiam ler, somando 1.067 pessoas, das quais 695 eram do sexo masculino e 372 eram mulheres. Note-se também que apenas 05 escravos sabiam ler e escrever, ou seja, 0,47% do total, como demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 15. Pessoas que sabiam ler e escrever em 1872



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base no censo do IBGE – Recenseamento do Brasil em 1872. Quadro geral da população livre e escrava da Província do Rio de Janeiro – Cidade de Resende.

Com base no Censo de 1872, pode-se verificar que o número de escravos no município

de Resende é bem inferior ao número de pessoas livres. Outro fator importante que se evidencia era o percentual de pessoas alfabetizadas, ou seja, somente 8,45%.

Conforme o censo populacional, o total de habitantes de Resende para os anos de 1872, 1890, 1900, 1910 e 1920, e suas respectivas variações foram as seguintes:⁶²

Quadro 5. Dados populacionais de Resende nos anos de 1872, 1890, 1900, 1910, e 1920.

Ano	População
1872	29.158
1890	29.691
1900	22.909
1910	26.440
1920	28.210

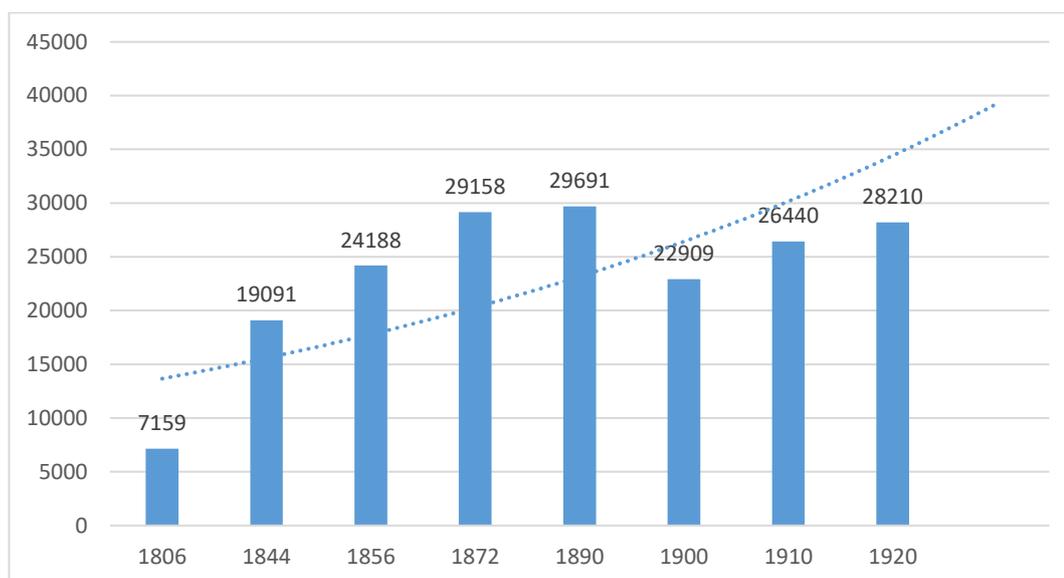
Fonte: Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912.

De 1870 a 1890, período caracterizado como o ápice da crise cafeeira em Resende, praticamente não houve crescimento populacional e de 1890 a 1920 ocorreu um declínio no crescimento populacional. Entre 1872 e 1890 houve um aumento de apenas 533 pessoas. O crescimento populacional na cidade de Resende praticamente parou no espaço de duas décadas. Até o início do século XX não houve alterações consideráveis, havendo até em um momento, um decréscimo populacional.

O gráfico abaixo demonstra a evolução do crescimento populacional de Resende no século XIX e início do XX e suas variações utilizando também os dados anteriores.

⁶²Recenseamentos 1872, 1890, 1900, e 1920; Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912. Recenseamentos 1872 e Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1890 = pré-cisidurecenseamentdu 31 décembre 1890. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/...do...1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf> e <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227299>. Acesso: 29 de jan. de 2018.

Gráfico 16. Evolução do crescimento populacional de Resende no século XIX



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base nos censos mencionados e Anuário Estatístico do Brasil de 1907-1912.

O que pode-se verificar a grosso modo com os dados populacionais acima mencionados é que até meados do Oitocentos a população resendense seguia um crescimento constante. O que provavelmente pode ser associado ao sucesso das plantações de café que fazia com que um maior número de pessoas se deslocasse para a região. Soma-se a isso, a aquisição de mão de obra escrava para trabalhar nas lavouras. Sabe-se que em 1850 com promulgação da Lei Eusébio de Queirós e consequente proibição do tráfico de escravos, houve também uma diminuição no número de escravos na região. Prevalendo o comércio de escravos inter-regionais ou o comércio ilícito. O relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro do ano de 1858 reforça essa afirmativa:

Accresce que desde o anno de 1850, em que cessou o tráfico de africanos, deixou a lavoura de ter suprimentos dos braços que lhe eram necessários para substituir o que as doenças, a idade, e mais que tudo as epidemias da febre amarela e da cholera-morbus ceifárão, e vão ceifando.⁶³

No que se refere ao crescimento populacional ou seu declínio, na cidade de Resende durante o século XIX, está em grande medida diretamente associado a crise cafeeira ocorrida a partir de 1870. Sendo assim, é correto afirmar a grande importância que o café representou para

⁶³Furquim de Almeida, Caetano, "Carestia de Gêneros Alimentícios ". Relatório apresentado á Assembléa Legislativa da província do Rio de Janeiro na 1.a sessão da 13a legislatura pelo presidente, o conselheiro Antonio Nicoláo Tolentino. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1858. Disponível no site: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro. p. 165. Acesso em: dia 29 de jan. de 2018.

a sociedade resendense.

1.3 Resende: O café e o Vale do Paraíba fluminense

Apesar da sua origem, o café é considerado uma paixão nacional no Brasil, fazendo parte do cotidiano dos brasileiros. Ele faz parte do dia a dia da maioria dos brasileiros, não só nas residências, mas também em diversos espaços públicos e privados.

Coffea arábica é uma planta natural da África, originada na Etiópia. Domesticado no século XIV, uma centena de anos depois já era comercializado em alguns centros urbanos ao redor dos mares Mediterrâneo e Vermelho.⁶⁴

Ana Luiza Martins em *A história do café*⁶⁵, narra a trajetória de aventura e ousadia da mais conhecida bebida negra de todo o mundo: o café⁶⁶. A autora destaca que a semente do café veio para ficar e marcar a nossa história.

Bruno Novelino Vittoretto explica que o café entrou no Brasil pela região amazônica:

As primeiras árvores de café entraram no Brasil pelo norte, em 1727, e alguns testes de aclimação foram feitos para introduzi-las em diversas regiões. Contudo, encontraram melhores condições no sudeste. O plantio aumentou nas primeiras décadas do século XIX quando a Província do Rio de Janeiro cultivou pela primeira vez a *Coffea arábica* em grandes quantidades na região do Vale do Paraíba e transformou o mercado mundial desde então.⁶⁷

Afonso d'E. Taunay ressalta que o café chegou ao Brasil por meio do sargento-mor Francisco de Melo Palheta (1670 – 1750). Ele trouxe, de Caiena para Belém, os primeiros grãos de café plantados no Brasil.⁶⁸

Ainda segundo Taunay, parece absolutamente ponto vencido que o introdutor do cafeeiro, no Rio de Janeiro, foi o chanceler da Relação local, Desembargador João Alberto de Castelo Branco.

Trouxe Castelo Branco as primeiras mudas de café para o Rio, nas vizinhanças de 1760. Em 1756, servia na Relação de Goa, e, a 14 de maio de 1757, chegou à Bahia vindo da Índia. Do manifesto de sua nau *Santo Antônio e Justiça* não consta que trouxesse mudas de café. Em 1760, era chanceler da Relação do Rio de Janeiro. E parece que foi, então, que fez vir do Maranhão cafeeiros

⁶⁴VITTORETTO, Bruno Novelino. *A fronteira do café na Zona da Mata – Minas Gerais, Brasil (1920/1940)*. In: ANDRADE, Vitória Schettini, LAMAS, Fernando Gaudereto, SILVA, Rodrigo Fialho (Orgs.). *As várias faces de Minas: traços locais e regionais*. Belo Horizonte, MG: EdUEMG, 2007. p.194 a 195.

⁶⁵MARTINS, A. L. *História do Café*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶⁶COSTA, João. *Dicionário rural do Brasil*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2003. p. 69. Café: Fruto, ou infusão dele, do cafeeiro, *Coffea arábica* L., arbusto da família das rubináceas.

⁶⁷VITTORETTO, *A fronteira do café na Zona da Mata – Minas Gerais*. p.199.

⁶⁸TAUNAY, Afonso d'E. *Pequena história do café no Brasil*. Brasília. Editora UnB. p.15.

pequenos. Entregou-os aos capuchinhos e estes o plantaram em sua horta, onde, em 1782, o cônego Januário Barbosa os viu viçosos.⁶⁹

Os primeiros plantios do café eram feitos em morros das regiões próximas à cidade do Rio de Janeiro. E depois expandiu-se para o Vale do Paraíba fluminense, mais precisamente na região do atual município de Resende e disseminou-se para São Paulo, no oeste paulista, Minas Gerais e Espírito Santo. Oliveira Viana⁷⁰ reforça esse fato com relação à Resende conforme afirmação a seguir:

Há a diretriz de Rezende, donde se originam as grandes culturas do vale do Paraíba, Mata Mineira e dos chapadões paulistas. É, pois, em território fluminense que a cultura do cafeeiro faz as suas pioneiras experiências, dá a seus pioneiros passos de vitalidade e lucratividade, organiza-se, e prepara-se para conquista dos grandes plateaux do interior. O êxito inicial das primeiras tentativas no nosso território, principalmente no foco de Rezende, exerceu certamente sobre o destino da grande cultura uma influência decisiva: tivesse sido negativa a experiência – e talvez fosse outro o destino do café nas nossas regiões meridionais.⁷¹

Este capital vem dos primeiros povoadores, de algumas famílias vieram de Portugal, e de outras já estavam no local e cultivavam cana e no caso de dos primeiros povoadores de Resende, que plantavam anil. Mas a maioria foi mineira que após a crise das minas de ouro, partiram de suas terras e vieram se estabelecer no Vale do Paraíba mais precisamente em Resende.⁷²

Segundo Martins, estava deflagrada a “onda verde”, que dos morros cariocas se espalhou para o sudeste. Expandiu para o interior da Província – Baixada Fluminense e Vale do Paraíba Fluminense – onde foi cultivado em Vassouras, Valença, Barra Mansa e Resende.⁷³

Mariana Muaze afirma que produção e exportação do café foi realizada paulatinamente, à medida que ele ia se alastrando pelas terras banhadas pelo Paraíba dando uma identidade

⁶⁹TAUNAY, *Pequena história do café no Brasil*. p. 23.

⁷⁰“Francisco José de Oliveira Viana, sociólogo e jurista, nasceu na localidade fluminense do Rio Seco de Saquarema, em 20 de junho de 1883, e faleceu em Niterói, RJ, em 28 de março de 1951. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos seus congêneres do Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará; da Academia Fluminense de Letras; da Societé des Américanistes, de Paris; do Instituto Internacional de Antropologia; da Academia de História de Portugal; da Academia Dominicana de História e da Sociedade de Antropologia e Etnologia do Porto. Sua casa em Niterói foi transformada em museu, depois de sua morte. O primeiro livro *Populações meridionais do Brasil* (1920) causou grande impacto pela nova visão ao encarar os problemas sociológicos do país”. Disponível no site: <http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-viana/biografia>. Acessado no dia 07 de fev. de 2018.

⁷¹OLIVEIRA, Vianna. *Distribuição Geográfica do cafeeiro no estado do Rio*, in “o café no 2ºcentenário de sua introdução no Brasil – Ed.do Departamento Nacional do Café- RJ,1934 vol. I. p.80.

⁷²SOARES, J. C. F. *Uma Breve história do café na região da Vila de Resende no século XIX*. In: Maria Luiza de Carvalho Mesquita; Claudia R. Andrade dos Santos. (Org.). Estudos. 1ed.Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2006, v. I, p. 05.

⁷³MARTINS, A. L. *História do Café*. São Paulo: Contexto, 2008.

comum às diferentes localidades. Ou seja, voltada ao plantio do café.⁷⁴No entanto, a autora ao destacar a cultura e exportação do café como talvez a mais importante da história econômica e social da região, deixa evidente que não foi a única cultura.

Nas primeiras décadas do Oitocentos, o café ainda disputava espaço com algumas culturas de subsistência e com a cana-de-açúcar, principal gênero das exportações brasileiras até, pelo menos, a década de 1830.⁷⁵

Para Vittoretto, nos anos de 1830, o Brasil emergiu como o principal produtor do café, deixando para trás as antigas áreas tradicionais do cultivo da planta como Haiti e Java e aumentava sua posição de domínio nas décadas seguintes.⁷⁶

Reforçando o pensamento de Vittoretto, Gabriel Godofredo Fiuza de Bragança ressalta que o Brasil se tornou um grande exportador de café e com a independência, iniciou-se, de fato, a era do café no Brasil.

A partir de meados do século XIX, a lavoura de café concentrou toda a riqueza do país durante mais de 70 anos. A importância desta cultura para o Brasil é inquestionável. Sua influência foi não apenas econômica, mas também social e política. Os mais importantes fatos políticos do país originaram-se a partir desta lavoura. Os fazendeiros de café foram, por muitos anos, a elite social brasileira.⁷⁷

O historiador resendense Júlio César Fidelis Soares⁷⁸ destaca que o café, desde o final do século XVIII, transformara-se em produto de luxo que aos poucos se tornava cada vez mais consumido. Para reforçar essa ideia fez a seguinte afirmação:

As casas onde se vendia café tornavam-se cada vez mais comuns (os chamados "cafés"). Os preços do mercado apresentavam-se cada vez mais tentadores, particularmente, quando Haiti (ex-colônia francesa) teve sua produção desbaratada com as guerras de independência, quando os escravos assumiram o poder e eliminaram a elite local.⁷⁹

É importante destacar que foi na região que hoje é a atual cidade de Resende que foram cultivadas as primeiras mudas de café no Vale do Paraíba fluminense, com terras férteis

⁷⁴MUAZE, M. A. F. *O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial*. In: LERNER, Dina; MISZPUTEN, Francis (Orgs). *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense - fase III*. 1ed. Rio de Janeiro: INEPAC/ Instituto Cidade Viva, 2011, v. 3. p. 297.

⁷⁵MUAZE, *O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial...* p. 297.

⁷⁶VITTORETTO, *A fronteira do café na Zona da Mata* – Minas Gerais. p.197.

⁷⁷BRAGANÇA, G. G. F. Capítulo 4: Poder de Mercado via Demanda Residual: o Café Brasileiro nos EUA. In: Marcelo José Braga; Danilo R. D. Aguiar; Erly Cardoso Teixeira. (Org.). *Defesa da Concorrência e Poder de Mercado no Agronegócio*. Viçosa - MG: Departamento de Economia Rural, 2005. p. 12 e 13.

⁷⁸Economista, Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra e pós-graduado em Engenharia Econômica.

⁷⁹SOARES, *Uma Breve história do café na região da Vila de Resende no século XIX*. p. 03.

propícias ao plantio dessa cultura.

Conforme Soares, o Vale do Paraíba e a Vila de Resende entram nesta história primeiramente com a terra que era fértil e que se mostrou atrativa pelo custo, produtividade e oportunidade nos investimentos.

Vários aspectos técnicos geológicos da terra valeparaibana favoreceram a chegada do café. Por um lado, num país onde apesar das vastas quantidades de terras disponíveis, a terra sempre foi um bem disputadíssimo (principalmente quando eram próximas aos grandes portos), o Vale do Paraíba oferecia um atrativo fascinante: terras praticamente desocupadas. Com exceção de algumas pousadas e de uns poucos engenhos de açúcar sem grande expressão, a mata virgem dominava soberana região. Se a floresta tropical havia resistido ao colonizador até a passagem do século XVIII para o XIX, a partir daí os altos preços do café no mercado externo abriu contra ela uma guerra de vida ou morte. Somente a possibilidade grandiosa de enriquecimento proporcionada pelo café, fez com que este eliminasse o primeiro dos grandes riscos que a região impunha a floresta. O desmatamento e as "coivaras" (as queimadas que os índios faziam em pequena escala) passaram a fazer parte do cotidiano do Vale.⁸⁰

Enfim, Resende apresentava os principais requisitos para o cultivo do café: terra em grande quantidade disponível e fértil, clima favorável e com possibilidades de lucratividade.

Segundo Barcellos, em 1801, o café já fazia do Vale do Paraíba fluminense, principalmente da *Paraíba Nova*, onde Resende era o centro pioneiro, o principal objeto dos cuidados do governo.

(...) Com uma economia baseada na agricultura, na mineração, no comércio, a política nas vésperas da criação da Vila era propícia ao desenvolvimento de outra atividade rural capaz de sustentar valores e modos de sociabilidade tradicionais: a pecuária. Os capitais que impulsionaram a cafeicultura no *Campo Alegre* vieram de comerciantes de *grosso trato* da Corte, traficantes de escravos, comissários e tropeiros, prestamistas e armadores muitas vezes reunidos em uma só personagem, aquecendo a economia de abastecimento, de que fazia parte a pecuária.⁸¹

O cultivo de café na Vila de Resende, no início do século XIX pode ser comprovado através do 1º Livro de Notas, como afirma João Maia:

A 7 de maio de 1802: a escritura de venda de terras e cafezais do Ribeirão Raso, passada pelo Alferes João Leite da Silva e sua mulher, Anna Pereira de Mello, a Antônio Pereira Leite.

Em 11 de dezembro do mesmo ano: venda de posse de cafezal, por Manoel José da Costa e sua mulher, Francisca Joaquina de Almeida, a Felipe Alves Vieira na paragem denominada da Boa Vista, ribeirão da Sesmaria.

⁸⁰SOARES, *Uma Breve história do café na região da Vila de Resende no século XIX*. p. 04.

⁸¹BARCELLOS, *Uma narrativa*. Resende: Academia Resendense de História. p. 85 e 86.

Em 8 de janeiro de 1803: venda de terras, cafezais e engenho de cana vendidos por Antônio Moreira dos Santos e sua mulher, Maria Francisca, ao Alferes Antônio Fernandes de Brito, além do rio Paraíba.

A 2 de maio de 1803: venda de terras e dois cafezais, pelo capitão Miguel Pedroso Barreto e sua mulher, Francisca Pereira da Conceição, ao capitão-mor Manuel Valente de Almeida, nas cabeceiras do Ribeirão Taquaral.⁸²

Corroborando com João Maia, Barcellos destaca que, em 1802, Resende já era exportadora de café e, que a partir daí a região sofreria uma grande mudança:

O reinado do café começou mudando aos poucos, toda a economia da região. Antigas fazendas de gado, engenhos de açúcar e cachaça, plantações de anil, passavam a plantar café. Outras plantações como as de milho, feijão, arroz e mandioca passaram a alimentar as fazendas de café e as sedes dos núcleos urbanos dentro de um sistema de apoio e subsistência.

Entretanto, o café já impunha o seu poder quase absoluto como cultura comercial destinada à exportação. Quando a Vila de Resende passa a ser cidade em 1848, a região já se destacava como um dos maiores centros cafeicultores da província.⁸³

Em 1822, o café, ainda não era a cultura de maior exportação do Império. No entanto, a instituição do Decreto de D. Pedro I de 18 de setembro de 1822, determinando o escudo de armas do Reino do Brasil, deixava evidente a valorização dessa cultura para a economia do Reino do Brasil. O café tornou-se a partir daí, também um símbolo do Império, sendo ele alguns anos depois, a mola mestra da economia do país.

Será de ora em diante o escudo de armas deste Reino do Brasil, em campo verde uma esfera armilar de ouro atravessada por uma cruz da Ordem de Cristo, sendo circulada a mesma esfera de 19 estrelas de prata em uma orla azul; e firmada a coroa real diamantina sobre o escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas da sua riqueza comercial, representados na sua própria cor, ligados na parte inferior pelo laço de Nação.⁸⁴

O relato do botânico francês Auguste Saint-Hilaire em sua “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo” nos dá uma noção da grandeza das plantações de café em Resende e seus possíveis lucros em 1822:

Quanto mais me aproximo da Capitania do Rio de Janeiro, mais consideráveis se tornam as plantações. Várias existem, também muito importantes, perto da Vila de Resende. Proprietários desta redondeza possuem 40, 60, 80 e até 100 mil pés de café. Pelo preço do gênero, devem estes fazendeiros ganhar somas

⁸²MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p.34.

⁸³BARCELLOS, *Uma narrativa*. Resende: Academia Resendense de História. p. 95.

⁸⁴D. PEDRO I, 1822 apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. D. PEDRO II, um monarca nos trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. p.179.

enormes.⁸⁵

De acordo com Muaze, desde fins do século XVIII, o Vale do Paraíba fluminense foi se transformando de uma região com grandes quantidades de matas virgens ou parcamente povoadas, território de tribos indígenas, em imensos e modernos cafezais; passando de lugar pouco explorado a centro econômico do Império.⁸⁶

O auge da produção do café no Brasil se deu entre 1830 a 1840, sendo também esse período em que se deu o ápice da cafeicultura em Resende. Em conformidade, Soares destaca que Resende em 1842 produzia mais de 200 mil arrobas ano, conforme dados extraídos do Jornal Itatiaia do ano de 1866,⁸⁷ e em 1853 passou a exportar 800 mil arrobas.⁸⁸ Com isso, no ano de 1848, quando Resende foi elevada à cidade, ela já se destacava como um dos maiores centros cafeicultores da província.

Segundo o Almanaque Laemmert⁸⁹ no ano de 1848 da produção de café calculado em libras inglesas, o Brasil despontou em primeiro lugar em produção, como demonstram os dados abaixo:

Tabela 3. Produção do café no ano de 1848, calculado em libras inglesa

Países	Produção	Libras
Brasil	1,710,707 sacas de 460 libras	273,000,000
Java	812,000 piculs de 133 libras	120,000,000
Porto Rico		44,000,000
Cuba, costa meridional		43,000,000
São Domingos		33,500,000
Venezuela		25,000,000
Ceylão	252,000 sacas de 140 libras	23,000,000
Costa Rica		9,000,000
Sumatra	45,00 piculs de 132 libras	6,000,000
Cuba, costa setentrional		6,000,000

⁸⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822*. Itatiaia, Belo Horizonte, 2011. p. 102.

⁸⁶ MUAZE, *O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial*. p. 295.

⁸⁷ SOARES, Júlio Fidelis. *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. Vassouras-RJ. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Severino Sombra, 2006. p. 27.

⁸⁸ SODRÉ, Alfredo. *Resende, os cem anos da cidade*. Resende, p.17.

⁸⁹ ALMANAK LAEMMERT – Província do Rio de Janeiro – XXI Município de Resende. p. 163 a 172. Disponível no site: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak/al1850/00000708.html>. Acesso em: 29 de janeiro de 2018.

Jamaica		5,000,000
Suriname	7,500 sacas de 190 libras	4,500,000
Manilha	-	3,500,000
Madras	12 sacas	2,500,000
Total libras		546,000,000

Fonte: ALMANAK LAEMMERT – Província do Rio de Janeiro – XXI Município de Resende. p. 163 a 172.

Conforme dados do Almanak Laemmert de 1848, o maior consumidor de café era a Alemanha, seguida pelos Estados Unidos, Bélgica, Holanda, Países do Mediterrâneo, dentre outros.

Tabela 4. Consumo do café no ano de 1848, calculado em libras inglesa

PAÍSES	CONSUMO	LIBRAS
Alemanha		148,000,000
Estados Unidos e outros países da América setentrional		140,000,000
Bélgica		48,000,000
Holanda		40,000,000
Países do Mediterrâneo		40,000,000
Grã-Bretanha		37,000,000
França		35,000,000
Países do Báltico		28,000,000
Suíça		15,000,000
Portugal e Espanha		15,000,000
Cabo da Boa Esperança e Áustria		3,000,000
Total libras		549,000,000

Fonte: ALMANAK LAEMMERT – Província do Rio de Janeiro – XXI Município de Resende. p. 163 a 172.

Grande parte da produção cafeeira produzida no Brasil provinha do Vale do Paraíba sul fluminense e por consequência a cidade de Resende tem um papel importante nessa história. Dados extraído do Almanaque Laemmert⁹⁰ de 1854 sobre a produção de café, mostra que em Resende o café era produzido em quatro freguesias, por 431 produtores.⁹¹

Em 1860, Resende produziu 170.000 arrobas de café, sendo superado por Barra Mansa 760.300 arrobas, Pirai 521.500 arrobas, São João do Príncipe 382.800. Superou apenas Rio Claro, com 33.000.⁹² Apesar de não ser o maior produtor da região, Resende ainda contribuía

⁹⁰Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial. Da Corte e província portuguesa para o anno de 1854. Organizado e redigido por Eduardo Laemmert. Eduardo Laemmert, Consul de sua alteza real o Príncipe Regente do Grão-Ducado de Baden.

⁹¹SOARES, *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. p.03.

⁹²WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. p. 40.

significativamente para a produção do Vale do Paraíba e por consequência para a produção nacional. Apesar da produção de café em Resende ter sido inferior, tal fato parece não ter significado uma decadência, se for levado em consideração a propaganda e incentivos aos produtores, noticiados nos periódicos locais.

Nos Jornais do século XIX eram publicadas notícias sobre o café, suas inovações, novas máquinas para colheita e plantio, elogios e críticas, compra e venda de escravos para o trabalho nas fazendas, etc. No ano de 1869 foi publicado no Jornal Astro Rezendense um anúncio aos Srs. Lavradores, dando a eles sugestão de como obter um café de excelente qualidade:

O abaixo assignado, desejando ser útil ao público e principalmente aos senhores Lavradores de café, tem a maior satisfação em anunciar-lhes, que teve a feliz e boa lembrança de descobrir, que as cascas vermelhas e exteriores do café recentemente despaldado ou descaroçado, secas ao sol sobre pedras, taboleiros, esteiras, ou mesmo sobre coiros, e depois torradas a fogo brando e reduzidas a pó, como se faz com o café propriamente dito, produz um excellente café para beber se, tão boa e ainda mais saudável do que o mesmo café lavado; e muito superior ao café chamado do terreiro, o qual contem em si uma goma que é prejudicial à saúde, principalmente das pessoas que sofrem – ataques nervosos e hemorrhoidaes [sic].⁹³

O anúncio demonstra tanto uma satisfação da descoberta de como melhorar a qualidade do café, quanto a preocupação de que o produto não seja prejudicial à saúde dos consumidores desse produto.

Com a expansão da cultura do café, surgiram máquinas que prometiam facilitar a colheita gerando bons resultados. As inovações eram constantemente divulgadas pelos seus inventores ou proprietários nos periódicos da cidade de Resende. Veja abaixo uma nota divulgada no Jornal Astro Rezendense:

MACHINA GUICHARD – A nossa lavoura deve grande melhoramento para a excitação do café ao Sr. Egydio Guichard, estabelecido no Rio de Janeiro com a casa de comissão de café. O desideratum a que se presta esta machina no processo de seccaro café e diminuição de tempo e trabalho, melhora na qualidade do café e por consequência no tempo por que tem de ser vendido e libertar-se o lavrador dos inconvenientes mui incommodos e prejudiciaes que lhes causam as variações atmosphericas. Pelo que lemos em um opusculo sobre esta machina estamos convencidos que é de grande utilidade à lavoura, uma vez que a experienciainfirme as promessas feitas por seu autor, e como não podem ser de preço mui elevado acreditamos que todos os lavradores de café, que possuem um estabelecimento regular, devem empregar esta machina para completar as de seu estabelecimento.⁹⁴

⁹³ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. Anno 1868. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.2.

⁹⁴ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. 16 de maio do Anno 1868. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.2.

O anunciante procura deixar evidente o baixo preço da máquina e enfatiza acreditar que todos os lavradores devam adquirir o produto para melhorar a qualidade do café produzido por eles. Ainda no anúncio ressalta-se a opinião expressa na conclusão do relatório do ilustrado Sr. André Rebouças⁹⁵ no parecer da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional:

Em summa: o aparelho de Egydio Guichard REPRESENTA AO MESMO TEMPO, um terreno melhor que os de pedra e cimento, um sol constante de janeiro, e os escravos necessários à manipulação incessante do café, e realiza portanto o DESIDERATUM.⁹⁶

O anúncio abaixo foi publicado no jornal Itatiaya no ano de 1877, no município de Resende, nele procura-se mostrar ao produtor de café as vantagens de se adquirir o Concassor de café premiado na exposição nacional de 1875 com o grande diploma de honra, alegando produzir um resultado superior. Tal fato demonstra um mercado de máquinas voltado à produção de café e buscando angariar consumidores para seus produtos. Há que se destacar que, ainda que esse período tenha sido o de grande transferência de capitais para outra região, que é o oeste paulista, ainda haviam pequenos, médios e grandes produtores que apesar de diversificarem seus investimentos, ainda investiam em suas lavouras de café.

Os séculos XVIII e XIX foram marcados por inúmeras expedições pelo interior do Brasil (aqui me dedico exclusivamente a região sudeste), em busca de terras minerais e da captura de indígenas. A região onde hoje encontra-se a cidade de Resende, tornou-se conhecida em grande medida devido a febre do ouro que impulsionou o desbravamento dos atuais Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O declínio da produção de ouro nas Minas Gerais fez com que houvesse naquela época, uma migração da região das minas para o sul fluminense, intensificando assim, um grande investimento na região. As pessoas que saíam de Minas Gerais levavam consigo um certo capital acumulado e colaboraram para o desenvolvimento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova.

(Ver Anexo X).

⁹⁵“André Pinto Rebouças nasceu na cidade de Cachoeira, região do Recôncavo baiano, no dia 3 de janeiro de 1838, filho mais velho de Antônio Pereira Rebouças e Carolina Pinto Rebouças. Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas, em abril de 1859, na Escola de Aplicação da Praia Vermelha, obtendo o grau de engenheiro militar, em dezembro de 1860. Rebouças participou da criação de algumas sociedades antiescravagistas, como a *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*, a *Sociedade Abolicionista* e a *Sociedade Central de Imigração*. Rebouças participou da criação de algumas sociedades antiescravagistas, como a *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*, a *Sociedade Abolicionista* e a *Sociedade Central de Imigração*”. GASPAR, Lúcia. *André Rebouças*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/undefined/pesquisaescolar>>. Acesso em: 27 de jan. de 2018.

⁹⁶ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense. Periódico político, literário, industrial e noticioso. Publicação semanal. 16 de maio do Anno 1868. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.2.

A região contou também com o capital oriundo de portugueses que passaram a povoar o local e a desempenhar atividades ligadas ao comércio de mercadorias e também ao tropeirismo. Há que se destacar que o tropeirismo teve um papel essencial para o desenvolvimento e desbravamento não só regional, mas do Brasil durante os séculos XVIII e XIX.

Em princípio, os primeiros habitantes da região dedicaram-se a cultura de subsistência, mas não demorou muito para que a cultura do café fosse inserida naquela realidade. Com a introdução do café no Campo Alegre no final do século XVIII, a região preconizou uma fase da história do Vale do Paraíba e do Brasil, da economia voltada ao cultivo da rubiácea e dos grandes barões do café. Em 1802 já havia registros de compras e vendas de terras possuindo cafezais.⁹⁷ O advento do café na região contribuiu para o aumento populacional e a utilização da mão de obra escrava nas lavouras de café. Tal fato pode ser comprovado por meio da análise dos censos populacionais realizados.

No que se refere ao crescimento populacional ou seu declínio, na cidade de Resende durante o século XIX, está em grande medida diretamente associado a crise cafeeira ocorrida a partir de 1870. Sendo assim, é correto afirmar a grande importância que o café representou para a sociedade resendense.

Nesse contexto de povoamento e desenvolvimento de Resende, a família Gonçalves Martins esteve presente desde o início até o final do século XIX. Desde a chegada do português Manoel Gonçalves em 1808, vindo a desempenhar a atividade de tropeiro, desbravando o interior do Brasil (sudeste), constituindo uma trajetória de vida e familiar. Com isso, a família Gonçalves Martins realizou na sociedade resendense relações econômicas e comerciais que contribuiu para que se tornassem detentores de terras, cafezais e escravos. E também, conquistassem prestígio social.

⁹⁷ MAIA, Carneiro. *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 34.

CAPÍTULO II

FAMÍLIA GONÇALVES MARTINS: RELAÇÕES ECONÔMICAS E COMERCIAIS NA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA

2.1 A formação da riqueza do comendador Manoel Gonçalves – tropeirismo, influência social e aquisição de terras

*“Foi um dos maiores produtores de café de toda região do Vale do Paraíba, produzindo em suas quatro fazendas”.*⁹⁸

O patriarca da família Gonçalves Martins, o comendador Manoel Gonçalves, nasceu em 1789 em Vianna do Castelo, Portugal, e era filho de Manoel Gonçalves Vianna e de sua mulher Ana Maria Martins. “Dos portugueses de além mar, não houve em Resende quem mais quisesse e admirasse o progredir do Brasil. Foi um dos maiores produtores de café de toda a região do Vale do Paraíba, produzido em suas quatro fazendas”.⁹⁹

Apesar de ser conhecido como grande produtor de café em Resende no século XIX, o Comendador Manoel Gonçalves começou acumular sua riqueza com outro tipo de atividade, o tropeirismo. Conduzindo tropas de mulas carregadas de café para cidades mineiras, em viagens arriscadas e longas. Na volta, trazia objetos em ouro e pedras preciosas, conseguindo grande lucro.¹⁰⁰

Para Maria Sylvia de Carvalho Franco, uma atividade importante no século XIX, foi a ligada ao transporte em lombos de burros, veículos para o escoamento das safras e o abastecimento das fazendas.

Carregadas de produtos de exportação ou de gêneros de subsistência, as tropas de burros percorreram ativamente o país durante todo o século XIX e cortaram em todas as direções a região que aqui nos interessa, a do rio Paraíba, transpondo as cordilheiras em direção ao interior ou ao mar, ou seguindo os

⁹⁸ BOPP, Itamar. *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. São Paulo: Gráfica Sangirard Sandoz, 1988. p.01.

⁹⁹ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 01.

¹⁰⁰ Maria Benedita rainha do café. Disponível no site: <http://arquivoresende.blogspot.com.br/2009/01/maria-benedita-rainha-do-cafe.html>. Acessado no dia 10/07/2017.

vales rumo a São Paulo ou ao Rio de Janeiro.¹⁰¹

Conforme Rafael Straforini, o tropeirismo proporcionou que a porção meridional do Brasil se configurasse de forma diferente: Primeiramente porque foram os tropeiros que efetivaram a política da Coroa Portuguesa de ocupação e manutenção das fronteiras; segundo, porque ao ser um sistema voltado para a circulação e abastecimento interno, as relações, a divisão social e territorial de trabalho foram diferenciadas; terceiro, porque possibilitou, mesmo que de forma rudimentar, a comunicação entre os mais distantes e isolados povoados, vilas e cidades, através de complexo de rotas e trilhas que passaram a cortar todo território.¹⁰²

Ao abordar sobre tropas e tropeiros Vitória Schettini Andrade enfatiza o difícil trabalho exercido por aqueles homens que percorriam trajetos e locais de geografias acidentadas.

(...) transitar pelos caminhos que cruzavam Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo não era uma tarefa muito fácil a início. O trajeto que ligava estes locais era caracterizado por uma geografia acidentada e irregular e a utilização das tropas muars veio a suprir a escassez de estradas circuláveis adaptando bem a função de aguentar longas distâncias e várias idas e vindas.¹⁰³

Assim, a atividade de tropeirismo foi significativa para a consolidação, sobrevivência e desenvolvimento das cidades e sociedades da época.

O capital inicial para a formação da lavoura cafeeira veio tanto do antigo dono de engenho (muitas vezes mineiros vindos para Resende trazendo suas economias após o insucesso da Inconfidência) quanto do traficante de escravos ou dos tropeiros. Um dos pontos de estrangulamento para o desenvolvimento da cafeicultura no século XIX foi o transporte do café, feito durante muitas décadas em lombo de burro.¹⁰⁴

Conforme Filipe Cordeiro de Souza Alगतão, o tropeiro, durante o século XIX, foi um agente articulador de duas realidades: a vivida no litoral e a realidade do interior.

A vivida no litoral, de influência externa, de contato maior com os avanços tecnológicos, e a realidade do interior, ainda presa ao passado colonial, cultivando as tradições transmitidas e assentadas num modo de vida menos influenciado pelas grandes cidades. O que se percebe é que, graças à existência da figura do tropeiro, se quebrou um hiato entre ambas as realidades; devido à presença desse agente, os dois mundos conectaram-se, as novas tendências

¹⁰¹ FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1987.p.66.

¹⁰² STRAFORINI, Rafael. *No caminho das tropas*. Sorocaba, São Paulo: Ed. TCM Comunicações, 2001. P. 15-16

¹⁰³ ANDRADE, Vitória F. Schettini. *Tropas e tropeiros numa economia nascente*. São Paulo do Muriaé, 1848 a 1888. In: LAMAS, Fernando Gaudereto e SILVA, Rodrigo Fialho (orgs.). *As várias faces de Minas: traços locais e regionais*. Minas Gerais: UEMG, 2017. p. 229.

¹⁰⁴ WHATELY, Maria Celina e GODOY, Maria Cristina F.M. *Crônicas dos duzentos anos: Resende 181-2001*. Resende-RJ, ARDHIS, 2001. p. 33.

encontraram penetração no interior das províncias, as cidades do interior modernizaram-se. Nesse caso, o tropeirismo cumpriu seu papel de não apenas ser um transportador de mercadorias, mas também de tendências, modismos, novos hábitos.¹⁰⁵

Guimarães ao abordar sobre o universo das tropas e tropeiros nas Minas Gerais do século XIX, ilustra a realidade que mulas e tropeiros vivenciaram em suas incursões, que muito se assemelhavam à realidade dos tropeiros que circulavam pela região sul fluminense no oitocentos.

Vadeando os rios, se embrenhando nas matas pelas antigas trilhas indígenas, subindo e descendo as montanhas, por léguas e léguas, as bestas de cangalha e as mulas de carga seguiam tocadas por tropeiros e arrieiros, transformando os pântanos e trilhos abertos no mato em estradas, promovendo, além do comércio de abastecimento e de exportação, a integração e a comunicação.¹⁰⁶

O português Manoel Gonçalves que teria vindo para o Brasil no ano de 1808, com a comitiva de D. João, já no ano de 1809, estava com família constituída na então vila de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, composta de esposa e um casal de filhos. De acordo com Maria Celina Whately, apesar do título de Comendador, Manoel Gonçalves era analfabeto e usava como assinatura um carimbo de ouro, daí ser conhecido como Manoel do Carimbo.¹⁰⁷

Atribui-se a Manoel Gonçalves uma grande habilidade para lidar com os índios, o que garantia o sucesso das viagens perigosas e facilitou seu casamento com uma índia puri (etnia que primeiro habitou Resende).

Pertenciam à numerosa tribo dos Puris os índios talvez já encontrados na Paraíba Nova do Campo Alegre, ao tempo de sua descoberta por Simão da Cunha Gago. Por muito tempo senhores dos vastos sertões das províncias do Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santos, viviam em contínua guerra com os Botocudos e Coroados, errando pelas matas e construindo apenas suas tabas efêmeras, umas habitações ligeiras, cobertas de folhas e sustentadas por varas, cuja residência abandonavam logo que a veação e os frutos silvestres se iam tornando escassos.¹⁰⁸

Assim, os Gonçalves Martins iniciaram a construção de sua riqueza com a atividade de

¹⁰⁵ ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX*. *Histórica*. Revista on line do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nº 41, ano 06, abril de 2010. Disponível no site: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/publicacoes/revista_historica. Acesso do dia 29/01/2019. p. 06.

¹⁰⁶ GUIMARÃES, Elione Silva. *Tropas e tropeiros na Minas Gerais Oitocentista*. Francisco Garcia Mattos-Um tropeiro na Zona da Mata Mineira. Disponível no site: <http://www.abphe.org.br/arquivos/elione-silva-guimaraes.pdf>. Acessado dia 24/04/2019. p. 07.

¹⁰⁷ WHATELY, Resende, *a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. p. 76.

¹⁰⁸ MAIA, Carneiro. *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 14.

tropeirismo, mas somente, até onde se tem relato com a primeira geração. Ou seja, com o comendador Manoel Gonçalves. Posteriormente, com o acúmulo financeiro, oriundo daquela atividade, houve a aquisição de terras acrescidas ao seu patrimônio, plantio de culturas para a subsistência de suas propriedades e a cultura do café. E, em decorrência do plantio do café, a incorporação de mão de obra escrava.

Para Filipe Alгатão, tratando o tropeirismo juntamente com o ciclo do café, “a nação produziu um novo modo de vida, inspirado nas nações europeias, mas que possibilitou a absorção de novas tecnologias ao país”.¹⁰⁹ Ainda segundo Alгатão, “os filhos dos tropeiros, graças às divisas obtidas pelos pais, puderam estudar e, juntamente com os filhos dos nobres cafeicultores, compuseram a cena política brasileira no Segundo Reinado e nos primeiros tempos da fase republicana”.¹¹⁰ Ainda que Manoel Gonçalves tenha tido apenas um casal de filhos, Maria Benedicta Gonçalves, que casou-se com um importante fazendeiro português, seu outro filho Antonio Gonçalves da Rocha, destacou-se como oficial da Guarda Nacional. E seus netos e bisnetos foram bem sucedidos, alcançando formação acadêmica e destacando-se na sociedade.

Com relação ao processo de aquisição de terras e propriedades e demais formas de enriquecimentos estabelecidos por Manoel Gonçalves e seus descendentes, buscar-se-á resgatar o máximo possível, com base em registros de sesmarias, escrituras públicas e em processos judiciais.

Segundo o processo de solicitação de sesmaria¹¹¹, em 15 de fevereiro de 1819, Manoel Gonçalves, morador em vila de Rezende solicitou da Coroa Portuguesa uma Carta de Sesmaria. Segundo o documento, Manoel Gonçalves já possuía família e escravos, mas não tinha terras próprias suas para acomodá-los. Solicitou então à Corte a graça de *meia légoa em terras em quadrado por sesmaria*,¹¹² na paragem por baixo do Morro Redondo, dividindo-se com a sesmaria de Francisco Lemes, e para outra parte com o rio paraíba.¹¹³

Em 15 de maio de 1820, a pedido da Coroa Portuguesa, o ouvidor da comarca Joaquim*¹¹⁴ procedendo em diligências legais, verificou que não houve aferição das terras requeridas. Na

¹⁰⁹ ALGATÃO, *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX*. p. 07.

¹¹⁰ ALGATÃO, *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX ...* p.07.

¹¹¹ “As sesmarias eram terrenos incultos e abandonados, entregues pela Monarquia portuguesa, desde o século XII, às pessoas que se comprometiam a colonizá-los dentro de um prazo previamente estabelecido”. DINIZ, Mônica. *Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira*. Disponível no site: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia03/>. Acesso no dia 26/03/2019.

¹¹² Ver: STEIN, Stain. Vassouras. *Um município brasileiro do café, 1850 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Apêndice p.339. Uma légua equivale a 6,56 quilômetros, em medidas da época.

¹¹³ AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.FI.1 e 75. (Ver Anexo XI).

¹¹⁴ *Não foi possível identificar o nome completo do ouvidor da comarca, ficando assim somente o primeiro nome. Para maior análise ver: AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.FI.2.

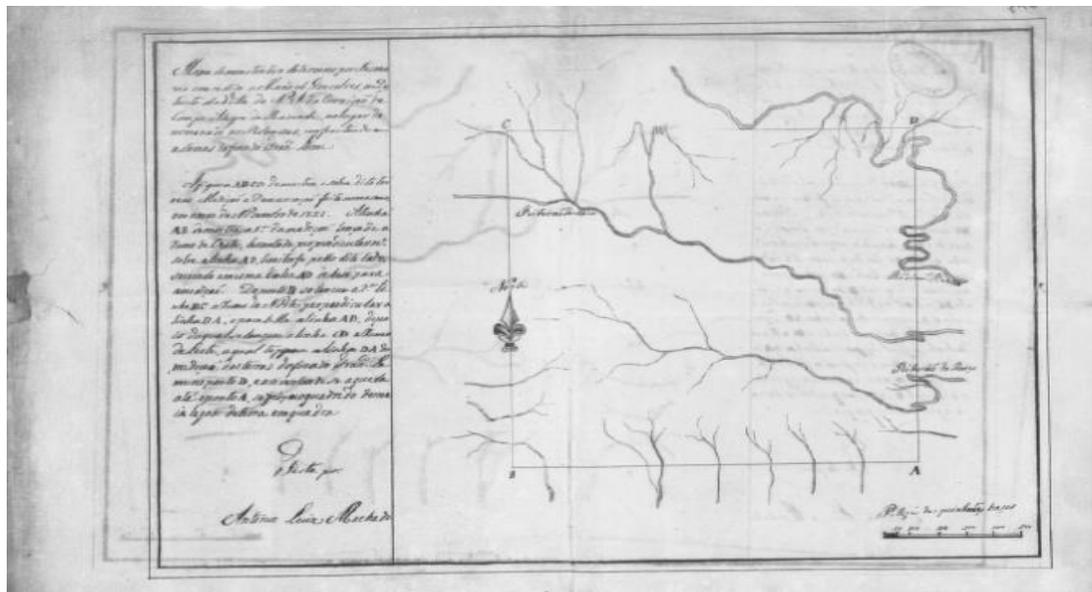
ocasião, Antonio Corrêa da Silva contestou a pretensão das terras por Manoel Gonçalves, alegando ter naquele sítio suas plantações.

O ouvidor da Câmara concedeu a Manoel Gonçalves provisão para medição do terreno do qual estava solicitando a doação de sesmaria. Pedro de Souza Magalhães, atestou que Antonio Corrêa botou uma casa a doze ou quatorze anos mais ou menos, e desde o tempo mencionado nunca o dito Antonio Corrêa retornou a cultivar aquelas terras.¹¹⁵

Analisando o mapa demonstrativo do terreno solicitado por Manoel Gonçalves, pode-se afirmar que as terras lhe foram concedidas:

Mapa demonstrativo do terreno por sesmaria concedido a Manoel Gonçalves, no dystriccto da villa de N. S. da Conceição de Campo Alegre de Rezende, no lugar denominado as Palmeiras, confrontando com as terras do finado Francisco Leme. A figura ABCD demonstra o sobredito terreno, em o mês de novembro de 1821. A linha AB demonstra a 1ª da medição lançada a rumo de oeste, levantada perpendicularmente sobre a linha AD de base para a medição. Do ponto B se lançou a 2ª linha BC a rumo norte Perpendicularmente a linha BA, e paralela a linha AD, depois da qual se lançou a linha CD a rumo de leste, a qual topou a linha DA da medição das terras do finado Francisco Leme no ponto D, e aviventando-se aquela até o ponto A, se fez no quadrado de meia legoa de terra em quadra. Feito por Antonio Luiz Machado.¹¹⁶

Figura 2. Mapa demonstrativo da sesmaria de Manoel Gonçalves



Fonte: AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.FI.74v. Para Maria Sarita Mota, as cartas de sesmarias não significavam apenas a celebração de

¹¹⁵ AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.FI. 3. (Ver Anexo XIII).

¹¹⁶ AN. Código de Referência BR RJANRIO BI.0.R15.353. Estado do Rio de Janeiro. Requerente: Manoel Gonçalves. Local: Morro Grande, Morro Redondo – Resende – RJ – 1819 a 1823.FI.74v.

um contrato particular entre o rei e seus súditos: as cláusulas tinham um caráter de lei agrária provisória, porém muito abrangente socialmente, posto que não constringiam somente os requerentes, mas tentavam controlar a todos os confinantes e confrontantes citados.¹¹⁷

As cartas de sesmarias são instrumentos importantes para obter “informações sobre o sesmeiro, sobre a localização da terra, justificativa do pedido, resposta das autoridades envolvidas na doação e as exigências que deveriam ser cumpridas pelo sesmeiro”.¹¹⁸ Fato que se comprovou quando analisou-se o documento em questão, sendo possível conhecer a primeira solicitação de terras fitas por Manoel Gonçalves.

Embora o que se conhece sobre o processo de enriquecimento de Manoel Gonçalves seja muito superficial, a inserção no comércio através do tropeirismo aparenta ser o que alavancou o seu acúmulo inicial de capital. O plantio do café e a renda gerada pela venda desse produto tornou o seu enriquecimento ainda maior. Conforme o Almanak Laemmert o nome de Manoel Gonçalves apareceu em seus registros em 1846, com a denominação de fazendeiro de café e engenho de cana.

Quadro 6. Registro de Manoel Gonçalves segundo o Almanak Laemmert – 1845 a 1889

Nome	Ano	Denominação	Freguesia
Manoel Gonçalves	1846	Fazendeiro de café e engenho	Freguesia de Campo Bello
	1847		
	1848		
	1849		
	1850	Fazendeiro de café	
	1851		
	1852		
	1853		
	1854		

Fonte: Dados organizados pela autora com base no Almanak Laemmert – 1847 a 1854

¹¹⁷ MOTA, Maria Sarita. *Sesmarias e propriedade titulada da terra: individualismo agrário na América portuguesa*. SÆCULUM – Revista de história [26]; João Pessoa, jan./jun. 2012. p. 34.

¹¹⁸ PEREIRA, Elenize Trindade. *Geoprocessamento das Sesmarias das Capitânicas do Norte do Estado do Brasil*. Plataforma Sesmarias do Império Luso Brasileiro (1650 - 1750). Org. Valencia Villa, Carlos. *O retorno dos mapas [recurso eletrônico]: sistemas de informação geográfica em história* / Carlos Valencia Villa, Tiago Gil. — Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016.

No ano de 1840, Manoel Gonçalves construiu o primeiro sobrado da Vila de Resende, que foi por muito tempo lugar de reunião da Câmara Municipal e local onde eram realizados os bailes da elite resendense.

Infelizmente, não foi possível ter acesso ao testamento ou inventário de Manoel Gonçalves, o que seria de grande valia. Pois, através dele, seria possível dimensionar o patrimônio do Comendador.

Todavia, foi possível ter acesso ao registro de uma pequena parte dos bens de Manoel Gonçalves constantes em um processo judicial de cobrança envolvendo seu filho Antonio Gonçalves da Rocha e seu genro Joaquim José Martins no ano de 1855.

Conforme o processo judicial, o Major Antonio Gonçalves da Rocha, alegava que o Capitão Joaquim José Martins teria ficado de posse de vários objetos que deveriam ser repartidos pelos interessados e os consumiu sem reparti-los. Com isso, ele listou os objetos em questão que pertenceram a Manoel Gonçalves e que foram deixados em inventário.¹¹⁹

Quadro 7. Bens de Manoel Gonçalves

Nº	Descrição dos bens	Quantidade
01	Roça de milho	26 alqueires
02	Planta de arroz	30 alqueires
03	Mandiocal	90 alqueires
04	Canavial	04 carros de cana
05	Porcos	50 cabeças
06	Tapinhoã	02 grandes copos
07	Bestas	02 unidades
08	Escravos	50 escravos

Fonte: Dados extraídos e elaborados pela autora a partir de processo judicial de cobrança do ano de 1855 constante no Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Fls. 41 a 45.

Através do registro acima, observa-se que a fazenda de morada de Manoel Gonçalves produzia grande parte dos alimentos que necessitava para sua subsistência e de seus escravos.

De acordo com Marcos Cotrim de Barcellos, até a crise do café no vale (anos de 1870/80) as fazendas produziam grande parte dos alimentos de que precisavam. Cachaça, o açúcar, a farinha de mandioca e de milho, arroz e feijão, que eram cultivados pelos escravos.¹²⁰

¹¹⁹ ARQUIVO GERAL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Processo Judicial de Cobrança. Cx. 18152454. Ano de 1855. Vara única de Resende. Partes: Capitão Joaquim José Martins e o Major Antonio Gonçalves da Rocha. Fl.41 e 45. (Ver Anexo XIV).

¹²⁰ BARCELLOS, *Histórias de Resende* – Uma narrativa. p.98.

Com o decreto nº 1.318 de 30 de janeiro de 1854, que regulamentou a lei nº 601 de 1850 (lei de terras) e passou-se a exigir a declaração de todos os que tinham título de propriedades ou posse de terra, com o objetivo do Governo Imperial manter um controle sobre as terras devolutas, foi possível rastrear algumas das propriedades dos Gonçalves Martins.¹²¹

Através desse acervo tornou-se possível localizar o registro de terras de outros membros da família Gonçalves Martins: Maria Benedicta Gonçalves Martins, Joaquim Joé Martins e Antonio Gonçalves da Rocha.

Elione Guimarães, corrobora com Márcia Motta, no sentido de deixar claro que “até 1850 a forma histórica de ocupação de terra no Brasil era a posse. Daí em diante com a Lei de terras, a terra foi privatizada”.¹²²

Ainda segundo a autora, “com a Lei de Terras a transmissão legal da propriedade fundiária passou a ser realizada através de escrituras públicas de compra e venda, doações ou permutas e de heranças e legados”.¹²³

Na declaração de número 391, Maria Benedicta declara-se possuidora na Freguesia de Campo Bello um terreno distante duas léguas da freguesia.

Um terreno de doze alqueires pouco mais ou menos no lugar denominado Santa Cruz da Picada na estrada que segue desta para a freguesia de Sant’Anna devisando com terras da fazenda do Alferes José Ferreira de Souza. Santa Cruz da Picada, vinte e seis de fevereiro de mil oitocentos cinquenta e seis. Maria Benedicta. Apresentado a vinte e oito de fevereiro de mil oitocentos e cinquenta e seis.¹²⁴

No registro 306 do livro 67, Joaquim José Martins declara-se possuidor de uma “fazenda denominada Babilônia, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Resende, com o título de sesmaria, que a houve por compra do capitão José Villas Boas. Ainda na mesma declaração,

¹²¹ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018. Disposição dos arquivos: Livro 67: freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre (1854 -1856); Livro 68: Freguesia de São José do Campo Bello; Livro 69: Freguesia de São Vicente Ferrer; Livro 70: Freguesia de Bom Jesus do Ribeirão de Sant’Anna.

¹²² GUIMARÃES, Elione Silva. *Terra, convívio e disputas – vale do paraíba mineiro (1850-1920 - notas de pesquisa)*. Disponível no site: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300629507_ARQUIVO_GUIMARAES_Elione-convivioedisputasnomundorural.pdf. Acessado em 24/04/2019. p. 06.

¹²³ GUIMARÃES, Elione Silva. *Terra, convívio e disputas – vale do paraíba mineiro (1850-1920 - notas de pesquisa)*. Disponível no site: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300629507_ARQUIVO_GUIMARAES_Elione-convivioedisputasnomundorural.pdf. Acessado em 24/04/2019. p. 06.

¹²⁴ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Resende/ N. S. Conc. Do Campo Alegre. Livro 67. Fl. 272. 391 – Declaração de Maria Benedicta. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018. (Ver Anexo XV).

Joaquim José Martins declara-se possuidor de um “sítio denominado Taquaral, na mesma freguesia que o houve por compra a Paulino Joé Martins e Bento Manuel da Rocha e divisando todo pelos altos, pelos fundos com João Evangelista de Souza, por um (...) levara de planta de milho, trinta alqueire mais ou menos”.¹²⁵ Ele também declara-se proprietário de mais uma parte de terras:

(...) terras na paragem do Campinho na mesma freguesia que a houve por compra a Felicia Alves (...), divisando com Manuel Francisco de Souza, consta do papel que a mesma me passou – cujas terras levarão de planta de milho doze alqueires mais ou menos, e por me ver pedido faço o presente. Fazenda da Babilônia doze de fevereiro de mil oitocentos e cinquenta e seis. Joaquim José Martins. Apresentado a vinte de fevereiro de mil oitocentos cinquenta e seis.¹²⁶

Ainda nos registros paroquiais encontrou-se um registro de terras do irmão de Maria Benedicta. Nele Antonio Gonçalves da Rocha declarava-se possuidor de fazendas em Resende.

(...)senhor e possuidor de duas fazendas no distrito dessa cidade de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre de Resende. Hum denominada Conceição do Maribondo que houve por compra feita a Marianno Pereira da Rosa, e divide com José (...)Pinto e Thomaz José de Sequeira, Silverio, Lucindo, Francisco Ramo de Paula e com o Excelentíssimo Barão de Pouso Alto e Luis da Rocha Miranda e Silva. E outra denominada Glória que houve por troca feita com José Fernandes de Sequeira e divide com Francisco Luiz Ferreira Leal, Manoel Corrêa de Souza e com a viúva e herdeiros de José Dias. Em conformidade das leis das terras faço a presente ação em duplicata que vai por mim assignada. Resende vinte e cinco de fevereiro de mil oitocentos cinquenta e seis. Antonio Gonçalves da Rocha. Apresentado a vinte cinco de fevereiro de mil oitocentos cinquenta e seis.¹²⁷

Além das propriedades acima mencionadas tem-se registros de outras que pertenceram aos Gonçalves Martins. A confirmação dela foi possível através de registros cartoriais do 2º ofício de Resende, Livro B e Livro C: Casas 25, 23 e 23 A – no Largo da Matriz - Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 22/04/1898; Terras na Pindauba, Cedro e Três Barras - Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 25/02/1899; Betais - Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 23/05/1903. Tais propriedades foram transmitidas a Tito Livio Martins, em função da morte de sua mãe Maria Benedicta Gonçalves Martins

¹²⁵ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Resende/ N. S. Conc. Do Campo Alegre. Livro 67. Fl. 188. 306 – Declaração de Joaquim José Martins. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018. (Ver Anexo XVI).

¹²⁶ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Resende/ N. S. Conc. Do Campo Alegre. Livro 67. Fl. 188. 306 – Declaração de Joaquim José Martins. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018.

¹²⁷ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Resende/ N. S. Conc. Do Campo Alegre. Livro 67. Fl. 220. 361 – Declaração de Antonio Gonçalves da Rocha. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018. (Ver Anexo XVII).

falecida em 1881. No Livro 3 nº 359, consta a transmissão da Fazenda da Babilônia no dia 20/08/1891 para Antonio Augusto Martins, filho de Maria Benedicta. (Ver Anexos XVIII).

Tendo como princípio o tropeirismo como gerador de riqueza, a família expandiu seu patrimônio ao longo do século XIX, e investiu o capital acumulado em terras, café e escravos. Evidentemente, com o passar do tempo as gerações posteriores ao Comendador Manoel Gonçalves foram diversificando seus investimentos em outros setores. Eles faziam parte de um seleto grupo de grandes proprietários da cidade de Resende.

Ao longo de suas vidas foram atuantes na sociedade resendense. O Comendador Manoel Gonçalves contribuiu decisivamente para a construção da Capela Nossa Senhora do Rosário, que começou a edificar-se pelos anos de 1825 a 1827, criando-se a respectiva Irmandade¹²⁸ do Rosário, onde foi o zelador.¹²⁹

A Capela de Nossa Senhora do Rosário teve vários benfeitores que concorreram com esmolas para o andamento das obras; entre eles Manuel Gonçalves, João Lourenço Dias Guimarães e Ana Joaquina Ferreira de Souza. Foram primeiros irmãos de mesa: Hilário Francisco Leme, rei, e Inocência Martins Pereira, rainha; João Lourenço Dias Guimarães, tesoureiro; Francisco de Paula Correa de Toledo, procurador; Antônio Pinto Coelho Barros, escrivão; Manuel Gonçalves, zelador e vários outros que constam do arquivo da Irmandade.¹³⁰

Também foi benfeitor do hospital de caridade de Resende, doando uma apólice geral.

Ao que tudo indica, grande parte dos bens do comendador Manoel Gonçalves passaram para a sua filha Maria Benedicta.

¹²⁸ “As irmandades eram organizações que surgiram na Europa durante a Idade Média, em torno da devoção a um santo, agregando, em sua grande maioria, membros leigos. Seu objetivo era realizar atividades assistenciais aos pobres e doentes, sendo geralmente apoiados pela Igreja e pelos monarcas. No Brasil, a constituição de irmandades e Ordens Terceiras ocorreu com base na organização das Santas Casas de Misericórdia de Portugal, cujos deveres iam desde dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, vestir os nus, visitar doentes e presos, dar abrigo aos viajantes, resgatar os cativos, até enterrar os mortos. Mesmo com esses deveres como princípios norteadores para organização, as irmandades no Brasil acabaram tendo suas características próprias, constituindo-se como associações corporativas que, através da devoção a um santo em particular, possibilitavam o estabelecimento de laços de solidariedade entre seus membros, os chamados irmãos, ao mesmo tempo em que lhes serviam como canal de ascensão social e representatividade. Dessa forma, era comum encontrar as irmandades dos poderosos, cujos membros faziam parte da “elite branca”; as dos “homens de cor”, estas se dividindo tradicionalmente em crioulos, mulatos e africanos, ou ainda, as que agregavam indivíduos da mesma profissão”. MALAVOTA, Claudia Mortari. *A Irmandade do Rosário e seus Irmãos africanos, crioulos e pardos*. In: A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884): contribuição ao estudo da assistência social no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. 1976. p.03.

¹²⁹ “A Capela de Nossa Senhora do Rosário teve vários benfeitores que concorreram com esmolas para o andamento das obras; entre eles Manuel Gonçalves, João Lourenço Dias Guimarães e Ana Joaquina Ferreira de Souza. Foram primeiros irmãos de mesa: Hilário Francisco Leme, rei, e Inocência Martins Pereira, rainha; João Lourenço Dias Guimarães, tesoureiro; Francisco de Paula Correa de Toledo, procurador; Antônio Pinto Coelho Barros, escrivão; Manuel Gonçalves, zelador e vários outros que constam do arquivo da Irmandade”. MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende ...* p. 120 a 121.

¹³⁰ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende ...* p. 120 a 121.

2.2 Os Gonçalves Martins e café em Resende: entre pequenos e médios produtores

Quando se fala em cafeicultura¹³¹ no século XIX, é comum que seja associada à ideia de grandes latifúndios e grandes fazendeiros. Entretanto, estudos recentes de alguns historiadores como Célia Maria Loureiro Muniz, Maria Celina Whately, Renato Leite Marcondes, Júlio César Fidelis entre outros, tem demonstrado que o Vale do Paraíba Fluminense, e mais especificamente, a cidade de Resende, foi composta no século XIX, essencialmente de pequenos e médios produtores de café.¹³²

Célia Maria Loureiro Muniz ao tratar das estruturas fundiárias do vale do Paraíba, afirma que o Vale do Paraíba Fluminense não era constituído, apenas, de grandes fazendeiros de café, mas também de pequenos proprietários e que as fazendas existentes não eram tão grandes, possuindo em média 100 a 200 alqueires, sendo que muitas possuíam menos de 100 alqueires.¹³³

Renato Leite Marcondes¹³⁴ afirma que no Vale do Paraíba, a estrutura econômica apresentava variações locais e algumas localidades apresentavam uma participação maior de grandes escravistas do que outras. Como é o caso de Bananal e Vassouras.¹³⁵

As afirmações da historiadora Maria Celina Whately, corroboraram com o pensamento de Marcondes e Célia Muniz. Para ela, Uma das peculiaridades de Resende foi exatamente a produção de café, com base num grande número de pequenos e médios produtores e poucos grandes cafeicultores.

Não houve uma concentração de capitais como os reunidos, por exemplo, pelo Comendador Joaquim José de Sousa Breve, que chegou a possuir mais de 20

¹³¹ COSTA, João. Cafeicultura: Cultura do cafeeiro que se tornou a principal atividade agrícola do país do início do século XIX até quase a metade do século XX. O café brasileiro continua sendo um dos principais produtos de exportação e responde por cerca de 20% do total mundial (cerca de 78 milhões de sacas/ano). Aproximadamente 85% do produto exportado correspondem ao tipo *arábica* e o restante ao *robusta*. Pág. 69.

¹³² Além dos grandes fazendeiros de café, o Vale do Paraíba fluminense também era constituído de pequenos e médios proprietários. Cf. MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre estruturas fundiárias do Vale do Paraíba Fluminense, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – ICHF/UFF, 1979. p. 135 e 160. A produção de café em Resende era baseada num grande número de pequenos e médios produtores e poucos grandes cafeicultores. Cf. WHATELY, Maria Celina. *O café em Resende no século XIX*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1987. p. 69. A estrutura econômica apresentava variações locais e algumas localidades apresentavam uma participação maior de grandes escravistas do que outras. Cf. MARCONDES, Renato Leite. *A pequena e a média propriedade na grande lavoura cafeeira do Vale do paraíba*. São Paulo, Revista de História, 1998. p. 40. Destaca a importância das pequenas e médias propriedades na nascente economia agroexportadora cafeeira, que na Vila de Resende, teve o seu primeiro pólo dispersor no Brasil. Cf. SOARES, Júlio Fidelis. *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. Vassouras-RJ. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Severino Sombra, 2006.

¹³³ MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre estruturas fundiárias do Vale do Paraíba Fluminense, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – ICHF/UFF, 1979. p. 135 e 160.

¹³⁴ Doutor em economia pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA – USP) e professor das Faculdades Oswaldo Cruz.

¹³⁵ MARCONDES, Renato Leite. *A pequena e a média propriedade na grande lavoura cafeeira do Vale do paraíba*. São Paulo, Revista de História, 1998. p. 40.

fazendas, com um plantel de cerca de 20 mil escravos. Tampouco qualquer grande proprietário resendense chegou a reunir a fortuna de um Clemente Pinto, de Cantagalo, que teve uma de suas residências urbanas o atual Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.¹³⁶

Júlio Soares destaca que, apesar de toda euforia cafeeicultora, a região de Resende nunca ocupou o lugar de maior produtora de café da Província do Rio de Janeiro. No entanto, ele não descarta a importância de Resende como pioneira na região.¹³⁷ Evidentemente não se pode desqualificar Resende, principalmente em função desse pioneirismo. O autor enfatiza a importância das pequenas e médias propriedades na nascente economia agroexportadora cafeeira, que na Vila de Resende, teve o seu primeiro pólo dispersor no Brasil.

Conforme Celina Whately, em Resende era feita a diferenciação entre fazendeiros e lavradores da seguinte maneira: Os fazendeiros eram aqueles que possuíam entre 40 e 50 escravos e pelo menos, 30 alqueires de terra. Aqueles que possuíam menos parâmetros que os mencionados acima eram considerados lavradores.¹³⁸

No Vale do Paraíba Fluminense o século XIX o cenário foi fortemente marcado pela cafeeicultura. Além das grandes fazendas de café, o Vale era composto também por médias e pequenas propriedades que não deixavam de ser importantes e que plantavam, colhiam e coexistiam com as grandes propriedades.

Pesquisa realizada por Júlio Soares expõe um número significativo de pequenos e médios proprietários da cidade de Resende no ano de 1868, com pouca diferenciação percentual entre eles e os grandes proprietários. A distribuição de produtores seguiu o critério conforme a produção em arrobas de café em suas propriedades: Pequenos produtores – 200 a 800 arrobas; médios produtores - 1000 a 2500 arrobas; grandes produtores – 3000 a 150.000 arrobas.¹³⁹

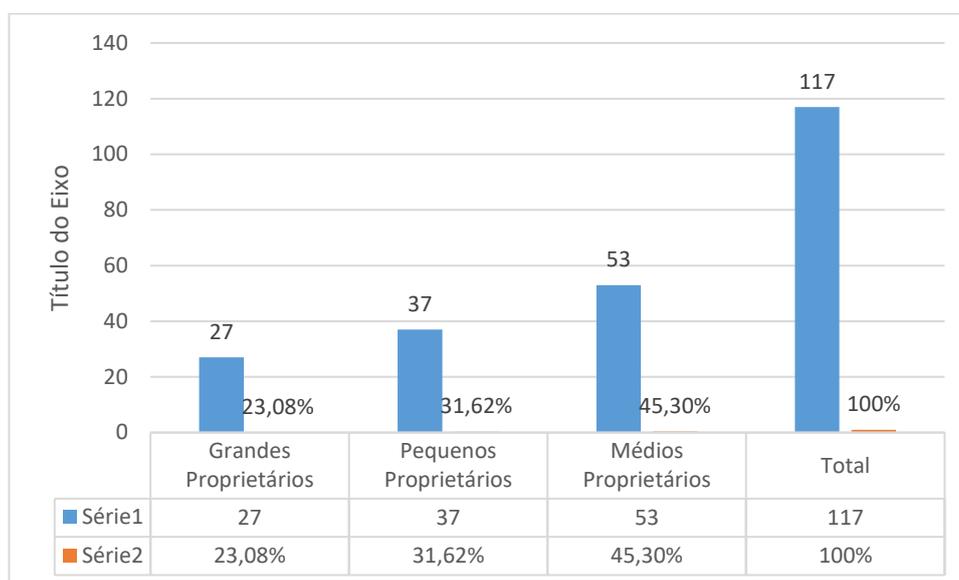
Assim, totalizaram-se 17 proprietários (fazendeiros, médios proprietários e pequenos proprietários), 27 eram grandes proprietários, com percentual de 23,08%; 53 eram médios proprietários, com percentual de 45,30%; 37 eram pequenos proprietários, com percentual de 31,62%. Somando-se os médios e pequenos proprietários obteve-se a soma de 90 pessoas, com um percentual de 76,92%. Fica bastante evidenciado o grande número de pequenos e médios produtores existentes na cidade de Resende, detendo juntos 35,41% da renda do município naquela época. A renda dos grandes proprietários de fazendas era maior, 64,59%.

¹³⁶WHATELY, *O café em Resende no século XIX*. p. 69.

¹³⁷SOARES, Júlio Fidelis. *Maria Benedita Gonçalves Martins*. “A Rainha do café em Resende”. II Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB. [S.l.], n. 2, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/index.php/simposio/article/view/318>>. p. 02.

¹³⁸ WHATELY, *O café em Resende no século XIX*. p. 37.

¹³⁹ SOARES, *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. p. 43.

Gráfico 17. Pequenos, médios e grandes proprietários de Resende em 1868

Fonte: SOARES, Júlio Fidelis. *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. Vassouras-RJ. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Severino Sombra, 2006.

De acordo com os dados informados, no ano de 1868, a cidade de Resende era composta em sua grande maioria por um grande número de pequenos e médios proprietários e as grandes propriedades não eram predominantes naquele cenário do século XIX.

No contexto de pequenos, médios e grandes produtores de café em meados da década de sessenta do oitocentos, os Gonçalves Martins configuravam-se entre os grandes produtores de Resende. Tal afirmativa pode ser comprovada pela produção de café em uma das fazendas da família, a Fazenda da Babilônia, de propriedade de Joaquim José Martins, marido de Maria Benedicta Gonçalves Martins, conhecida nos dias atuais com a “Rainha do Café”. A concentração de renda entre os grandes produtores variava entre 4.000 a 20.000 contos. A renda da Fazenda Babilônia era de 20.000 contos. Levando-se em conta o índice GINI, que varia de 0 a 1, o percentual dessa propriedade chegava a 0,9630.¹⁴⁰ De acordo com o IPEA – Instituto de pesquisa econômica aplicada, “o índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos”.¹⁴¹

No que se refere a estrutura fundiária das propriedades dos Gonçalves Martins, não se

¹⁴⁰ SOARES, *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*... Apêndice 08.

¹⁴¹ O que é índice Gini. Disponível no site: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28. Acesso no dia 26/03/2019.

pode afirmar com precisão a sua totalidade, em razão de não haver registros precisos das propriedades. Entretanto, a Fazenda da Babylônia, uma das propriedades, senão a mais representativa quando tratamos dos Gonçalves Martins, pode servir como parâmetro para uma observação sobre o aspecto fundiário.

Segundo dados encontrados em escritura pública feita no ano 1891, a Fazenda da Babylônia superava a média estabelecida por Célia Maria Loureiro Muniz, contendo segundo registro, 300 alqueires de terras.

A Fazenda Babylonia contem 300 alqueires de terras em matos, capoeiras e pastos, ocupados com 500 pés de cafés, em casa de morada, milho senzalas, máquinas, terreiro cimentado e mais benfeitorias, divisando com os seguintes confrontantes: José Soares de Oliveira, Francisco Antonio da Rosa e Silva, João Ignácio de Medeiros, Daniel da Costa, Cipriano da Silva Ramos, herdeiros de Antonio Joaquim de Toledo, Joaquim Mendes de Carvalho, Marcelino Ferreira Machado, herdeiros de Francisco Ramos de Paula, Dr. Eugenio Augusto de Carvalho Menezes, Joaquim Francisco de Moura (...).¹⁴²

Conforme escritura pública de 1891, lavrada pelo tabelião João Ferreira de Carvalho, a Fazenda da Babylônia apresentava uma estrutura fundiária considerável e no ano de 1868 gerando uma acumulo de capital oriundo da produção de café num total de 20.000 contos de réis, configurando-se entre grandes propriedades e com bastante lucratividade para seus proprietários.

A partir dos anos de 1870, a cafeicultura resendense entrou numa crise, oriunda de fatores como desgaste do solo, fim do tráfico de escravos e, principalmente a falta de investimento desde que se começou plantar o café na região, em tecnologias voltadas ao plantio e produção. Com a soma de todos esses fatores houve uma debandada de produtores para o oeste paulista.

2.3 A crise do café em Resende e os impactos socioeconômicos

A primeira crise que os cafeicultores resendenses sofreram foi a praga que atingiu os cafezais na década de cinquenta do oitocentos, que culminou na diminuição da produção.

A partir de 1856 a cafeicultura resendense seria atingida por uma praga (também chamada “bicho do café”) causada por uma borboleta branca que depositava seus ovos nas folhas dos cafeeiros, fazendo com que amarelassem e caíssem. Cerca de seis a sete colheitas ficaram terrivelmente prejudicadas,

¹⁴² CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO. Escritura pública. Livro 3, nº 539. Maria Benedicta Gonçalves Martins transmitente do imóvel denominado Fazenda da Babylônia. (Ver Anexo XVIII).

tendo como resultado uma enorme queda da produção do café, que em 1860 chegaria a apenas 170 mil arrobas (contra 800 mil produzidas em 1850).¹⁴³

Com a Lei Eusébio de Queirós, a reposição de mão de obra ficou cada vez mais difícil, sendo esse também um fator de desestabilização do setor cafeeiro a partir de 1850. Para Júlio Soares, a diminuição da produção de café “não está ligada totalmente à questão do trabalho escravo, mas talvez ao esgotamento das matas virgens e depredação do solo devido às técnicas rudimentares em que se baseavam o plantio”.¹⁴⁴

Beatriz Garcia destaca que a “monocultura, praticada de forma intensiva, no Vale do Paraíba, enfraqueceu o solo por mais de cinco décadas”.¹⁴⁵

Também Alгатão reforça tal pensamento afirmando que inovação e uso indiscriminado do solo cobraram um preço caro a partir de 1870.

(...)a terra do Vale do Paraíba dava seus primeiros sinais de esgotamento, a produção recorde dos anos anteriores dava lugar a safras cada vez menores, principalmente na região do Vale Histórico, cuja exploração fora anterior. Somando-se a esse fato, há também a questão da mão de obra majoritariamente escrava empregada na lavoura. Nesse ponto, há outro entrave ao desenvolvimento da Queiróz, região. Desde a Lei Eusébio de houve acentuado declínio nos braços disponíveis para serem empregados no cultivo e na colheita do café, no entanto, essa situação adversa só foi mais forte posteriormente.¹⁴⁶

Para Hildete Pereira de Melo,¹⁴⁷ o café andou pelas trilhas das tropas de mulas, nos caminhos das antigas veredas do ouro e logo todo o Vale do Paraíba do Sul estavam abarrotadas de cafeeiros.¹⁴⁸ Melo ainda destaca que a prosperidade da Zona Vale Sul do Paraíba¹⁴⁹ era inegável, mas a terra deu sinais de cansaço.¹⁵⁰

Já no ano de 1869 verifica-se insatisfação quanto ao descaso do governo quanto a agricultura resendense e as difíceis condições que o lavrador enfrentava. Tal fato expressa-se

¹⁴³ WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no vale do paraíba ...* p. 38.

¹⁴⁴ SOARES, Júlio Fidelis. *A vila de Resende e o café*. Org. BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *História de Resende* - uma narrativa. Resende, 2017. p. 101.

¹⁴⁵ GARCIA, Beatriz. *O romance do café*. São Paulo: Alfa-omega. 1999. p. 43.

¹⁴⁶ ALGATÃO, *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX ...* p.05.

¹⁴⁷ Possui graduação em Faculdade de Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), Curso de Especialização em Desenvolvimento Econômico pela Université de Toulouse (França), Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979) e Doutorado em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Desde 1972 é professora da Universidade Federal Fluminense. Disponível no site <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 28 e janeiro de 2018.

¹⁴⁸ MELO, Hildete Pereira de; MELO, H. P.; *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café (1895/1910)*. Revista do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, v. VIII, 1993. p.59.

¹⁴⁹ Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba (Barra Mansa, Barra do Pirai, Pirai, Paraíba do Sul, Petrópolis, Resende, Sapucaia, Santa Theresa, Valença e Vassouras).

¹⁵⁰ MELO, *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café (1895/1910)*. p.59.

num comunicado feito pelo Dr. José Franklin Massena¹⁵¹ no Jornal Astro Resendense:

No dia em que o paiz [sic] aflicto [sic] encontra-se abalado nas finanças, ve o commercio [sic] acabar, e as fontes de riqueza como paralisadas, o povo tem olhado para as rigides superiores, pedindo o progresso material como única taboa de salvação. Engano manifesto é este, desde que se despreza a agricultura e seu desenvolvimento, suas garantias e credito, e finalmente sua elevação à verdadeira esfera que se deve ocupar em um paiz [sic] puramente tropical e rico. Os nossos governos pouco se importam com a terra lavrada, e postados na região d'onde todo bem deveria dimanar para a baixa esfera da lavoura, com menosprezo tem encarado o grito do povo, dado a agricultura única base, e solido apoio às finanças do estado. O nosso lavrador circundado de impostos, limitado a produzir escassamente aquilo que o paiz [sic] outrora pela força da natureza apresentava em grande escala, ve-se no ponto de arrancar-lhe a última camisa do corpo; e os governos com isto pouco se dão, contanto que novos fiscos e tributos equilibrem as regiões superiores de nossas finanças.¹⁵²

Massena defende que o governo não deu o devido valor à agricultura, taxando os lavradores com muitos impostos, dificultando sua sobrevivência. Prosseguindo, ele afirma que os governos pensavam que a indústria, comércio e as artes poderiam se desenvolver sem a riqueza agrícola. Ele destaca a importância de investir em ciência e na necessidade de uma academia de mineralogia no país. E faz a seguinte afirmação:

A larva devorado a tem consumido nossos cafesaes; uma comissão estudou estes bixinhos, e deu suas ideas que o paiz [sic] ignora; temos terras cansadas, há falta de braços e de crédito, pergunta-se; qual a solução destes problemas? É preciso pois, que o povo cheio de paciência, vá por si só fazendo seus melhoramentos. (...) Para sermos elevados a cupola [sic] do respeito basta somente a agricultura.¹⁵³

Em síntese, Massena deixa claro que com o descaso do governo com a agricultura, só restou aos lavradores, buscarem as melhorias necessárias, como investimento em ciência, tecnologia e tratamento do solo desgastado que se tornou infértil. O engenheiro era incisivo em sua defesa da agricultura e da importância de investimentos para melhorias, tanto que novamente publica na imprensa o seguinte comunicado no dia 16 de maio de 1869:

O café constitui essencialmente a principal riqueza do Brazil, e nenhum

¹⁵¹MASSENA, José Franklin. *Quadros da natureza tropical ou Ascensão científica ao Itatiaia* – Ponto mais culminante do Brasil. Engenheiro Civil e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível no site: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/242851/000925272.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 de jan. de 2018.

¹⁵²ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Resendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. 01 de maio do Anno 1869. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.34.

¹⁵³ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Resendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. 01 de maio do Anno 1869. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.34. (Ver Anexo XIX).

melhoramento tem tido sobre a terra, deixando sempre nos terrenos o vestígio da destruição de sua força nutritiva, e esse caráter de terra cansada. Para que nossos lavradores conheçam de perto a vida do cafeeiro e condições em que essa se dá, é preciso attender[sic]ao clima e a terra: no clima o ar atmosférico [sic], seu calor, humidade, peso e acção da electricidade tem uma influencia sobre o vegetal, ao passo que a terra composta de certos mineraes [sic] e dominada pelos agentes atmosféricos [sic] serve de meios para nutrir os órgãos da planta.¹⁵⁴

Para Júlio Soares, uma característica da economia cafeeira é que ela é itinerante, pois o plantio do café sempre esteve em movimento e os seus momentos de crise que determinavam isso. Diante da dificuldade, o produtor desfazia-se de tudo e mudava-se.¹⁵⁵

Seguindo essa afirmação, os produtores resendenses em virtude da crise do café, voltaram seus olhares para o oeste paulista, que era considerado o novo eldorado.

As “terras roxas encaroçadas” do oeste paulista¹⁵⁶, férteis e de baixo custo das áreas ainda cobertas por matas virgens, passaram a ser enaltecidas em publicações na imprensa de Resende.

De acordo com Celina Whately, um dos principais propagandistas do oeste paulista era Luiz Pereira Barreto que em 1878, juntamente com seus irmãos José, Miguel e Francisco saíram de Resende em definitivo, rumo ao novo eldorado. Esta partida para o oeste paulista ficou conhecida como Caravana Pereira Barreto.¹⁵⁷

A produção cafeeira do município estava estagnada e se mantinha no mesmo nível de 1870, a crise da lavoura de café repercutiu fortemente com mudanças na estrutura do setor rural, tentou-se o algodão, mas foi a pecuária o melhor sucedâneo para a região e de uma maneira geral a solução encontrada para todo o Estado do Rio de Janeiro quando a decadência se tornou um caminho irreversível da agricultura fluminense.¹⁵⁸

Após a Caravana dos Pereira Barreto deslocar-se para São Paulo, outras famílias lançaram-se nesse empreendimento: os Nogueira, os José dos Santos, os Whately, os Jardins, os Vieira de Souza, os Ricardo Guimarães, os Rocha Miranda, os Custódio Arantes, os Domicianos de Assis, os Pereira da Fonseca, os Pompeia, os Leite, os Carvalho, os Dias do Prado, os Pereira Viana, os Almeida Macuco, os Alves Meira.

¹⁵⁴ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. 16 de maio do Anno 1869. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.03. (Ver Anexo XX).

¹⁵⁵SOARES, Júlio Fidelis. *Maria Benedita Gonçalves Martins*. “A Rainha do café em Resende”. II Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB. [S.l.], n. 2, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/index.php/simposio/article/view/318>>. p. 10.

¹⁵⁶Oeste paulista: as áreas de Cravinhos, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Batatais, Caconde, Santa Rita e Franca.

¹⁵⁷WHATELY, *Resende, a cultura pioneira do café no vale do paraíba ...* p. 108.

¹⁵⁸MELO, *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café (1895/1910)*. p. 68.

Ao analisar a tabela abaixo, verifica-se que a partir da grande transferência de capitais para o Oeste Paulista o número de pés de café da cidade de Resende nos anos de 1883 e 1920 já era inferior a de outras cidades, como Valença e Vassouras. Os dados são um reflexo da crise cafeeira em Resende.

Tabela 5. Zona Serrana do Vale Sul do Paraíba

Lavoura Cafeeira: Número de Pés de Café (milhares)				
Ano	1883	%	1920	%
Barra Mansa	3.345	9,96	1.978	6,20
Barra do Piraí	-	0,00	1.711	5,36
Piraí	3.460	10,31	299	0,94
Petrópolis	-	0,00	2.586	8,10
Paraíba do Sul	5.616	16,73	9.626	30,15
Resende	3.437	10,24	2.412	7,56
Sapucaia	881	2,62	1.984	6,22
Santa Theresa	-	0,00	4.085	12,8
Valença	9.469	28,21	5.769	18,07
Vassouras	7.362	21,93	1.472	4,61
Total	33.570	-	31.922	100

Fonte: MELO, Hildete Pereira de; MELO, H. P.; *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café (1895/1910)*. Revista do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, v. VIII, 1993. Pág. 69. Laerne, C. F. van Delden, op.cit., pp 188 a 191; Censo de 1920; Anuário Estatístico do Café, 1934 e 1938, D.N.C.

O Rio de Janeiro despontava como maior exportar do café até a abolição da escravatura. Mais essa realidade não era unânime em todas as regiões do Rio.

Na década de 1890 a produção cafeeira paulista firmou-se definitivamente no cenário nacional como a maior região produtora de café do Brasil. O decênio compreendido entre 1885 e 1895 foi um dos períodos mais longos de preços altos do café no mercado mundial.¹⁵⁹

A partir daí, a economia em São Paulo, baseada no café fez com que se transformasse na região do País bastante viável economicamente. Enfim, São Paulo em finais do século XIX e início do XX assumiu definitivamente a liderança em produção e exportação de café.

No entanto, é necessário deixar claro que, mesmo ocorrendo uma grande transferência de capitais para o oeste paulista, ainda ficaram muitos proprietários de fazendas na cidade de

¹⁵⁹MELO, *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café ...*(1895/1910). p. 53-54.

Resende.

Os Gonçalves Martins permaneceram em Resende até as últimas décadas do século XIX, mesmo indo na contramão da intensa saída de cafeicultores que iriam empreender na fronteira aberta do oeste paulista.

Apesar de toda lamentação, via-se em Resende, o lançamento de empreendimentos de grande porte, como a sociedade organizada por Tito Livio Martins (...), junto com Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, barão de Bananal, e La Sierra Pereira, para instalação de uma linha telefônica entre a cidade e a zona rural.¹⁶⁰

Com base nessa informação, é possível afirmar que os cafeicultores de Resende estavam diversificando seus investimentos em outros setores, mas continuaram com suas fazendas de café.

Conforme afirma Maria Celina Whately, Tito Livio Martins, filho da rainha do café (falecida em 1881) produzia em sua fazenda Ribeirão Bonito (herdada de sua mãe), cinco mil arrobas de café. Somente em 1896, ele venderia sua fazenda ao Estado do Rio de Janeiro para construção de um núcleo colonial.¹⁶¹

No ano de 1885 foi realizada uma Exposição Regional, com a participação de 66 expositores resendenses, com a produção variando entre 100 a 10 mil arrobas. Dentre esses expositores estão membros da família Gonçalves Martins:

Tabela 6. Exposição Regional de café no ano de 1885

Nº	Expositor	Fazenda	Máquina	Média de Exportação em Arrobas
01	Antonio Augusto Martins	Babilônia	Lidgerwood	5.000
02	Joé Ribeiro de Andrade	Palmeiras	Monjolo	2.000
03	Manoel Conrado Teixeira	Sesmaria	Lidgerwood	1.000
04	Tito Livio Martins	Ribeirão Bonito	Lidgerwood	5.000
	Total			13.000

Fonte: Extraído e elaborado pela autora a partir de dados coletados por Maria Celina Whately. WHATELY, Maria Celina. *Resende, a cultura do café no Vale do Paraíba*. Resende-RJ: ARDHIS, 2003. P. 122 a 123.

No ano de 1891, quando a Fazenda da Babilônia, foi transmitida ao herdeiro de Maria Benedicta Gonçalves Martins, o filho Antonio Augusto Martins, a propriedade ainda possuía 500 pés de cafés, com máquinas e terreiro cimentado.¹⁶²

¹⁶⁰ WHATELY, *Resende, a cultura do café no Vale do Paraíba*. p. 121.

¹⁶¹ WHATELY, *Resende, a cultura do café no Vale do Paraíba*. p. 121.

¹⁶² CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO. Escritura pública. Livro 3, nº 539. Maria Benedicta Gonçalves Martins

Em resumo, muitos produtores de Resende, incluindo os Gonçalves Martins, continuaram com fazendas de café, investindo em tecnologias voltadas à produção, cimentado os terreiros de café, mas também diversificando o investimento em outras áreas.

Todavia essa diversificação dos investimentos se estendeu também ao que tudo indica para algumas cidades de São Paulo, como Botucatu Tatuí e Bofete. E se intensificou mais ainda após a morte de Maria Benedicta Gonçalves Martins em 1881. Já é possível encontrar registros da presença dos Gonçalves Martins no ano de 1883 na cidade de Botucatu. Em uma nota no jornal *Correio paulistano* consta referência a Antonio Augusto Martins, um dos filhos da fazendeira. A nota trata de um caso de assassinato cometido pelo feitor de uma fazenda de Antonio Augusto Martins.

A delegacia de polícia de Botucatu abriu inquérito para verificação da criminalidade de Antonio Alves da Cunha, feitor da fazenda de Antonio Augusto Martins, acusado de ter assassinado, por meio de castigos imoderados, o escravo de nome Bemvindo.¹⁶³

Outro registro encontrado no *Correio paulistano* foi do ano de 1887, em que Antonio Augusto faz o seguinte requerimento: “Requerimentos despachados: Do capitão Antonio Augusto Martins, residente em Botucatu pedindo relevamento da multa imposta pelo coletor, por haver deixado de dar matrícula a diversos ingênuos”.¹⁶⁴

Em 1894 Antonio Augusto Martins declarou-se residente na cidade de Botucatu – SP, com a profissão de lavrador com fazendas, o que pode ser comprovado através do seu testamento constante no processo judicial de instrumento de agravo requerido por Joaquim Guerreiro Maia. No processo o requerente solicita um pagamento de dívida do já falecido Antonio Augusto. O que conforme se analisou o processo, constatou-se não proceder. Enfim, no que se refere a residência de Antonio Augusto Martins, em seu testamento ele assim afirmou:

(...)Eu Antonio Augusto Martins, achando-me doente e guardando o leito, mas no gozo de minhas faculdades, faço este meu testamento e disposições de última vontade pela maneira seguinte: Sou cidadão brasileiro, nascido e crescido neste município, filho legítimo de Joaquim José Martins e Dona Maria Benedicta Gonçalves Martins, já falecidos, e possuindo nesta cidade uma propriedade rural, onde estive ultimamente, sou, todavia, morador no município de Botucatu estado de São Paulo, onde sou lavrador com fazendas

transmitente do imóvel denominado Fazenda da Babylônia.

¹⁶³ *Correio paulistano* – Editor-gerente-Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Typografia. ANO XXXIII. 07 de junho de 1883. Fl.2. Edição 08032.

¹⁶⁴ *Correio paulistano* – Editor-gerente-Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Typografia. ANO XXXIII. 22 de março de 1887. Fl.1. Edição 9168.

de cultura, bem assim possuo na cidade daquele nome uma chácara e um prédio.¹⁶⁵

O Coronel da Guarda Nacional Tito Livio Martins, dos filhos de Maria Benedicta, o que mais se destacou na sociedade resendense, ao final do século XIX passou a fazer constantes visitas a São Paulo e finalmente a estabelecer-se em definitivo exercendo uma atividade totalmente oposta daquela de fazendeiro e político que exercia na cidade de Resende. No jornal Correio paulistano encontram-se registradas as diversas idas de Tito Livio a São Paulo, a partir do ano de 1887. “Acham-se hospedados no hotel de França, chegando ontem. Tito Livio Martins”.¹⁶⁶ Tais registros repetiram-se várias vezes dos anos de 1887 a 1890.

Conforme nota no jornal Correio paulistano, no dia 14 de novembro de 1888 Tito Livio Martins recebeu autorização para explorar petróleo no município de Tatuhy. “Exploração mineraes. Concedeu permissão a Tito Livio Martins para explorar petróleo e outros mineraes no município de Tatuhy nesta provincia”.¹⁶⁷

Tal afirmação pode ser comprovada através do Decreto nº 670 de 18 de agosto de 1890 que Concede permissão a Tito Livio Martins para a lavra de petróleo e outros mineraes no município de Tatuhy, Estado de S. Paulo.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, atendendo ao que requereu Tito Livio Martins, resolve conceder-lhe permissão para a lavra de petróleo e outros mineraes no município de Tatuhy, Estado de S. Paulo, mediante as cláusulas que com este baixam, assignadas pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócio da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que assim o faça executar. Clausula I: Ficam concedidas a Tito Livio Martins dez datas mineraes de 141.750 braças quadradas (686.070 metros quadrados) para lavar petróleo e outros mineraes no município de Tatuhy, Estado de S. Paulo. Sala das sessões do Governo Provisório, 18 de agosto de 1890, 2º da Republica.¹⁶⁸

A mudança para São Paulo e o incentivo à exploração o petróleo teria partido do filho mais velho de Tito Livio Martins. Tito Livio (filho) havia estudado mineralogia nos Estados Unidos.

Ao traçar um panorama das relações econômicas e comerciais dos Gonçalves Martins ao

¹⁶⁵ ARQUIVO GERAL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – SEGAP. CX.01.950.915-2. Agravo de Instrumento. Ano 1895. Fl.6 e Flv.6.

¹⁶⁶ Correio paulistano – Editor-gerente-Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Typografia. ANO XXXIII. Ano 1887 a 1890. Edição 09362, 09484, 09572, 9621, 09687, 10018.

¹⁶⁷ Correio paulistano – Editor-gerente-Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Typografia. ANO XXXIII. Ano 1888. Edição n.9661. F.1.

¹⁶⁸ DECRETO N. 670 - DE 18 DE AGOSTO DE 1890 – Disponível no site: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=388814&id=14444680&idBinario=15780221&mime=application/rtf>. Acesso 27/03/2019.

longo do século XIX, pode-se chegar a algumas considerações. A riqueza do Comendador foi oriunda em sua essência da atividade de tropeirismo. Guimarães reforça a importância dessa atividade ao afirmar: “tropas e tropeiros seguiam (...) transformando os pântanos e trilhos em estradas, promovendo além do comércio de abastecimento e exportação, a integração e a comunicação”.¹⁶⁹

O Comendador que adquiriu a primeira sesmaria em 1819, só aumentou suas propriedades ao longo dos anos. Dedicou-se a aquisição de terras, plantio de cafezais e utilização do trabalho escravo em suas fazendas. À atividade de tropeiro, somente Manoel Gonçalves se dedicou, sendo que as gerações a posteriori já estavam inseridas no tripé terra, café e escravos. Sendo a cafeicultura a principal atividade da família.

A cafeicultura de Resende passou por duas crises principais, a de 1850, a chamada praga das borboletas e a de 1870, em que ocorreu a transferência de capitais para o oeste paulista.

A família permaneceu em Resende até os últimos anos do século XIX. Continuaram ali com o cultivo do café, porém, começou a diversificar os investimentos para outras áreas, como em linhas telefônicas e estrada de ferro.

A trajetória da família se deu principalmente em Resende, onde traçaram suas redes de sociabilidades, ampliando a influência da família. Estiveram presentes e atuantes na política local, chegando a ocupar cargos na municipalidade resendense.

¹⁶⁹ GUIMARÃES, Elione Silva. *Tropas e tropeiros na Minas Gerais Oitocentista*. Francisco Garcia Mattos-Um tropeiro na Zona da Mata Mineira. Disponível no site: <http://www.abphe.org.br/arquivos/elione-silva-guimaraes.pdf>. Acessado dia 24/04/2019. p. 07.

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIAS FAMILIARES, REDES DE SOCIABILIDADES E POLÍTICA DOS GONÇALVES MARTINS

No final da década de 1980, o genealogista Itamar Bopp¹⁷⁰ publicou um livro denominado “Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende. Casamentos 501 a 602 e 701”, onde dentre outras famílias, continha a genealogia da família Gonçalves Martins.¹⁷¹ O trabalho do genealogista e filatelista contribuiu sobremaneira para a pesquisa sobre a família em questão e demonstrou a grosso modo os laços de parentesco e as redes de sociabilidades traçadas por eles. Todavia, havia algumas lacunas a serem preenchidas, como datas, locais de nascimento e casamentos, ausência de alguns nomes, etc. Essas lacunas foram sendo completadas com o avançar da pesquisa e o acesso cada vez maior a novas e inéditas fontes documentais.

3.1 Trajetórias familiares e redes de sociabilidades dos Gonçalves Martins

Para reconstruir ou construir a genealogia dos Gonçalves Martins, mostrou-se imprescindível rastrear a sua origem portuguesa, pois Manoel Gonçalves, patriarca da família era português de Vianna do Castelo. Tendo como finalidade a reconstrução genealógica faz-se necessário estabelecer as relações entre o grupo familiar pesquisado, e o processo de composição da família e seus elos de parentesco.

Em princípio, a centelha impulsionadora para pôr em prática a pesquisa estava relacionada a Maria Benedicta Gonçalves Martins. Uma mulher do século XIX, que fora muito enaltecida por memorialistas e historiadores resendenses. Nomes como o do historiador Julio Cesar Fidelis Soares enaltece o caráter benfazejo e caridoso da fazendeira. A historiadora Maria

¹⁷⁰“Itamar Bopp, nasceu em 21 de dezembro de 1902, natural de Tupanciretã, faleceu em 1992 em São Paulo, era Filatelista, escreveu sobre a história e a genealogia de Resende, RJ, casado com Silvia Miranda, nascida em 15 de novembro de 1915 em Resende, RJ, filha de Carlos Gastão de Miranda e Georgina Cordovil de Macedo, neta paterna de Antonio José Maria de Miranda e Presciliana Amélia da Conceição, neta materna de Artur de Sá Macedo e Maria Amália Cordovil. ITAMAR BOPP”. Disponível no site: http://www.genealogiafreire.com.br/bopp/genealogia_bopp.htm. Acessado em 18 de novembro de 2018.

¹⁷¹BOPP, Itamar. *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. São Paulo: Gráfica Sangirard Sandoz, 1988. p. 01 a 33.

Celina Whately, enfocando os bailes realizados no sobrado de Maria Benedicta. E o diretor do Arquivo municipal de Resende e memorialista Claudionor Rosa, destacando que Maria Benedicta (...) possuía várias fazendas.¹⁷²

Entretanto, a escassez de fontes sobre aquela fazendeira, fez com que a busca se limitasse com relação a ela, e se ampliasse para incorporar outros membros da família Gonçalves Martins e analisar sua trajetória.

Segundo Manoela Pedroza, “a vida social é como um conjunto por vezes caóticos de ações, onde os jogadores devem transformar seus lances a cada novo movimento do tabuleiro”.¹⁷³

A reconstituição da trajetória da família apresenta grande relevância, trazendo uma análise das estratégias por eles estabelecidas para criar e expandir novas redes de sociabilidades por meio de diversas coligações ou uniões. As redes de sociabilidades incluem laços familiares, econômicos, sociais e políticos. Portanto, as redes de sociabilidades estabelecidas pelo Gonçalves Martins se deram não apenas no âmbito do núcleo familiar, mas também fora dele.

Os personagens em estudo instalaram-se na cidade de Resende, do período colonial ao imperial. Conforme já explicitado anteriormente, a trajetória familiar foco de interesse se inicia com o Comendador Manoel Gonçalves, conhecido como “Manoel do Carimbo”, nascido em Portugal, em Vianna do Castelo, do Arcebispado de Braga. Já no Brasil, contraiu matrimônio com Anna Maria Thereza de Jesus, filha de Joaquim Alves Pinheiro e Ana Ferreira de Jesus.¹⁷⁴ Há relato que Anna Theresa seria índia da etnia puri, tendo sido batizada com o nome cristão. Infelizmente não se pode comprovar tal afirmação. Manoel e Anna Thereza tiveram um casal de filhos: Maria Benedicta Gonçalves e Antonio Gonçalves da Rocha. A primeira, nasceu em Resende no dia 09 de março de 1809 e faleceu em Resende em 17 de abril de 1881. Posteriormente conhecida como a “Rainha do café”. O segundo, Gonçalves da Rocha, nascido em Resende, não há registro quanto a data específica, e faleceu em 28 de agosto de 1872. Ele posteriormente chegaria ao posto de coronel da Guarda Nacional de Resende.

Do casal de filhos, o ramo familiar que mais terá enfoque será o de Maria Benedicta,

¹⁷² Para maiores informações ler: SOARES, Júlio Fidelis. *Maria Benedita Gonçalves Martins*. “A Rainha do café em Resende”. Artigo Científico. II Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB. [S.l.], n. 2, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/index.php/simposio/article/view/318>; WHATELY, Maria Celina. *Resende, a cultura do café no Vale do Paraíba*. Resende-RJ: ARDHIS, 2003; Rosa, Claudionor. *A Rainha do café em Resende*. Maria Benedicta Gonçalves Martins. (Org.) Conselho Estadual dos Direitos da mulher. *Mulheres fluminenses do vale do Paraíba*. Histórias de luta e conquista da cidadania feminina. CEDIM. Rio de Janeiro-RJ.

¹⁷³ Pedroza, Manoela da Silva. Capitães de bibocas: casamentos e compadrios construindo redes sociais originais nos sertões cariocas (Capela de Sapopemba, freguesia de Irajá, Rio de Janeiro, Brasil, século XVIII). *Topoi*, v. 9, n. 17, jul.-dez. 2008, p. 67-92.

¹⁷⁴ BOPP, Itamar. *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 01.

sendo o que mais encontrou-se registros. Portanto, o estudo alcançará até as uniões matrimoniais dos filhos da fazendeira, seus respectivos cônjuges e filhos. Apesar desse enfoque, não se deixará de tratar sobre Antonio Gonçalves da Rocha e sua possível estratégia de união e suas redes de sociabilidades. As limitações de estudo sobre ele se deram em função da carência de fontes a seu respeito. Porém, ao lançar mão a processos judiciais envolvendo Antonio Gonçalves, torna viável um debate a respeito de questões como intrigas familiares, dívidas contraídas e cobradas após sua morte e uma carreira na Guarda Nacional de Resende.

Nessa perspectiva de trajetórias familiares, serão redesenhados os laços matrimoniais entre os Gonçalves Martins, e outras famílias, visando identificar as estratégias familiares do comendador Manoel Gonçalves e posteriormente de Maria Benedicta e seu esposo Joaquim José Martins.

Maria Benedicta com a idade de 17 anos casou-se com Joaquim José Martins, com então 28 anos, português, filho de João Alvares e de Ana Maria Martins, nascido na freguesia do Rebordello, em 20 de outubro de 1798, batizado na Freguesia de Nossa Senhora das Neves do Arcebispado de Braga e falecido na cidade de Resende em 20 de maio de 1872. Como já fora destacado, Maria Benedicta foi a única filha mulher do comendador Manoel Gonçalves. No dia 11 de julho de 1826, ela e Joaquim José Martins contraíram matrimônio na Matriz de Resende, localizada na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre da vila de Resende.

CERTIDÃO DE CASAMENTO DE JOAQUIM JOSÉ MARTINS COM MARIA BENEDICTA. Antonio Joaquim Pinto de Aguiar Escrivão do Juízo Eclesiástico desta cidade de Resende na Comarca Eclesiástica. Certifico que revendo o Livro terceiro de assentos de casamentos das pessoas livres desta Freguesia existente em meu poder e cartoria dele a folhas trezentos e um consta e se acha o assento de quem trata a petição supra do qual seu teor e forma é pela maneira seguinte =Joaquim e Maria=Aos onze dias do mês de julho de Hum mil oitocentos e vinte e seis nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre da Vila de Resende, pelas três horas da tarde, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, com Provisão do Reverendíssimo Vigário Geral do Bispado. Dispensadas pelo mesmo senhor das admoestações canônicas e tudo o mais só tomam. Digo e mais só tomando depoimento ... verbalmente e dispensado o ...pelo teor dado na Camara do Rio de Janeiro, e com palavras de presente se receberão em matrimonio Joaquim José Martins, filho de João Alvares, e de Ana Maria Martins Batizado na Freguesia de Nossa Senhora das Neves do Arcebispado de Braga, com Maria Benedicta Gonsalves filha de Manoel Gonsalves e Ana Theresa batizada nesta Matriz de Resende, tudo na forma da Igreja e Constituição do Bispado. E receberão as bênçãos nupciais do que para constar fiz este.¹⁷⁵

¹⁷⁵ ARQUIVO GERAL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Processo Judicial de Cobrança. Cx. 18152454. Ano de 1855. Vara única de Resende. Partes: Capitão Joaquim José Martins e o Major Antonio Gonçalves da Rocha.

Da união de Joaquim José Martins com Maria Benedicta Gonçalves nasceram 09 filhos, sendo 05 mulheres e 04 homens.

Quadro 8. Descendência de Joaquim José Martins e Maria Benedicta Gonçalves Martins

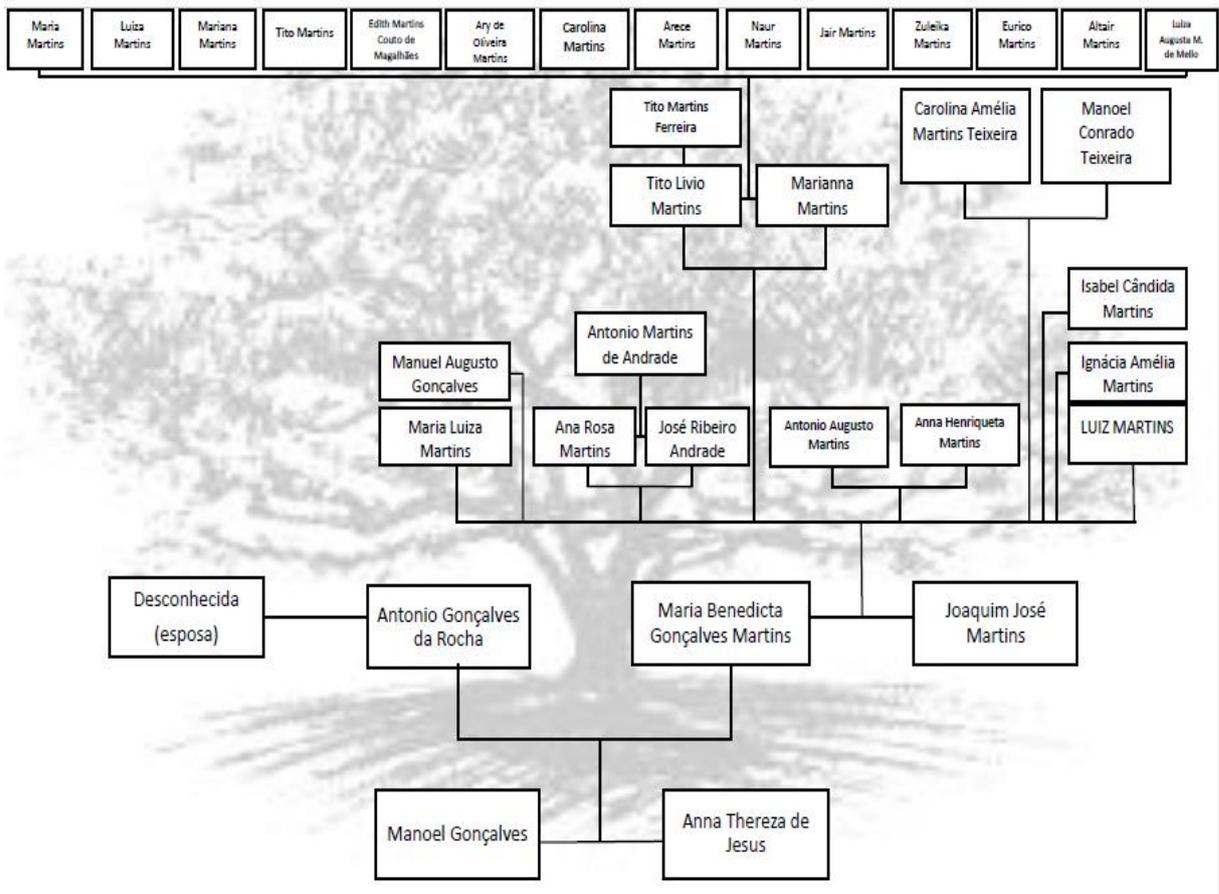
Nº	Nomes	Local Nasciment o	Local Faleciment o	Cônjuge	Filhos
01	Maria Luiza Martins	Resende 01/11/1827			
02	Ana Rosa Martins	Resende 05/11/1829		José Ribeiro Andrade	Antonio Martins de Andrade
03	Manoel Augusto Gonçalves Martins	Resende 24/04/1831	Resende 22/01/1852	Solteiro	Sem descendentes
04	*Carolina Amélia Martins Teixeira	Resende 06/09/1836	Portugal 1856	Manoel Conrado Teixeira	Frederico Conrado Teixeira
05	Isabel Cândida Martins	Resende 01/11/1848	Resende 14/10/1865	-	-
06	Luiz Martins	-	-	-	-
07	Ignácia Amélia Martins	-	Resende 26/06/1867	Solteira	Sem descendentes
08	Antonio Augusto Martins	Resende 1834	Botucatu/S P 19/09/1894	Anna Henriqueta Martins	Sem descendentes
09	Tito Livio Martins	Resende 08/12/1839	São Paulo 1915	Mariana Martins	<ul style="list-style-type: none"> • Tito Martins Ferreira • Maria Martins • Luiza Martins • Mariana Martins • Tito Martins • Arece Martins

					<ul style="list-style-type: none"> • Edith Martins Couto de Magalhães • Ary de Oliveira Martins • Carolina • Naur Martins • Jair Martins • Zuleika Martins • Eurico Martins • Altair Martins • Luiza Augusta Martins de Mello
--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados elaborados pela autora com base no livro de Itamar Bopp “Notas genealógicas das famílias vinculadas em Resende. Casamentos 501 a 602 e 701” e nos processos judiciais do Arquivo do Geral do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Com base nas informações descritas anteriormente, foi possível elaborar a árvore genealógica da família Gonçalves Martins, delimitando evidentemente, até os netos do Comendador Manoel Gonçalves.

Figura 3. Arvore Genealógica da Família Gonçalves Martins



Fonte: Fonte: Dados elaborados pela autora com base no livro de Itamar Bopp “Notas genealógicas das famílias vinculadas em Resende. Casamentos 501 a 602 e 701” e nos processos judiciais do Arquivo do Geral do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e do Family Search.

Confrontando os registros feitos por Itamar Bopp, com informações retiradas do processo judicial de partilha do ano de 1856, envolvendo os Gonçalves Martins, verificou-se um desencontro de informações. No livro “Notas genealógicas das famílias vinculadas em Resende. Casamentos 501 a 602 e 701”, Maria Luiza Martins aparece como esposa de Manoel Conrado Teixeira. No entanto, no processo judicial citado, Carolina Amélia Martins Teixeira, é de fato a esposa de Manoel Conrado Teixeira e não Maria Luiza Martins, como mostrava o genealogista.

Dizem Manoel Conrado Teixeira e Joaquim José Martins e sua mulher Maria Benedicta Gonçalves que tendo os suplicantes pela escritura publica que junto oferecem, feito partilhas amigáveis nos bens do casal do primeiro suplicante Manoel Conrado Teixeira em consequência de ter falecido no Reino de Portugal ...onde tinha ido a passeio em companhia dos dois primeiros suplicantes, D. Carolina Amélia Martins Teixeira mulher do primeiro suplicante Manoel Conrado Teixeira e filha legítima dos segundo suplicantes, sem ter feito testamento, sem deixar herdeiros descendentes; e estando todos os suplicantes contentes e satisfeitos com as ditas partilhas pelas formas

constantes da dita escritura ... requerem portanto a Vossa Senhoria ... o dito julgamento com os preparos competentes portanto.¹⁷⁶

Tanto é, que o processo trata de uma petição de partilha amigável tendo como proponentes Manoel Conrado Teixeira, Joaquim Jozé Martins, Maria Benedicta Gonçalves Martins, nos bens do casal Manoel Conrado Teixeira e D. Carolina Amélia Martins Teixeira, em ocasião da morte de D. Carolina Amélia no Reino de Portugal, onde tinha ido a passeio com seus pais.

Da união matrimonial de Manoel Conrado Teixeira, natural de Portugal e D. Carolina Amélia Martins Teixeira, nasceu o único filho do casal Frederico Conrado Teixeira. Como pode-se perceber a união não durou muito, em decorrência da morte de D. Carolina. No entanto, apesar da viuvez e de novo enlace matrimonial com Ana Esmeria do Sacramento, ele ainda mantinha relações com os Gonçalves Martins.

Conforme Bopp, Manoel Conrado era um dos homens mais ricos da vila, e seu nome esteve ligado a uma série enorme de serviços prestados à comunidade resendense. Residia em um palacete na praça do campo do manejo¹⁷⁷. De acordo com o Almanak Laemmert¹⁷⁸, Manoel Conrado Teixeira era fazendeiro e capitalista.¹⁷⁹

Do exposto até o momento quanto aos enlaces matrimoniais de Manoel Gonçalves, Maria Benedicta e sua filha D. Carolina Martins Teixeira é que os três apresentam um ponto em comum: Tanto Manoel Gonçalves, quanto Joaquim José Martins, marido de Maria Benedicta, quanto Manoel Conrado Teixeira eram portugueses.

Para Júnia Furtado, havia (...)uma camada de homens, portugueses, brancos e livres que se esforçava por se identificar com a elite local e diversificava seu investimento em terras, escravos e lavras, procurando os símbolos de dignificação.¹⁸⁰ Os três personagens em estudo se encaixam no que Júnia Furtado afirmou acima. Os enlaces matrimoniais seriam uma forma de inserção desses portugueses na sociedade local.

Quando Maria Benedicta Gonçalves Martins faleceu em 1881, apenas três de seus filhos

¹⁷⁶ ARQUIVO GERAL DO TRIBUNAL DE JUSTIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Processo Judicial de Partilha. Cx. 01.815.213.. Ano de 1856. Vara única de Resende. Partes: Joaquim José Martins, Maria Benedicta Gonçalves e Manoel Conrado Teixeira. Fl.02.

¹⁷⁷ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 25.

¹⁷⁸ ALMANAK LAEMMERT. Anos de 1844 a 1888.

¹⁷⁹“Os capitalistas foram pessoas que se especializaram na oferta de financiamento, chegando alguns a realizar centenas de transações. Nessa época, os capitalistas mantiveram parcela significativa do crédito hipotecário e realizavam empréstimos não hipotecários) e, posteriormente em 1850, de bancos e de companhias”. MARCONDES, Renato Leite. Quem eram os credores? Hipotecários, depositantes e capitalistas paulistanos (1865-1930). In: *XI Congresso de História Econômica*. 12ª Conferência Internacional de História de Empresas. Vitória. E.S, 2015.

¹⁸⁰ FURTADO, Júnia. *Homens de Negócios: a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas*. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 332.

ainda eram vivos: Antonio Augusto Gonçalves Martins, Tito Livio Martins e Maria Luiza Martins. Antonio Augusto Martins casou-se com Anna Henriqueta Martins e não deixou descendentes. Quanto a Maria Luiza Martins, não foi possível discorrer a respeito pois não foram encontradas fontes que dessem embasamento ao debate.

Dos filhos de Maria Benedicta e Joaquim José, o que mais teve destaque na sociedade resendense foi Tito Livio Martins. Casou-se com Marianna Martins, filha de Domingos de Oliveira e Ana Rosa de Oliveira e dessa união nasceram 15 filhos, dentre eles 06 homens e 08 mulheres. O filho mais velho de Tito Livio Martins, Tito Livio (filho) foi fruto de um relacionamento anterior ao seu casamento com Marianna Martins. Ao que tudo indica, Tito Livio Martins reconheceu a paternidade desse filho, tanto que foi registrado com o mesmo nome que ele. Ou seja, ao todo Tito Livio Martins teve 15 filhos.

Figura 4. Família de Tito Livio Martins



Fonte: Fotografia do acervo do bisneto Tito Livio Martins Netto: Tito Martins com seus filhos e genro: Na parte de baixo da esquerda para a direita: Zuleika Martins, Jair Martins, Mariana Martins, Naur Martins e Ary Martins. Na fila do meio: O primeiro não identificado, o segundo e Amaury Couto de Magalhães, Tito Livio Martins e Maria Martins. Na fileira de cima da esquerda para a direita o genro Galileo Couto de Magalhães, Maria Edith Martins Couto de Magalhães e o último não foi identificado.

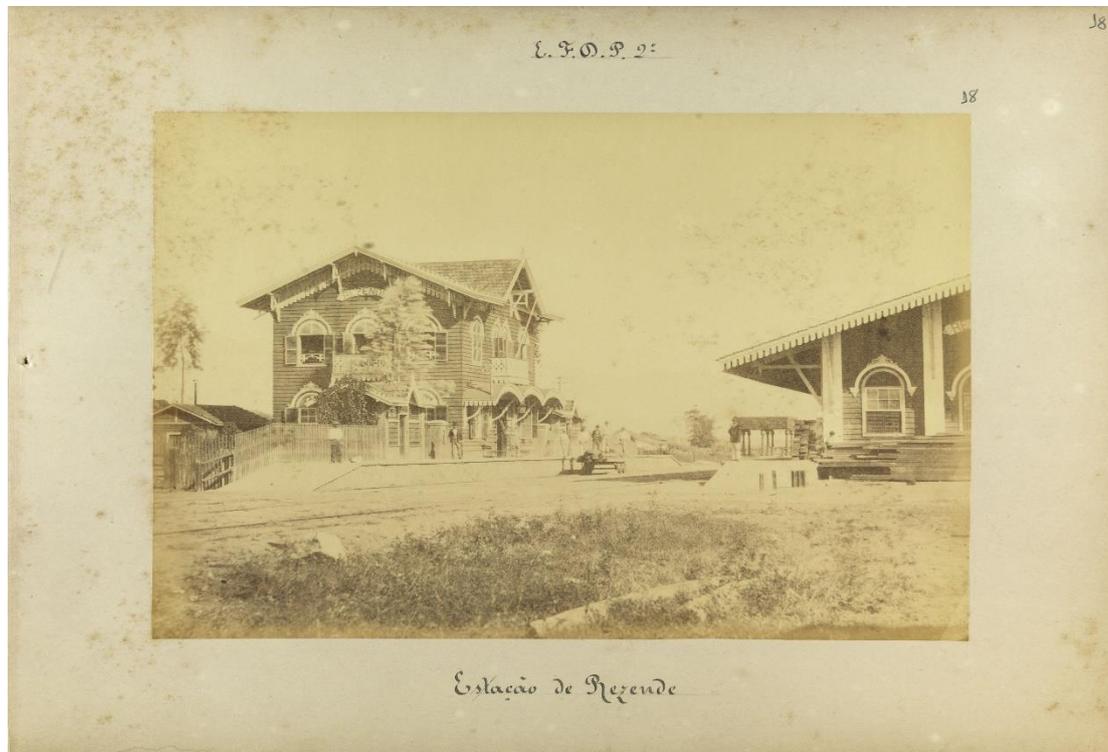
Também custeou os estudos do filho nos Estados Unidos, no curso de Engenheiro de mineralogia. Um fato interessante é que esse mesmo filho futuramente, já em fins do século XIX o incentivou a investir na exploração de petróleo na cidade de Bofete, já em São Paulo.

O fazendeiro, ingressou na política em 1868, elegendendo-se vereador em Resende por duas vezes.¹⁸¹ Chegou ao posto de capitão da Guarda Nacional de Resende, que havia sido instituída no ano de 1852 na localidade.¹⁸² De acordo com Itamar Bopp, Tito foi responsável por organizar a primeira empresa telefônica entre a sede do município e as fazendas dos distritos, foi um dos fundadores do hipódromo Resendense, fez parte do Conselho de intendência municipal em 1890, etc.

Em companhia do Cel. Antonio Alves de Carvalho e do Alferes José de La Sierra Pereira, organizou a primeira empresa telefônica, entre a sede do município e as fazendas dos distritos, funcionando com agrado geral. Foi um dos fundadores do hipódromo Resendense, frequentado por grande número de aficionados. Em 1866 era provedor de Senhor do Passos. (E. F. C. B).¹⁸³

Ainda segundo Itamar Bopp, o Coronel Tito Livio Martins que figurava entre os fazendeiros de café e político mais influentes e bem sucedidos de Resende, foi um dos primeiros subscritores de ações da estrada de ferro D. Pedro II.

Figura 5. Estação de trem de Resende - século XIX



¹⁸¹ Os dados foram extraídos do Almanaque Laemmert referentes aos anos de 1853 a 1856, 1869 a 1872 e 1883 a 1886.

¹⁸² AN. BR. AN. RIO. Notação do documento 22. 0. 0. 578. Fundo do Executivo – Período Imperial. Decreto de 21 e julho de 1852 – Criação da Guarda Nacional em Resende.

¹⁸³ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p.26.

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon373814/icon1107025.jpg.

Analisando os registros sobre os filhos de Tito Livio, foi possível constatar dois fatos: 1º - as suas filhas casaram-se com importantes membros da sociedade resendense; 2º - os seus filhos tanto cursaram curso superior nas áreas de medicina, direito e engenharia civil, quanto casaram-se com filhas de pessoas influentes na sociedade, principalmente a paulistana. Dito isto, segue abaixo um quadro evidenciando o que pode se inferir dos enlaces matrimoniais estratégicos, deixando nítida as redes de sociabilidades que foram sendo costuradas por esse ramo dos Gonçalves Martins. O quadro abaixo deixa claro as redes de sociabilidades da família, muito em função do seu poder econômico e status social.

Quadro 9. Casamentos e redes de sociabilidades dos Gonçalves Martins – descendência de Tito Livio Martins e Marianna Martins

Nº	Nome	Formação	Cônjuge	Formação	Família do cônjuge/ influência
01	Dr. Tito Martins Ferreira	Engenheiro de mineralogia	Cândida de Barros Martins Ferreira	-	Antonio Leite de Barros – Eng. Civil – West Point. Fundador da primeira companhia de bondes de Campinas. Construção civil e estrada de ferro.
02	Maria Martins	-	Affonso Camargo Penteadado	-	José Bueno Camargo Penteadado – Industrial de máquinas para beneficiar algodão
03	Luiza Martins	-	Dorival Camargo Penteadado	Médico e vice presidente do Instituto Butantã de SP.	-
04	Mariana Martins	-	José Nogueira Noronha	Médico	Hermogenes de Noronha e Hermelinda Nogueira de Lima

05	Tito Martins	-	Solteiro	-	-
06	Edith Martins Couto de Magalhães	-	Galileu Couto de Magalhães	-	Leopoldo Couto de Magalhães e Maria Amália C. de Magalhães
07	Ary de Oliveira Martins	-	Cecília Fleury Martins	-	Dr. João Augusto Fleury e Maria Amália C. de Magalhães
08	Carolina Martins	-	-	-	-
09	Arece Martins	-	-	-	-
10	Naur Martins	Médico – Assistente do cientista Dr. Assis Brasil, fundador do Instituto Vital em Niterói e diretor do Instituto Butantã em SP.	Clélia Pimentel Martins	Renomada pintora laureada com medalha no salão paulista de belas artes de SP.	Francisco Alves Pimentel e Escolástica Silveira Pimentel
11	Jair Martins	Advogado	Nair Gouveia Martins	-	Jayme Gouveia e Francisca Gouveia
12	Zuleika Martins	-	Fernando Oiticica da Rocha Lins	Médico	Tibúrcio Valeriano da Rocha Lins e Hermínia Oiticica da Rocha Lins
13	Eurico Martins	Bacharel em Direito	Maria do Carmo Mendes Martins	-	Joaquim Mendes e Júlia Mendes
14	Altair Martins	Bacharel em Direito – Construtor, fundou o bairro da saúde em SP.	Mercedes Portilho de Andrade	-	Eugênio Andrade e Maria Herculina Portilio Ramalho de Andrade
15	Luiza Augusta Martins de Mello	-	Veríssimo José de Mello	Juiz de direito da Comarca de Resende	Tem. Cel. José Maria de Mello e Tereza Joaquina de Oliveira Mello

Fonte: Dados elaborados pela autora com base no livro de Itamar Bopp “Notas genealógicas das famílias

vinculadas em Resende. Casamentos 501 a 602 e 701”.

Para Manoela Pedroza, a prática cultural do compadrio – de batismo e casamento – era um dos liames que criaram vínculos entre as famílias e as posicionaram socialmente no mundo em que viviam.¹⁸⁴ Pode-se conjecturar que, ao casar seus filhos com membros de importantes famílias, Tito Livio Martins tenha consolidado sua posição de aliado e parente frente seus genros e aos senhores da elite regional, com bons resultados que poderiam acarretar em status e mesmo em terras e trabalho.

Concomitante à construção do patrimônio dos Gonçalves Martins, enlances matrimoniais e redes de sociabilidades, consolidava-se também sua participação na política, não só no âmbito local, como mais abrangente da política imperial. O início, o apogeu e a crise no vale cafeeiro sul fluminense cortaram suas histórias.

3.2 Inserções dos Gonçalves Martins na política imperial e local

Os Gonçalves Martins participaram de importantes momentos da política imperial e local e torna-se mister analisar essas inserções e as problemáticas inerentes a elas.

O Comendador Manoel Gonçalves tinha prestígio e dedicava-se à política. A sua atuação pública pode ser comprovada através do juramento à Constituição de 1824, feita em reunião da Câmara Municipal de Resende realizada em sua residência, onde estavam presentes várias autoridades do lugar, clero e povo.

Aos dezoito dias do mês de abril de 1824, em casa de morada de Manoel Gonçalves, canto da rua direita, largo da Matriz, reuniu-se a Câmara Municipal de Resende, composta dos seguintes membros: Bento de Azevedo Maia, juiz presidente; Francisco Gonçalves Ramos, Silvério Soares Lucindo e João Batista Vieira Guimarães, vereadores; Paulino José Martins, procurador, e Francisco Gregório Pereira, escrivão. Lido o Decreto Imperial de 11 de março de 1824 e Portaria do Ministério do Império, de 13 de abril, onde se dizia que o projeto de Constituição outorgado pelo senhor D. Pedro I havia sido aprovado pela maioria das Câmaras do Brasil e jurado por Sua Majestade no dia 25 de março, a Câmara da Vila de Resende, tendo presentes àqueles ato todas autoridades do lugar, clero e povo, proferindo o presidente um discurso análogo, que terminou pelos vivas, entusiasticamente respondidos: À Santa religião, à independência do Brasil, ao Imperador Constitucional e à Imperatriz, à Constituição do Império e ao povo brasileiro.¹⁸⁵

¹⁸⁴ PEDROZA, Manoela da Silva. Capitães de bibocas: casamentos e compadrios construindo redes sociais originais nos sertões cariocas (Capela de Sapopemba, freguesia de Irajá, Rio de Janeiro, Brasil, século XVIII). Topoi, v. 9, n. 17, jul.-dez. 2008, p. 67-92.

¹⁸⁴ BOURDIEU, *Das regras às estratégias*. p. 81 – 82.

¹⁸⁴ BOPP, Itamar. *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 70.

¹⁸⁵ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 77.

Assim, a residência do Comendador Manoel Gonçalves foi o cenário para o juramento à Constituição de 1824, expondo dessa forma apoio e convergindo naquele momento para o fortalecimento do Império do Brasil.

Ainda segundo João Maia, posteriormente ao juramento a Constituição, assinaram 134 cidadãos presentes à cerimônia e todos possuídos de grande regozijo. Assim, a Câmara de Resende, que já havia solenizado as festas de independência, cumpriu seu dever de lealdade e reforçando sua emancipação política.¹⁸⁶

Conforme Itamar Bopp, o Comendador Manoel Gonçalves tomou posse de tesoureiro do Conselho a 4 de julho de 1827, presando juramento constante na ata da câmara municipal de Resende.¹⁸⁷

Já em 1831 o apoio ao imperador D. Pedro I já não existia, tanto que ao chegar uma carta comunicando a abdicação do imperador e sua partida para Portugal, uma multidão comemorou com frenética alegria.

Essa carta que fora portador um expresso de Joaquim Breves, vencendo em 48 horas a imensa distância da Corte a Resende, pode-se dizer que viera como um raio ao gabinete de trabalho de Jose Marques, eu a essa hora escrevia para a folha de sua redação, e, como desvairado pela surpresa, arrolou-se ao meio do largo da Constituição, lívido e convulso, a transmitir ao povo em brados repetidos a jubilosa notícia, rompendo vivas a liberdade, aos patriotas do Rio de Janeiro e aos de Resende.¹⁸⁸

Apesar da participação dos Gonçalves Martins em alguns episódios da política provincial, como no caso do juramento a Constituição de 1824, suas atividades políticas foram reduzidas, em sua maioria, ao nível local. E nunca chegaram a ocupar cargo no legislativo fluminense.

Durante o Segundo Reinado, foi possível verificar uma maior atuação dos Gonçalves Martins na política resendense. No ano de 1848 estavam presentes no processo de criação da cidade de Resende, tendo Manoel Gonçalves, profissão lavrador, Antonio Gonçalves da Rocha, seu filho, Joaquim Jose Martins, seu genro, e Manuel Joaquim Augusto Martins, seu neto, assinado a ata do auto de inauguração da cidade de Resende.

¹⁸⁶ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 77.

¹⁸⁷ BOPP, Itamar. *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 01.

¹⁸⁸ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 100.

E, tendo esse ato sido celebrado com todas as solenidades e cerimônias religiosas, com um solene Te-Deum que se cantou percebido de uma oração análoga, recitada pelo Padre Jose Alvares Leite, com todas as demonstrações de prazer geral regozijo, ficou por esta forma inaugurada e proclamada esta cidade. E para constar, se mandou lavrar esse em que assinam esta câmara e a de Barra Mansa, com as autoridades civis, eclesiásticas e militares, e todos os cidadãos desse termo e comarca que se achavam presentes.¹⁸⁹

A ascensão política dos Gonçalves Martins se deu no legislativo municipal da cidade de Resende. O primeiro a exercer o cargo de vereador municipal foi Joaquim José Martins, no período de 1853 a 1856. E o segundo, foi Tito Lívio Martins, que exerceu a legislatura de 1869 a 1872 e num segundo mandato, de 1883 a 1886.¹⁹⁰

A Câmara municipal de Resende noticia em edital do dia 08 de janeiro do ano de 1869 para que todos saibam que, tomaram posse os vereadores e juizes de paz para a legislatura de 1869 a 1872.

A Camara municipal desta cidade e seu tempo, eleita em 7 de setembro de 1868, e que tem de funcionar no quadriênio de 1869 á 1872, faz saber a quem convier, que acha-se no exercício de seu cargo por haver em data do dia 7 de janeiro de 1869, tomado posse e prestado o juramento recomendado por lei. E para que a noticia chegue a todos, mandou-se fazer publico por editaes e pela imprensa. Secretaria municipal da Camara da cidade de Resende, 8 de janeiro de 1869: Joaquim Gomes Jardim, presidente; José Domingues dos Santos; Albino Antonio de Almeida; Manoel de Alvarenga Freire; Francisco da Rocha Bernardes; Verissimo Jose de Mello, Tito Livio Martins e Joaquim Rodrigues Antunes.¹⁹¹

Em 09 de janeiro de 1890, Tito Livio passou a fazer parte do Conselho de Intendência Municipal. Devido a instauração da República, em 15 de novembro de 1889, as Câmaras Municipais foram extintas em todo o país e foram substituídas pelos Conselho de intendência municipal. Elas eram consideradas decadentes, com vícios de corrupção e ineficiência típicos do regime monárquico. Com isso, o Conselho de Intendência Municipal assumia de certa forma as funções antes atribuídas a Câmara Municipal. A influência social e política de Tito Livio refletiu-se em sua posse no Conselho de intendência municipal, sob a presidência da Câmara do Dr. Gustavo Gomes Jardim.¹⁹²

Aos nove dias do mês de janeiro de 1890 compareceu na sala de sessões do

¹⁸⁹ MAIA, *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. p. 134 e 135.

¹⁹⁰ Os dados foram extraídos do Almanaque Laemmert referentes aos anos de 1853 a 1856, 1869 a 1872 e 1883 a 1886.

¹⁹¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. *Jornal Astro Rezendense* 1869. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. Anno IV. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasiel. N.2.

¹⁹² BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p.26.

edifício municipal o Conselho de Intendência Municipal, composto dos abaixo assinados, sob a presidência do cidadão Dr. Gustavo Gomes Jardim, sendo por este cidadão declarado que, em virtude do decreto de 4 do corrente e do telegrama do governador do estado, ontem transmitido, vinha com seus colegas de conselho tomar conta da gestão dos negócios municipais a cargo da Câmara Municipal dissolvida pelo supradito decreto. Para constar, assinarem este termo de posse os cidadãos membros do Conselho de Intendência Municipal e os mais cidadãos que o quiseram. Eu, João da Silva Pinheiro Guimarães, secretário, o escrevi e assino. – Dr. Gustavo Gomes Jardim, Dr. Carlos Augusto de Oliveira e Silva, Elói Dias Carneiro, Tito Livio Martins, José Ribeiro dos Santos Alves, José Francisco de Oliveira, José Ferreira de Melo Nogueira, João da Silva Guimarães, Mário Pereira Viana.¹⁹³

A partir da elevação de Resende a categoria de cidade o legislativo passou a ser composto de 9 vereadores, estando naquela ocasião Joaquim José Martins e Tito Lívio Martins aptos a exercerem seus cargos, assim como os demais vereadores eleitos conforme a legislação da época.

É significativo esclarecer que em quase todo o período imperial as eleições foram indiretas, ou seja, os votantes, dos quais se exigia uma renda mínima, escolhiam os eleitores, donos de uma renda e de um prestígio local superiores. Portanto, analisar o papel dos votantes, significa identificar quem eram as pessoas qualificadas a participar politicamente no município de Resende.

O fato de Joaquim José Martins e Tito Lívio estarem qualificados como votantes e concorrerem ao cargo no legislativo permite a análise da influência e principalmente do poder econômico dessas duas personalidades resendenses do século XIX.

Torna-se relevante examinar as dimensões da experiência eleitoral dos Gonçalves Martins no âmbito local, mas não dissociando-os das leis e normas que imperavam no Brasil Imperial. A análise dos livros de qualificação de votantes dos anos de 1861 a 1868, constantes no Arquivo Municipal de Resende, da freguesia de Campo Bello trazem informações importantes sobre o eleitorado.

Segundo o livro de qualificação de votantes da Freguesia de São José do Campo Bello (atual município de Itatiaia), o número de votantes era de 313. Dentre eles consta o nome de Joaquim José Martins nº 30 – 1º quarterão.¹⁹⁴ Na ata de formação da junta de qualificação para a revisão do votantes realizada no dia 19 de janeiro de 1862, o número total de votantes era de 366. Na Fl. 10v consta o registro de Joaquim José Martins nº 28 – 1º quarterão, profissão

¹⁹³ MAIA, João Carneiro de Azevedo. P. 273 e 274.

¹⁹⁴ ARQUIVO MUUNICIPAL DE RESENDE. Livro de Qualificação de votantes – 1861 a 1868, nº 5.1. Fl.01 e Fl. 02.

lavrador, casado, com 60 anos de idade. Na Fl. 11, consta o registro de seu filho Tito Livio Martins nº 63 – 1º quarteirão, profissão lavrador, solteiro, com 28 anos de idade.¹⁹⁵

No ano de 1863, Joaquim José Martins já aparece na lista de falecidos e conseqüentemente excluído como votante. O nome de Tito Livio Martins também não aparece nesse ano.¹⁹⁶ No ano de 1864, Tito Livio nº 54 – 1º quarteirão - ditto, consta de relação dos que foram eliminados da qualificação, por ter se mudado. Portanto, de 1863 a 1868 os Gonçalves Martins não faziam parte dos votantes da freguesia de Campo Bello. Todavia, isso não significa que não fizessem parte do rol de votantes de outra freguesia, como por exemplo a de Resende. Isso porque, Tito Livio Martins exerceu a legislatura de 1869 a 1872 e num segundo mandato, de 1883 a 1886 e em 1890, foi membro do Conselho de Intendência Municipal de Resende.

Não foram somente os homens da família Gonçalves Martins que se destacaram no contexto da sociedade resendense. Maria Benedicta Gonçalves Martins, filha do Comendador Manoel Gonçalves, esteve presente executando ações sociais, prestando assistência à Santa Casa da cidade, promovendo bailes badalados e concorridos. Foi grande fazendeira, possuindo várias propriedades e ganhando a alcunha de “Rainha o café” em Resende.

3.3 Maria Benedicta: A “rainha do café” em Resende no oitocentos

*Maria Benedicta Gonçalves Martins, abastada proprietária e fazendeira entre nós. Era uma senhora digna de todas as considerações sociaes, pelas suas virtudes e pela sua alma grandiosa, sempre prompta a trazer socorro ao pobre e no desamparado da fortuna.*¹⁹⁷

Assim Maria Benedicta foi caracterizada no periódico semanal Itatiaya a 23 de abril de 1881, seis dias após o seu falecimento. Entre muitas lembranças sobre ela descritas pelos memorialistas e historiadores, grande parte refere-se a benevolência da fazendeira e da atuação na realização de inúmeras festas na cidade de Resende. Foi-lhe dada a alcunha de “Rainha do Café”, pela posse de fazendas de produção cafeeira, como a Babilônia, a fazenda Velha, a fazenda Penedo, entre outras.

Lamentavelmente quase não existem imagens ou fotografias de Maria Benedicta e sua

¹⁹⁵ ARQUIVO MUUNICIPAL DE REENDE. Livro de Qualificação de votantes – 861 a 1868, nº 5.1. Fl.10v e Fl. 11.

¹⁹⁶ ARQUIVO MUUNICIPAL DE REENDE. Livro de Qualificação de votantes – 1861 a 1868, nº 5.1. Fl.33.

¹⁹⁷ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Itatiaya 1881. Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. Publicação semanal. Anno V. Nº 25. Gerente – J. R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J. A. Ribeiro da Luz.

família. Não há dúvida, que seria de grande valia para que houvesse a possibilidade de analisar os Gonçalves Martins e enriquecer o trabalho de resgate de sua história.

A imagem que se tem da fazendeira está exposta abaixo. O que se pode extrair dessa imagem é de uma senhora bem vestida, cabelos bem arrumados, que transparece elegância e altivez.

Figura 6. Maria Benedicta Gonçalves Martins



. Fonte: Extraída do Livro *Mulheres Fluminenses do vale do paraíba*. Reprodução cedida a Claudionor Rosa por Marilda Martins Monteiro.

O genealogista Itamar Bopp a descreveu da seguinte forma: “Bonita mulher, muito prendada, conhecida como a Rainha do café do vale do paraíba”.¹⁹⁸ Maria Benedicta Gonçalves nasceu no dia 09 de março do ano de 1809, na vila de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova – Resende. Filha do ex tropeiro, o Comendador Manoel Gonçalves com Ana Tereza de Jesus. Nasceu pouco tempo depois da chegada de D. João e sua comitiva ao Brasil, na vila que foi a precursora e propulsora do plantio do café no vale do paraíba fluminense e para outras regiões do Brasil.

Maria Benedicta herdou tanto a fortuna quanto o espírito público do pai, no que foi ajudada também pelo marido Joaquim José Martins, que era figura influente na vida social, política e econômica do município, com quem se casou aos 17 anos. Usou a grande fortuna que

¹⁹⁸ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 70 ...p. 01.

recebeu de herança para promover o desenvolvimento de sua região, tornando-se uma das principais responsáveis pela construção de sua cidade, tanto no âmbito social quanto cultural.¹⁹⁹

Em 1869 a rainha do café, atendendo ao pedido do ex genro e vice provedor da Santa Casa da cidade, Manoel Conrado Teixeira, fez doações a instituição. O intuito era contribuir para a transladação do hospital do velho ara o novo edifício. Além dela, mais 34 personalidades resendenses fizeram doações à Santa Casa com os seguintes itens: camas de ferro, colchões, travesseiros, almofadas, lençóis, fronhas, colchas, cobertores, toalhas e copos para água.²⁰⁰

Quadro 10. Doações à Santa Casa de Misericórdia de Resende em 1869

Nomes	Camas de ferro	Colchões	Travesseiros	Almofadinha	Lençóis	Fronhas	Colchas	Cobertores	Toalhas	Copos para água	Total
Capitão Domingos Gomes Jardim	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Maria Francisca da Conceição	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Barbara de Drumond	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	6
D. Francisca Moreira de Andrade Costa	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Manoel Conrado Teixeira	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Anna Esmeria do Sacramento Teixeira	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Frederico Conrado Teixeira	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Anna Silveira de Castro	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Manoel Alexandre Franklin	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	6
D. Florinda Almeida da Silva	-	1	1	1	2	2	-	1	-	-	8
Manoel Joaquim Teixeira	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Júlio Caixeiro de Joé F. Barboza	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3
José Francisco Ayroza	-	1	1	1	2	2	1	1	-	-	9
Francisco Femaroni	-	1	1	1	2	3	1	1	-	-	10
D. Maria Carolina dos Santos Vianna	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	12
D. Rosa Gomes	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Major Modesto Baptista Roquette	-	1	1	1	2	2	1	-	-	-	8

¹⁹⁹SCHUMAHER, Schuma. *Um Rio de Mulheres: a participação das fluminenses na história do Estado do Rio de Janeiro* / SchumaSchumacher e Érico Vital Brazil. - Rio de Janeiro: REDEH, 2003, p. 09.

²⁰⁰ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. *Jornal Astro Rezendense 1869*. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. Anno IV. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasil. N.49. p. 04.

D. Luiza Maria Vieira Bastos	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Maria Joaquina da Silveira Fontes	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
D. Maria Leonor da Silva Coutinho	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Comendador Joaquim Gomes Jardim	-	2	2	-	4	2	2	2	-	-	14
D. clara Fernandes de Golvêa	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Ribeiro de Andrade	-	1	1	1	2	2	1	1	-	-	9
Paulino Gomes Jardim	-	1	1	-	2	1	1	-	-	-	6
Vicente	-	1	1	1	2	2	1	1	-	-	9
Francisco de Paula B. d' A. Sodre	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Fonseca & Irmão	-	1	1	1	2	2	1	1	-	-	9
D. Maria Benedicta Gonçalves Martins	-	1	1	-	2	1	1	1	-	-	7
Antonio Jose da Costa	1	1	1	1	2	2	1	1	-	-	10
Domingos Jose da Silva Fortes	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
D. Theodora Emília de As	-	-	-	-	2	2	1	-	-	-	5
Ayres Botelho de Castro	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
D. Emília Ferreira	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Frederico da unha Biencourt	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	3
D. Anna Martins da Fonseca	-	-	1	1	-	2	-	-	-	-	4
Total	2	26	27	9	57	38	26	23	16	12	236

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados contidos na Fundação Casa de Cultura Macedo Miranda-ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Astro Rezendense 1869. Periódico político, litteraro, industrial e noticioso. Publicação semanal. Anno IV. Redactor Gerente – Major João Baptista Brasil. N.49. p. 04.

Em conformidade com o exposto, a fazendeira auxiliou com os seguintes objetos: 01 colchão, 01 travesseiro, 02 lençóis, 01 fronha, 01 colcha e 01 cobertor. Também colaborou com a causa outro genro de Maria Benedicta, o fazendeiro José Ribeiro de Andrade, casado com sua filha Ana Rosa Martins. Os objetos doados por ele foram 01 colchão, 01 travesseiro, 01 almofadinha, 02 lençóis, 02 fronhas, 01 colcha e um cobertor.

O vice provedor da Santa Casa Manoel Conrado Teixeira, assim como os demais, contribuiu com donativos: 01 colchão, 01 travesseiros, 02 lençóis, 01 fronha e 01 cobertor.

O jornal Itatiaya a descreveu como esmoler ao extremo e quer nas fazendas, quer na cidade, era considerada a alma benfazeja, a mãe da pobreza. Mãe exemplar, sacrificava-se pelo amor dos filhos, e de coração nobre e generoso estendi sempre sem barulho sua mão benfazeja, procurando auxiliar com donativos fora do comum a quantos necessitados imploravam a sua proteção.²⁰¹

²⁰¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Itatiaya 1881. Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. Publicação semanal. Anno V. Nº 25. Gerente – J. R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J. A. Ribeiro

Ainda segundo o jornal Itatiaya, Maria Benedicta prestou benefícios reais, contribuindo com capitais e melhoramentos materiais. Segundo Julio Cesar Fidelis Soares, na memória popular e os registros da época, a fazendeira também foi grande incentivadora da educação, pois financiou vários estudantes.²⁰²

Maria Celina Whately destaca que muitos dos filhos dos grandes cafeicultores eram mandados para o Rio de Janeiro, São Paulo, e até mesmo a Europa para estudar. Quando voltavam com títulos de advogado, engenheiro ou médico, eram recebidos com grande pompa pela elite resendense.²⁰³

Geralmente os bailes oferecidos aos recém formados eram realizados no sobrado de Maria Benedicta, localizado no largo da matriz. O baile mais famoso que se tem relato foi o de recepção ao Dr. Thomaz Whately Jr. Naquele baile foi servido pela primeira vez sorvete.

Manifestação de apreço. Realizou-se na noite do 18 corrente, o baile oferecido ao nosso distinto conterrâneo dr. Thomaz Whately por alguns de seus amigos admiradores de suas virtudes e talentos. A pesar da copiosa chuva que cahio sobre esta cidade no dia aprasado para aquella manifestação de apreço, o baile esteve por demais concorrido, enchendo-se de convidados as salas do edificio para esse fim adornado com esmero, o que demonstra grande synpathia de que gosa nesta cidade o jovem Doutor e toda a sua respeitável família.

No Almanak Laemmert, menções a Maria Benedicta Gonçalves Martins começaram a surgir a partir do ano de 1875, ou seja, três anos após a morte de seu Marido Joaquim José Martins. Desse modo, fica evidente que com a viuvez, ela tornou-se a cabeça de casal, assumindo em tese, os negócios da família. Digo em tese pela razão da fazendeira, apesar da riqueza e status, não ter sido alfabetizada, o que dificultaria em algumas situações, como por exemplo na confecção de documentos ou outras questões legais. No entanto, ainda assim, verificou-se que ao menos a assinatura do seu nome ela era perfeitamente capaz de fazer. Ao manusear processos judiciais envolvendo-a, lá constava sua assinatura.

Júlio Fidelis Soares realizou um levantamento no Almanak Laemmert referente a mulheres fazendeiras e lavradoras dos anos de 1846 a 1885 na cidade de Resende, destacando um total de 1.351 mulheres.

da Luz.

²⁰² SOARES, Júlio Fidelis. *Maria Benedita Gonçalves Martins*. “A Rainha do café em Resende”. II Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB. [S.l.], n. 2, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/index.php/simposio/article/view/318>>. p. 03.

²⁰³ WHATELY, *Resende, a cultura do café no Vale do Paraíba*. p. 76.

Tabela 7. Mulheres fazendeiras e lavradoras 1846 até 1885 – Resende-RJ

Período		Frequência observada
1846	1850	73
1850	1854	149
1854	1858	168
1858	1862	199
1862	1866	255
1866	1870	274
1870	1874	120
1874	1878	29
1878	1882	37
1882	1886	47
		1351

Fonte: Apurado e coligido por Julio Cesar Fidelis a partir do Almanak Laemmert – 1846 – 1885.²⁰⁴

Como já fora abordado, ao pesquisar no Almanak constatou-se que Maria Benedicta passou a ser considerada como fazendeira a partir de 1875. Associando essa informação a tabela acima, enquadra-se a ação da fazendeira nos períodos de 1874 a 1882. Sendo assim, ela estava entre as 29 e 37 fazendeiras e lavradoras de Resende. Evidenciando com isso, ser possuidora de bens e atuante economicamente na região.

Tabela 8. Fazendeiras e lavradoras de Resende segundo o Almanak Laemmert – 1875 a 1877

Município de Resende					
Freguesia	Função	Ano	Homens	Mulheres	Total
Freguesia de São José do Campo Bello	Fazendeiro	1875	16	02	18
		Porcentagem	88,89%	11,11%	100%
		1876	34	07	41
		Porcentagem	82,93%	17,07%	100%
		1877	33	06	39

²⁰⁴ SOARES, Júlio Fidelis. *Maria Benedita Gonçalves Martins*. “A Rainha do café em Resende”. Artigo Científico. II Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB. [S.l.], n. 2, out. 2017. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/index.php/simposio/article/view/318>>. p. 06.

	Porcentagem	84,62%	15,38%	100%
	1878*	-	-	-
	Porcentagem	-	-	-
	1879	36	06	42
	Porcentagem	85,71%	14,29%	100%
	1880	31	03	34
	Porcentagem	91,18%	8,82%	100%
	1881	29	03	32
	Porcentagem	90,62%	9,38%	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Almanak Laemmert – Anos de 1875 a 1881.

*Não constam dados no Almanak Laemmert sobre fazendeiros da freguesia de São Jose do Campo Bello no ano de 1878.

A freguesia de São José do Campo Bello, na qual Maria Benedicta Gonçalves Martins aparece como fazendeira, segundo o Almanak, foi criada pela lei provincial nº 272 de 09 de maio de 1842. Ainda segundo o Almanak, a freguesia ficava à margem esquerda do rio paraíba, a 13 quilômetros da cidade de Resende. Tal distância permitia que a fazendeira se deslocasse com certa facilidade para o famoso sobrado da família localizado em Resende.²⁰⁵

Ao que tudo indica, Maria Benedicta, além das atividades voltadas a cafeicultura, também tinha outros investimentos. De acordo com nota publicada no jornal O Itatiaya em 12 de abril do ano de 1881, dias antes de sua morte, a fazendeira possuía imóveis alugados e delegava a um procurador a função de efetuar as cobranças dos aluguéis que lhe eram devidos.

Em virtude de aforização que tenho da Exma. Sra. D. Maria Benedicta Gonçalves Martins, previno a todos os seus inquilinos que os aluguéis dos prédios serão cobrados mensalmente. Resende, 12 de abril de 1881. José de la Sierra Pereira.²⁰⁶

Além de imóveis alugados, a fazendeira também atuava como testamenteira, ou seja, ficava encarregada de em posse de quantia depositada em sua confiança, gerir todas as despesas e custas de testamentos, inventários e velórios do interessado nos seus serviços.

Maria Benedicta faleceu em 17 de abril do ano de 1881, conforme registro no livro de assentamento de óbitos de 1880 a 1886, de nº 3991.

²⁰⁵ ALMANAK LAEMMERT – Província do Rio de Janeiro – Ano de 1881. Município de Resende. p. 122 a 126. Disponível no site: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1881/00001253.html. Acesso em 17 de novembro de 2018.

²⁰⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Itatiaya: Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. 1881. Publica-se semanalmente. Gerente J.R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J.A. Ribeiro da Luz.

Abril 17. Sepultou-se D. M^a Benedicta Gonçalves Martins, branca, com 72 de idade, viúva do falecido Joaquim Martins, (fazendeira natural de Resende, faleceu ontem às 1 hora da madrugada de derramamento cerebral. Atestado do médico Dr. Gustavo Gomes Jardim. Sepultada no subterrâneo de sua família, na segunda campa, do fundo direito, registro - em caixão. Número 3991. Valor da taxa paga 5\$000.”²⁰⁷

Em nota o jornal Itatiaya fez a seguinte afirmação:

Quantos a conheceram de perto, sentem hoje a sua falta. Pranteiam-na, pois com justa razão, seus filhos, seus amigos, a pobreza e até seus escravos. E termina a homenagem desejando que a terra lhe seja leve e abraçam-lhe de par em par as portas douradas da bem aventurança.²⁰⁸

A família de Maria Benedicta divulgou também no jornal Itatiaya do dia 23 de abril de 1881, uma nota de agradecimento a todas as pessoas que choraram pela morte de Maria Benedicta e que compareceram ao enterro. A nota também convida a assistirem a missa de 7º dia.

Orai por ela. Tito Livio Martins e sua esposa, Antonio Augusto Martins, José Ribeiro de Andrade e sua esposa, agradecem cordialmente a todas as pessoas que se dignaram a acompanhar ao seu último jazigo a sua muito prezada e sempre chorada mãe e sogra D. Maria Benedicta Gonçalves Martins, e de novo rogam aos seus parentes e pessoas da sua amizade, e ás da finada, o caridoso obsequio de assistirem à missa de 7º dia, que será celebrada hoje sábado, 23 do corrente, as 10 horas da manhã, na Igreja Matriz, e por mais este ato de religião desde já confissão gratos. Rezende, 23 de abril de 1881.²⁰⁹

3.4 O Sobrado do Comendador e a fazenda da “Rainha do café”: As casas dos Gonçalves Martins

Ainda hoje, na paisagem rural e urbana do vale do paraíba, é possível ver prédios centenários e fazendas de café. Quem anda pelas ruas do Centro Histórico de Resende talvez

²⁰⁷ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Livro de assentamento de óbito – 1880 a 1886. Registro nº 3991.

²⁰⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Itatiaya 1881. Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. Publicação semanal. Anno V. Nº 25. Gerente – J. R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J. A. Ribeiro da Luz.

²⁰⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Jornal Itatiaya 1881. Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. Publicação semanal. Anno V. Nº 25. Gerente – J. R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J. A. Ribeiro da Luz.

não consiga imaginar, mas aqueles prédios antigos, sobrados e casarões que parecem estar fora de seu tempo, têm muita história para contar.²¹⁰

O sobrado localizado na esquina da rua direita com o largo da matriz, pode ser considerado tanto um símbolo da riqueza do comendador Manoel Gonçalves e da família Gonçalves Martins, como também uma representatividade dos tempos áureos da cafeicultura resendense.

Tendo sido em meados do século XIX, considerado por muitos historiadores, o auge da economia cafeeira na região, os fazendeiros a fim de ostentar suas riquezas construíram belas casas, tanto nas sedes das fazendas quanto em edificações urbanas, geralmente nos centros das cidades.

Testemunhas de uma época de riqueza e ostentação, esses imóveis, construídos com técnicas milenares de terra crua, resistem ao tempo numa demonstração clara de que preservar é preciso! Em Resende existem hoje 63 imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico Municipal – a grande maioria deles construída com mão-de-obra escrava, o que comprova a importância no negro para a história de Resende.²¹¹

Segundo Maria Salette Perrone, ainda hoje existem exemplares dessa arquitetura no vale, muitos abandonados e deteriorados pela ação do tempo e falta de manutenção. Tais edificações, algumas tombadas, figuram entre os bens arquitetônicos considerados patrimônio histórico e cultural, mas com risco de se perderem por falta de políticas de conservação.²¹²

No livro “Resgate uma janela para o oitocentos”, Hebe Maria Mattos de Castro faz uma análise sobre a relação do Comendador Manoel Aguiar Vallim com a sua casa, enfatizando que “a medida que no processo de construção de sua memória, ele começa a tornar-se concreto. E um dos caminhos para essa concretude é dando personalidade à casa que deixou e ao estilo de vida que buscaram construir”.²¹³

Será nessa perspectiva, que se desenvolverá a análise das casas do Gonçalves Martins que ao longo do século XIX, tiveram várias propriedades, tanto no espaço urbano quanto no rural. Foi possível identificar as seguintes propriedades: Sobrado na praça da Matriz, Fazenda da Babilônia, Fazenda da Serra, Fazenda Tanque, Fazenda Penedo, Taquaral, Ribeirão Bonito,

²¹⁰ PLANO MUNICIPAL DE TURISMO RESENDE, RJ 2017 – 2018. Disponível no site: http://resende.rj.gov.br/images/Plano_Municipal_de_Turismo_de_Resende_2017_2018-2.pdf. Acessado no dia 20/11/2018.

²¹¹ PLANO MUNICIPAL DE TURISMO RESENDE, RJ 2017 – 2018. Disponível no site: http://resende.rj.gov.br/images/Plano_Municipal_de_Turismo_de_Resende_2017_2018-2.pdf. Acessado no dia 20/11/2018.

²¹² PERRONI, Maria Salette. *Construções históricas no vale do Paraíba paulista*. Caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra. Dissertação de mestrado. ECH/USP. SP.2015. p. 16.

²¹³ CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Manoel Aguiar Vallim, um homem e sua casa*. (Org.) CASTRO, Hebe Maria Mattos de, SCHNOOR, Eduardo. *Resgate. Uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p.23.

Fazenda Conceição do Maribondo, Fazenda da Glória, etc.

Todavia as que se consideram mais simbólicas na história dessa família são: O Sobrado no largo da Matriz e a Fazenda Babilônia na Boca do Leão. São símbolos da aproximação entre um ideal aristocrático e progresso, modernidade e escravidão reinantes em Resende no século XIX.

(...)o sobrado foi levantado pelo próprio comendador Manoel Gonçalves, em 1840, para sua residência, com acentuado cunho de opulência, colonial, nobre na originalidade de seu feitiço, de extensa sacada, correndo ao longo de amplo salão de visitas, dando nota singular, construído sobrepondo-se sobre o casario vizinho²¹⁴.

Além de servir de residência ao Comendador Manoel Gonçalves e sua família, era o local de reuniões sociais e da câmara municipal de Resende. Após a morte do Comendador, o sobrado foi herdado por sua filha Maria Benedicta Gonçalves Martins. No sobrado dos Gonçalves Martins, realizaram-se reuniões da Câmara Municipal, bailes com a banda de música da “Rainha do café” promovidos para a elite resendense. A perspectiva de um baile promovido por Maria Benedicta Gonçalves Martins deixava as pessoas em grande empolgação.

Figura 7. Sobrado da família Gonçalves Martins.



Fonte: Fotografia constante no Arquivo Histórico de Resende – RJ. Ao lado direito vê-se o sobrado da família Gonçalves Martins.

Constantemente o sobrado, que ainda existe, é mencionado como símbolo do período áureo da cafeicultura de Resende. Os bailes realizados geravam comentários empolgados e produziam relatos que até hoje nos impressionam. Em artigo publicado no jornal Itatiaya, o autor além da descrição do concorrido baile e de seus adornos, dava enfoque para as danças

²¹⁴ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 01

realizadas, os alimentos que foram servidos e a cordialidade entre amigos. Tamanho foi o sucesso do evento, que o baile só teria acabado às 5 da madrugada.

Rompeu a primeira quadrilha às 9 horas da noite, terminando o baile às 5 horas da madrugada, reinando durante toda a noite a maior concórdia e harmonia. As duas salas elegantemente adornadas estiveram sempre literalmente cheias de pares. (...) O serviço esteve esplêndido (...), sendo até servido a granel sorvete, doces, fiambres e bebida das mais apuradas qualidades.²¹⁵

O palacete era o edifício escolhido para importantes acontecimentos políticos e sociais. Era um ambiente de conforto, luxo e bom gosto, onde se reuniam em rodas elegantes, para apreciar inúmeras iguarias e ouvir músicas tocadas pela banda musical da “Rainha do café”.

As toilettes da moda, das damas, eram de imensas riquezas, numa profusão estonteante de sedas e veludos, de jóias e perfumes. Era ali o centro de concentração das rodas elegantes. Ao final da festança, o refinamento do banquete servido em esplêndidas baixelas de prata e ouro e em porcelanas de Sévres, com as mais finas iguarias. À sobremesa, como sensacional novidade, foi servido pela primeira vez “taças de sorvetes”. Procuravam-se pretextos para reuniões e festas. Os aniversários eram sempre justificativas para bailes e saraus.²¹⁶

Ainda em 1876, quando Tito Livio Martins se casou com Mariana Martins, o casal permaneceu morando no sobrado. Após a morte de Maria Benedicta em 1881, ele herdou o sobrado.²¹⁷

O Sobrado dos Gonçalves Martins, pode ser considerado como patrimônio cultural da cidade de Resende, apesar de não ter-lhe sido dado até o momento o devido valor.

Para Françoise Choay, o “termo patrimônio diz originalmente respeito à herança e a bens familiares e pode ser associado a legado deixado para gerações futuras”.²¹⁸ Partindo dessa premissa, é notória a importância dessa construção arquitetônica para a história cultural e material da cidade de Resende. Caracteriza-se como um patrimônio cultural, que deve ser preservado e evidenciado às gerações futuras para que tenham conhecimento dos processos históricos que permeiam a sociedade.

Ao longo do século XX, o sobrado construído pelo Comendador Manoel Gonçalves e palco de grandes bailes e reuniões promovidos pela “Rainha do café”, chegou a ser a sede do

²¹⁵ ARQUIVO MUNICIPAL DE RESENDE. Itatiaya: Periódico imparcial dedicado a assumptos sociaes. 1877. Anno 1. N. 21. Publica-se semanalmente. Gerente J.R. dos Santos Alves – Redactor Bacharel J.A. Ribeiro da Luz.

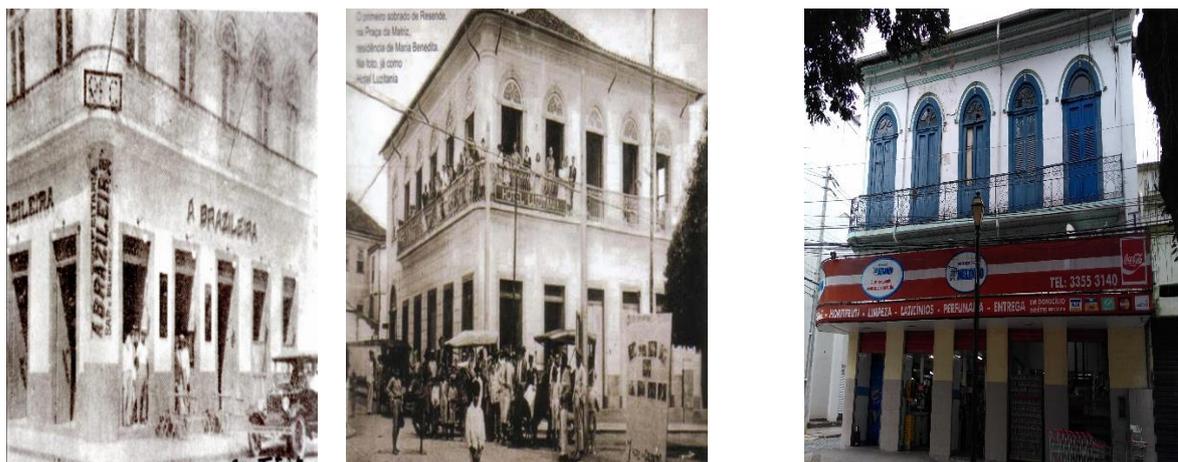
²¹⁶ BOPP, *Notas genealógicas de famílias vinculadas em Resende*. Casamentos 501 a 602 e 701. p. 01.

²¹⁷ CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO. Escritura pública. Livro 3-B nº 1.041, Casas 25, 23 3 23-A, no Largo da Matriz, Nossa Senhora da Conceição de Resende, transmitido em 22/02/1898. Resende-RJ. 2017.

²¹⁸ CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001. p. 282.

clube de futebol Resende esporte clube, funcionou também como hotel Lusitânia e hoje, funciona o mercado Nelinho. Infelizmente, com exceção da parte onde funciona o mercado, as demais repartições do prédio estão abandonadas e se deteriorando, funcionando como depósito do mercado.

Figura 8. O sobrado em diferentes fases do século XX



Fonte: Imagem 1, pertence ao acervo pessoal de Fernando Lemos; imagem 2, retirada do site: <http://www.turismovaldedocafe.com/2012/08/sobrado-maria-benedita-resende-rj.html> e imagem 3, fotografada pela autora em 2017.

A fazenda da Babilônia, de Maria Benedicta Gonçalves Martins, foi adquirida por seu marido Joaquim José Martins, com o título de sesmaria, por compra feita ao Capitão Antonio José Villas Boas.

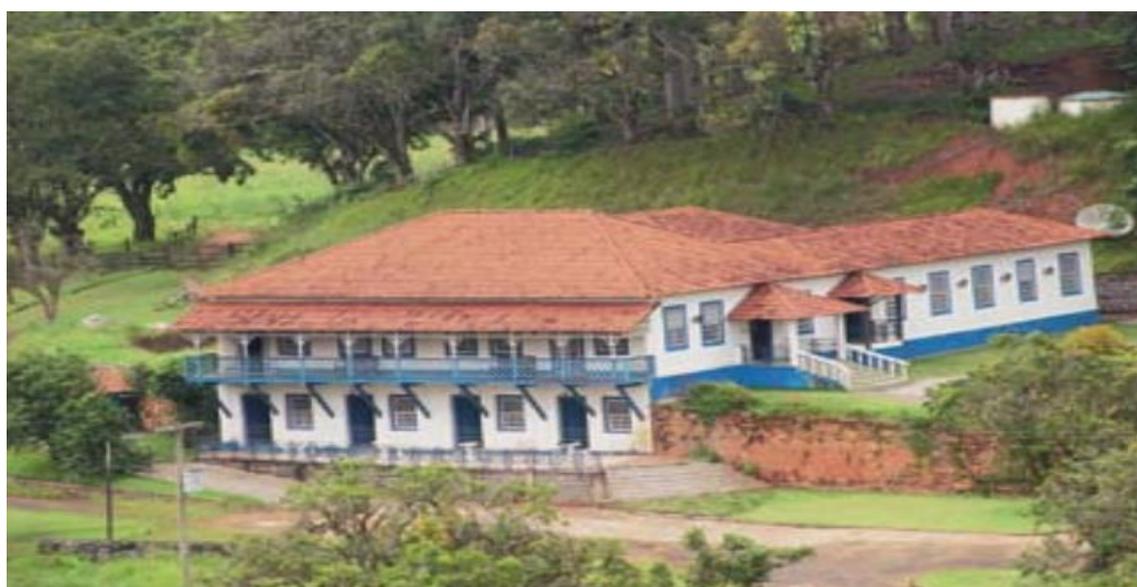


Figura 9. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. p.69.

Conforme o registro de terras da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, com base na exigência da lei de terras, no ano de 1856 foi feita uma declaração de posse da fazenda Babilônia, por Joaquim José Martins, apresentando à época as seguintes divisas:

(...) com as divisas seguintes pelo lado leste com o rumo da sesmaria de Domingos Martins dos Santos pelo norte com o major Nogueira e João da Silva Araújo, divisando a este por uma grande pedra, que se acha em um córrego e Manoel José de Abreu e Dona Escolástica e pelo este com terras do herdeiros do finado Manuel Pinto Cabral e pelo sul com terras dos herdeiros de Alexandre Antonio dos Santos e Joaquim Mendes de Carvalho, cujas terras levarão de planta de milho trezentos alqueires mais ou menos”.²¹⁹

Conforme dados sistematizados por Julio Cesar Fidelis Soares, a fazenda da Babilônia no ano de 1868 estava entre as com maior produção cafeeira e com renda de 20.000.²²⁰ Após a morte de Joaquim José Martins, a fazenda foi herdada por Maria Benedicta, que assim como o marido, continuou a cultivar o café ainda gerando ganhos.

Com a morte de Maria Benedicta em 1881, a fazenda foi herdada por seu filho Antonio Augusto Martins. Mas novamente, como ocorreu no caso da transmissão de bens a Tito Livio Martins, a propriedade só foi transmitida oficialmente através de uma escritura de partilha em 07 de julho de 1891. Ou seja, 10 anos após o seu falecimento.

Conforme certidão emitida pelo Cartório de 2º ofício de Resende, a fazenda Babilônia situada no distrito de Nossa Senhora da Conceição de Resende, possuía as seguintes características: 300 alqueires de terras em matos, capoeiras, pastos, ocupados com 500 pés de cafés, em casa de morada, milho, senzalas, máquinas, terreiro cimentado e mais benfeitorias.

De acordo com Eduardo Shnoor, em finais da década de 30 [...] a “fazenda de café” da primeira metade do oitocentos já tinha ganho contornos mais típicos e expressivos: terreiro em posição central e senzalas, tulhas, casas de escolha, engenhos e monjolos para café em laços contínuos, voltado para ele.²²¹

Shnoor completa afirmando que, criava-se uma solução contínua, que dentro ainda do melhor espírito colonial, trazia o mesmo para o espaço o morar, o produzir e o beneficiar.²²²

²¹⁹ APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Resende/ N. S. Conc. Do Campo Alegre. Livro 67. Fl. 188. 306 – Declaração de Joaquim José Martins. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018.

²²⁰ SOARES, Júlio Fidelis. *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia latifundiária – Resende século XIX*. Vassouras-RJ. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Severino Sombra, 2006. Apêndice 8.

²²¹ SCHNOOR, Eduardo. Das casas de morada à casa de vivenda. (Org.) CASTRO, Hebe Maria Mattos de, SCHNOOR, Eduardo. Resgate. *Uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. P.35.

²²² SCHNOOR, Eduardo. Das casas de morada à casa de vivenda. p.35.

No ano de 2009, o INEPAC²²³, realizou o inventário das fazendas do vale do paraíba do século XIX, incluindo a fazenda Babilônia.

Consoante o estudo efetuado por esse órgão, a fazenda dista cerca de 12 km da zona urbana de Resende. Conforme a medição feita em 2009, é possível verificar uma mudança na utilização dos termos para especificar as divisas atuais. Em 1856, as divisas eram estabelecidas destacando o nome dos proprietários dos lugares e as referências a pontos da natureza, já a descrição atual destaca as localidades que fazem a divisa, mas continuam as referências a pontos da natureza.

Desta cidade, tomando-se o caminho para a Boca do Leão pela Vila Vicentina – uma das saídas mais antigas de Resende no sentido da Serra da Bocaina e para o estado de São Paulo –, na bifurcação da Capela Santo Antônio, na localidade do Estalo, entra-se à direita e seguindo por mais 3 km, encontra-se a Fazenda Babilônia.²²⁴

Através de imagens geradas pelo google pro 2009 pode-se mensurar com mais eficácia os limites e divisas em que se encontra a fazenda Babilônia e compreender aquilo que fora descrito em meados do século XIX e também como é descrita na atualidade. Segue abaixo a ilustração.



Figura 10. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Código: AI, FOA.Res.2009. p.68.

²²³ INEPAC – Instituto Estadual do patrimônio cultural.

²²⁴ INEPAC. *Inventários das fazendas do vale do paraíba*. Código: AI, FOA.Res.2009. p.69.

“Construção típica do século XIX com influência setecentista. Mantém cobertura em quatro águas com telhas de barro tipo francesa (f07), simetria entre os vãos, janelas com guilhotinas externas e folhas cegas internas, todas com portais de madeira de seção quadrada (f08). Internamente, bandeiras sobre as portas caracterizam a influência neoclássica, comum ao período da construção (f09). A existência de duas alas na parte posterior da casa-sede, perpendiculares à fachada principal e entremeadas por estreito pátio interno, revela intervenção que modificou as relações volumétricas entre o corpo original da construção e esses apêndices (f10), gerando telhados, sobretudo o do lado esquerdo, para quem olha a construção de frente, incompatíveis com a geometria do original (f11 e f12)”.²²⁵



Figura 11. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Código: AI, FOA.Res.2009. p.71.

De acordo com o estudo realizado, constata-se que a fazenda tem características arquitetônicas setecentistas e também do neoclássico, que foi introduzido no século XIX.

Para Sonia Gomes Pereira, grande parte da historiografia sobre a arquitetura brasileira

²²⁵INEPAC. *Inventários das fazendas do vale do paraíba*. Código: AI, FOA.Res.2009. p.71.

do século XIX apresenta a tendência dominante de trabalhar com divisões rígidas entre estilos, enfatizando a oposição entre barroco/rococó e neoclassicismo no início do século e, depois, entre neoclassicismo e ecletismo no final do século XIX/início do XX.²²⁶

Sob esse aspecto, a existência de diferentes estilos arquitetônicos em uma mesma construção, causaria estranheza a quem se propusesse a estudá-la, tendo como parâmetro a rigidez dos estilos.

Ainda segundo Sonia Gomes Pereira, é possível observar na prática arquitetônica do século XIX um conjunto muito mais complexo, coexistindo elementos diferentes, como é o caso da fazenda de Joaquim José Martins e Maria Benedicta, a fazenda babilônia.

(...) a persistência de formas e técnicas coloniais; a necessidade de novos programas e funções; a incorporação de materiais importados; a diversificação dos agentes; os novos processos de formação profissional de arquitetos e engenheiros; além da sincronicidade de várias linguagens formais – a recorrência aos estilos do passado (barroco e rococó) e a apreensão dos estilos então contemporâneos (o neoclassicismo e outros revivalismos, além do ecletismo e do art nouveau).²²⁷

Na Babilônia, coexistem técnicas, programas e estilos do passado e do presente, evidenciando a permanência da tradição colonial, entrelaçada no desejo de modernização.

²²⁶ PEREIRA, Sonia Gomes. *A historiografia da arquitetura brasileira no século XIX e os conceitos de estilo e tipologia. Estudos Ibero-americanos*. PUCRS, V. XXXI, n.2, p. 143 – 154, dezembro de 2005. p. 143.

²²⁷ PEREIRA, *A historiografia da arquitetura brasileira no século XIX e os conceitos de estilo e tipologia. Estudos Ibero-americanos*. p. 144.



Figura 12. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Códice: AI, FOA.Res.2009. P.73.

Internamente percebe-se uma construção que utiliza materiais e feitura contemporânea, com pisos vitrificados, bandeiras de portas estilizadas, barrados nas paredes de materiais variados e forros de madeira, desde os mais simples até os mais detalhados (f15 a f18).²²⁸

Esse era um momento crucial em que a ordem escravista buscava se modernizar, conforme afirma Eduardo Schnoor.

(...) um momento crucial, no qual eram fortes os laços com a ordem escravista que dava vida às fazendas cafeeiras e garantia prosperidade econômica no Império, mas a partir do qual, também o Império do Brasil se esforçaria para se tornar cada vez mais oitocentistas, no sentido europeu da palavra.²²⁹

²²⁸ Fonte: INEPAC. *Inventários das fazendas do vale do paraíba*. Códice: AI, FOA.Res.2009. p.73.

²²⁹ SCHNOOR, Eduardo. *Das casas de morada à casa de vivenda*. (Org.) CASTRO, Hebe Maria Mattos de, SCHNOOR, Eduardo. *Resgate. Uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p.37.

Os pesquisadores do INEPAC, também conseguiram identificar o terreiro de café da fazenda, estando ele localizado em frente à casa sede e com planta retangular é cercado por uma murada de pedra seca, tendo pelo seu lado direito a calha do aqueduto já citado anteriormente.

Para Rafael Marquese, o elemento gerador do conjunto arquitetônico da fazenda de café era o terreiro de secagem dos grãos. Inicialmente construídos em terra batida, eles ganharam melhoramentos notáveis a partir da segunda metade do século XIX.²³⁰

Conforme escritura de partilha,²³¹ lavrada pelo tabelião João Ferreira de Carvalho, na fazenda Babilônia o terreiro de café já era cimentado, confirmando sobre as melhorias na segunda metade do século XIX.



Figura 13. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Código: AI, FOA.Res.2009. P.70.

²³⁰ MARQUESE, Rafael de Bivar. *O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate*. Anais do Museu Paulista. v. 18. n.1. jan.-jun. 2010. p.96.

²³¹ CARTÓRIO DO 2º OFÍCIO. Escritura pública. Livro 3-B nº 1.041, Casas 25, 23 3 23-A, no Largo da Matriz, Nossa Senhora da Conceição de Resende, transmitido em 22/02/1898. Resende-RJ. 2017.

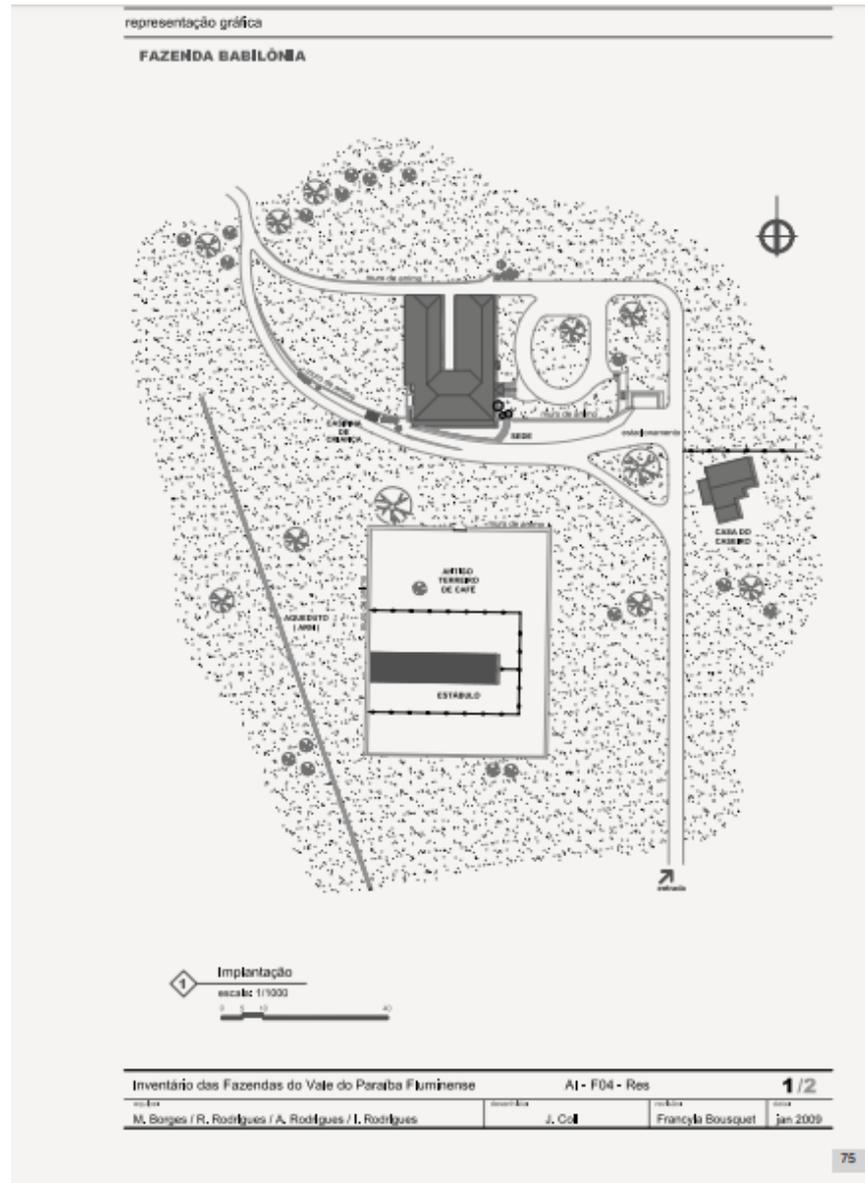


Figura 14. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Código: AI, FOA.Res.2009. P.75.

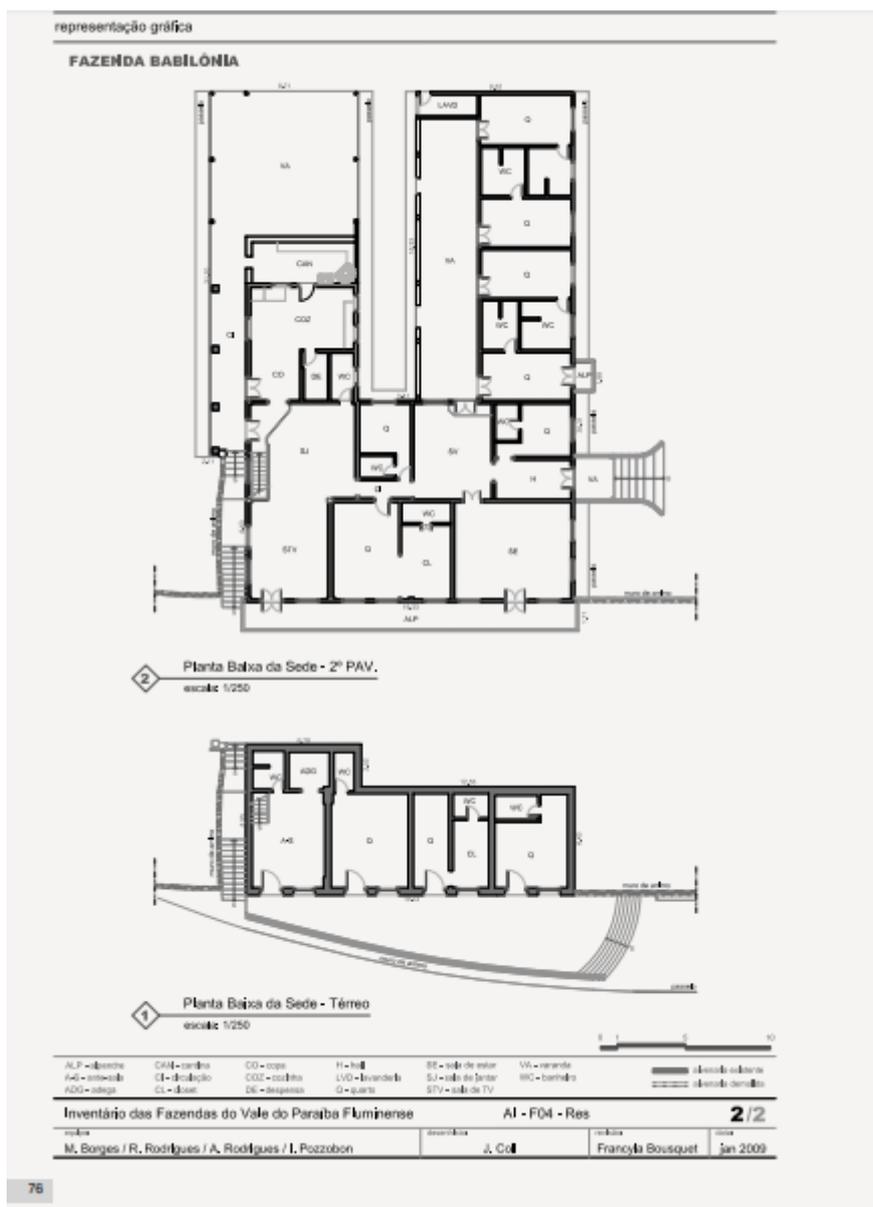


Figura 15. Fonte: INEPAC. Inventários das fazendas do vale do paraíba. Código: AI, FOA.Res.2009. P.76.

Tanto o Sobrado do Comendador quanto a fazenda Babilônia, em finais do século XIX, refletiam a personalidade e o estilo de vida que os Gonçalves Martins buscaram construir. No decorrer de todo o século XIX, estabeleceram na cidade de Resende suas trajetórias de vida, desempenhando funções importantes na sociedade, galgando funções e cargos políticos, estabelecendo assim redes de sociabilidades tanto no âmbito familiar, quanto fora dele.

A presença portuguesa foi uma marca na formação familiar dessa família. Em princípio, com o patriarca Manoel Gonçalves, depois com o casamento de sua filha com o também português Joaquim José Martins e uma de suas netas casou-se com Manoel Conrado Teixeira, também português. Foi uma família nos moldes patriarcais, ou seja, gerida por um patriarca e

com um grande número de pessoas sob sua dependência, em que destaco aqui principalmente os filhos.

O fato de se encaixar no modelo patriarcal de família, esse fato não foi um empecilho para que a filha do Comendador Manoel Gonçalves tivesse atuação de destaque na sociedade resendense e que após a morte do seu pai e posteriormente do seu marido, ela assumisse, evidentemente que, junto dos filhos Tio Livio Martins e Antonio Augusto Martins, a gerência das propriedades herdadas por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de três capítulos aqui escritos buscou-se estabelecer uma análise da trajetória da família Gonçalves Martins na cidade de Resende durante o século XIX.

Conforme já fora mencionado no início da pesquisa, o estudo dos ramos familiares, principalmente aqueles situados no vale do paraíba do sul aumentaram sobremaneira nas últimas décadas. Todavia, para que o avanço nos debates e pesquisas se intensificassem foi necessário a primazia de grandes historiadores no início do século XIX, como por exemplo Gilberto Freyre, com sua obra *Casa grande e senzala*. Destacam-se ainda nesse período historiadores como Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, Antonio Cândido, Luiz de Aguiar Pinto.²³²

Evidentemente, com o avanço dos debates sobre o tema, muitas das teorias por eles defendidas foram sendo superadas. Tal fato não os desmerece de forma alguma, apenas traz à luz dos debates históricos novos raciocínios e enriquece a historiografia.

Com novos olhares, destacam-se historiadores como Françoise Zonabend, Jean Louis de Flandrin, Sheila de Castro Faria, Michael Anderson e Eni Mesquita Samara.²³³

Com base nesse debate historiográfico procurou-se estabelecer uma análise sobre a trajetória da família Gonçalves Martins, no Vale do Paraíba, mas especificamente na cidade de Resende durante o século XIX.

Com o encerramento deste trabalho pode-se chegar a algumas conclusões sobre a construção da trajetória familiar em questão:

Visando situar o leitor no espaço temporal em que se deu a trajetória familiar, tratou-se primeiramente sobre a origem e formação de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre

²³² Obras para consulta: ABREU, Capistrano de. 1853-1924. *Capítulos de história colonial: 1500-1800* / J. Capistrano de Abreu. -- Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998; VIANNA, Oliveira, 1883-1951. *Populações meridionais do Brasil* / Oliveira Vianna. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005; FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; CANDIDO, A. *The Brazilian family*. In: LYNN SMITH, T. e MARCHANT, A. *Brazil: portrait of half a continent*. New York: Dryden, 1951; PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

²³³ Com novos olhares sobre a temática família, destacam-se historiadores: ZONABEND, Françoise. *História da família*. Lisboa: Terramar. 1996; FLANDRIN, Jean-Louis de. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991; FARIA, Sheila de Castro. *História da família e demografia histórica*. Org. CARDOSO, C. & VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaios de metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011; ANDERSON, Michael. *Elementos para a história da família ocidental 1500-1914*. Lisboa – Portugal: Editorial Quercus, 1984; SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

da Paraíba Nova – Resende. Com isso, foi possível verificar que com a chegada dos primeiros bandeirantes em 1744 ao que hoje conhecemos como Resende, as terras já eram habitadas por índios da etnia puri e que o despertou primeiramente o interesse pela região foram as terras minerais. No que se refere a relação dos Gonçalves Martins com os indígenas, ela se concretizou já no início do século XIX com o então tropeiro Manoel Gonçalves casando-se com uma índia puri. Segundo relatos, ele tinha grande habilidade no trato com os índios o que facilitou o desenvolvimento da sua atividade de tropeirismo e o comércio com as Minas Gerais.

Com relação ao movimento migratório para a região de Resende, a historiadora Maria Celina Whately enfatizou que ocorreu também em função do declínio do ouro na Minas Gerais no século XVIII. Manoel Gonçalves fazia parte daquela parcela de portugueses que vieram para o Brasil na comitiva de D. João e migraram para o Vale do Paraíba, desempenhando atividades de tropeirismo e contribuindo em grande parte para o crescimento e desenvolvimento de Resende.

Com o processo de ocupação e colonização de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, já no ano de 1801 a freguesia foi elevada à categoria de vila e no ano de 1848 à categoria de município de Resende, nome dado em homenagem ao Conde de Resende. Portanto, tanto a elevação à vila quanto a município gerou desenvolvimento à região e crescimento populacional estavam associados ao cultivo do café que fazia parte da realidade o local desde fins do século XVIII.

Ao analisar os censos populacionais dos anos de 1806, 1842, 1844, 1856 e 1872, verificou-se que de 1806 a 1872 ocorreu um crescimento populacional, inclusive no número de escravos, que eram utilizados nas fazendas de café. Com a crise cafeeira ocorrida a partir de 1870 ocorreu uma estagnação do crescimento populacional e até mesmo um decréscimo no início do século XX.

Ficou evidenciada a importância cultural e econômica de Resende, não só no vale do Paraíba fluminense, mas como de todo o Império, visto que o café inicialmente produzido em Resende se expandiu para outras regiões.

Levando-se em conta o que fora tratado na pesquisa, pode-se chegar a algumas conclusões sobre a família Gonçalves Martins: A riqueza da família iniciou-se com a atividade de tropeirismo, posteriormente, com o acúmulo financeiro, oriundo dessa atividade, houve a aquisição de terras que foram acrescidas ao seu patrimônio, o plantio de culturas para a subsistência de suas propriedades e a cultura do café. E, em decorrência do plantio do café, a incorporação de mão de obra escrava. O que se pode perceber é que ocorreu o que João Fragoso

defende, aquisição de riqueza através da acumulação mercantil.²³⁴ Ou seja, o capital acumulado, não reinvestido no comércio, vai sendo investido em terras, escravos, alimentares e em outras atividades, como o crédito, que possibilitam um desenvolvimento parcialmente independente primeiramente da Colônia e posteriormente do Império.

Com a crise do café a partir de 1870, muitos produtores de Resende, incluindo os Gonçalves Martins, continuaram com fazendas de café, investindo em tecnologias voltadas à produção, cimentado os terreiros de café, mas também diversificando o investimento em outras áreas.

Somente no final do século XIX que os filhos de Maria Benedicta começaram a residir definitivamente em cidades no Estado de São Paulo. Ao que tudo indica, Antonio Augusto Martins, um dos filhos da fazendeira continuou cultivando café na cidade de Botucatu e o outro filho, Tito Livio Martins, investiu na exploração de petróleo em Bofete.

O que se pode concluir parcialmente é que a realização desta pesquisa não buscou ser um capítulo final nos estudos sobre a trajetória da família Gonçalves Martins, mas o começo para desvendar e evidenciar a sua contribuição para a construção da história de Resende. Muitas das histórias envolvendo esta família se perderam com o tempo, ficando em sua maioria apenas o que foi repassado através de relatos e das memórias. As memórias não devem ser desprezadas, mas que nos sirvam como um guia, uma luz para algo maior, que é a pesquisa história.

O trabalho do historiador é fundamental para a reconstrução da história de um local, no entanto, ao se deparar com as fragilidades dos arquivos brasileiros e os da cidade de Resende, muitos fatos históricos acabam não sendo revelados. Não se trata de papel velho que deve ser jogado fora, trata-se de preservação documental.

“...a documentação, assim como outros arquivos e fontes, estão à espera daqueles que acreditam ser possível recuperar parte do passado para respeitar mais o presente”.²³⁵

Nesse sentido, as fontes referentes à família Gonçalves Martins vão muito além das que foram possíveis ser analisadas na dissertação. Sendo assim, um leque de possibilidades se abre para a continuidade desse trabalho que se mostrou tão enriquecedor. As fontes a que me refiro tratam-se de processos judiciais que ainda serão esmiuçados e referem-se tanto aos membros da família Gonçalves Martins, quanto a escravos da família.

Portanto, ainda há muito que se pesquisar, analisar sobre a história de Resende e a família Gonçalves Martins.

²³⁴ FRAGOSO, João. *Barões do Café e Sistema Agrário Escravista: Paraíba do Sul / Rio de Janeiro (1830-1888)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

²³⁵ AMANTINO. Op. Cit., p. 40.

REFERÊNCIAS

1. Documentos audiovisuais

Fazenda Babylônia. Maria Benedita Gonçalves Martins. São Paulo: Produção VS produções, 2013. 1 DVD.

2. Leis e documentos oficiais

Decreto nº 438 de 13 de julho de 1848 – Da criação do município de Resende.

Decreto número 1.318, de 30 de janeiro de 1854 - Lei de Terras de 1850.

Decreto nº 6230 de 28 de junho de 1876 – Estatuto da Fundação do Jóquei Clube de Resende.

Decreto nº 157, de 4 de maio de 1842 – Definição de fogo.

Decreto nº 1 - Criação da Guarda Nacional do Município de Resende em 1852

Decreto nº 670 de 18 de agosto de 1890 - Concede permissão a Tito Livio Martins para a lavra de petróleo e outros minerais.

Lei provincial nº 272 de 09 de maio de 1842 – Criação da freguesia de São José do Campo Bello.

Lei Eusébio de Queirós - lei nº 581, de 4 de setembro de 1850

Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 – lei de terras

3. Livros

ABREU, Capistrano de. 1853-1924. *Capítulos de história colonial: 1500-1800* / J. Capistrano de Abreu. -- Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

AMANTINO, Marcia. *A escravidão em Cataguases e os cativos da família Vieira*. In: Sousa, Jorge Prata de e ANDRADE, Rômulo Garcia de (Orgs). *Zona da Mata mineira: escravos, família e liberdade*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

ANDERSON, Michael. *Elementos para a história da família ocidental 1500 – 1914*. Lisboa: Editorial Quercó, 1980.

ANDRADE, Vitória Schettini de; LAMAS, Fernando Gaudereto e SILVA, Rodrigo Fialho (orgs.). *As várias faces de Minas: traços locais e regionais*. Belo Horizonte, MG: EdUEMG, 2017.

BARCELLOS, Marcos Cotim de. *História de Resende – Uma narrativa*. Resende, Academia Resendense de História, 2017.

BARROS, José D' Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

BENTO, Cláudio Moreira. *Caminhos históricos e estratégicos de penetração e devassamento do Vale do Paraíba*. Resende, RJ. FAHIMTB/AAHIMTB. 2013.

BRAGA, Tiago de Castro. *Os Garcia de Mattos: família, riqueza e sociabilidade na Zona da Mata mineira na segunda metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UNIVERSO, 2017.

BURGUIÈRE, André. *História da família*. Lisboa: Terramar, 1996.

BRAGANÇA, G. G. F. Poder de Mercado via Demanda Residual: o Café Brasileiro nos EUA. In: Marcelo José Braga; Danilo R. D. Aguiar; Erly Cardoso Teixeira. (Org.). *Defesa da Concorrência e Poder de Mercado no Agronegócio*. Viçosa - MG: Departamento de Economia Rural, 2005.

CAJADO, Ane Ferrari Ramos; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil: uma história de 500 anos*. Brasília, Tribunal superior eleitoral, 2014.

CANDIDO, A. *The Brazilian family*. In: LYNN SMITH, T. e MARCHANT, A. *Brazil: portrait of half a continent*. New York: Dryden, 1951.

CARVALHO, José Murilo de. *Nação e Cidadania no Império: Novos horizontes*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: VAINFAS, Ronaldo CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Manoel Aguiar Vallim, um homem e sua casa*. (Org.) CASTRO, Hebe Maria Mattos de, SCHNOOR, Eduardo. *Resgate. Uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

D. PEDRO I, 1822 apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. D. PEDRO II, um monarca nos trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

FARIA, Sheila de Castro. *História da família e demografia histórica*. Org. CARDOSO, C. VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaios de metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1987.

FLANDRIN, Jean-Louis de. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

FRAGOSO, João. *Barões do Café e Sistema Agrário Escravista: Paraíba do Sul / Rio de Janeiro (1830-1888)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

FURTADO, Júnia. *Homens de Negócios: a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

HOBBSAWM, Eric. *"Da história social à história da sociedade"*. In: _____. *Sobre história*. São Paulo. Companhia de Bolso, 1998.

ILIFFE, Jonh. *África. História de um continente*. Madrid: Cambridge University Press, 1984. Pág.200. Citado por CRISTO, Mirian Siqueira.

Luiz de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

MAIA, João de Azevedo Carneiro. *Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende*. Resende, RJ: 2ª.ed, 1986.

MALAVOTA, Claudia Mortari. *A Irmandade do Rosário e seus Irmãos africanos, crioulos e pardos/*. In: A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884): contribuição ao estudo da assistência social no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. 1976.

MARQUESE, Rafael e TOMICH, Dale. *O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café*. In: MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil*, nos quadros da segunda escravidão. 1ª ed. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2015.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate*. Anais do Museu Paulista. v. 18. n.1. jan.-jun. 2010.

MARTINS, A. L. *História do Café*. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Hildete Pereira de; MELO, H. P.; *A Zona Rio No Comércio Mundial de Café (1895/1910)*.

MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo. *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da segunda escravidão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MUAZE, M. A. F. *O Vale do Paraíba e a dinâmica Imperial*. In: LERNER, Dina; MISZPUTEN, Francis (Orgs.). (Org.). *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense – 1ª ed*. Rio de Janeiro: INEPAC/ Instituto Cidade Viva, 2011.

OLIVEIRA, Vianna. *Distribuição Geográfica do cafeeiro no estado do Rio*, in “o café no 2ºcentenário de sua introdução no Brasil – Ed.do Departamento Nacional do Café- RJ,1934 vol. I.

PEREIRA, Elenize trindade. *Geoprocessamento das Sesmarias das Capitânicas do Norte do Estado do Brasil*. Plataforma Sesmarias do Império Luso Brasileiro (1650 - 1750). Org. Valencia Villa, Carlos. *O retorno dos mapas [recurso eletrônico]: sistemas de informação geográfica em história / Carlos Valencia Villa, Tiago Gil*. — Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *“O ciclo do café”*. In: *Antigas fazendas de café da Província Fluminense*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

REIS, Paulo Pereira dos. *Lorena nos séculos XVIII e XVIII*. Cadernos Culturais do Vale do

Paraíba. Fundação Nacional do Tropeirismo, 1988.

SALLES, Ricardo. *E o Vale era escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SOARES, Júlio Fidelis. *A vila de Resende e o café*. Org. BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *História de Resende- uma narrativa*. Resende, 2017.

SPIX, J.B. v. e MARTIUS, C. F. Ph. Von. *Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo. Edições Melhoramentos, 1976.

SCHNOOR, Eduardo. Das casas de morada à casa de vivenda. (Org.) CASTRO, Hebe Maria Mattos de, SCHNOOR, Eduardo. *Resgate. Uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SCHUMAHER, Schuma. *Um Rio de Mulheres: a participação das fluminenses na história do Estado do Rio de Janeiro / SchumaSchumacher e Érico Vital Brazil*. - Rio de Janeiro: REDEH, 2003.

SLENES, Robert. “*Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850 – 1888*”. In: Iraci del Nero da Costa. *História econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*. São Paulo, Brasiliense, 1961.

STRAFORINI, Rafael. *No caminho das tropas*. Sorocaba, São Paulo: Ed. TCM Comunicações, 2001.

SILVA, Karla de Carvalho Rocha et al. *Mulheres fluminenses do Vale do Paraíba*. Histórias de luta e conquista da cidadania feminina. Rio de Janeiro. Conselho Estadual dos Direitos da Mulher. Universidade do Texas.

TAUNAY, Afonso d’E. TAUNAY, Afonso d’E. *Pequena história do café no Brasil*. Brasília. Editora UnB.

TOMICH, Dale W. *Pelo prisma da escravidão: Trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

VIANNA, Oliveira, 1883-1951. *Populações meridionais do Brasil / Oliveira Vianna*. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005

VITTORETTO, Bruno Novelino. *A fronteira do café na Zona da Mata – Minas Gerais, Brasil (1920/1940)*. In: ANDRADE, Vitória Schettini, LAMAS, Fernando Gaudereto, SILVA, Rodrigo Fialho (Orgs.). *As várias faces de Minas: traços locais e regionais*. Belo Horizonte, MG: EdUEMG, 2007.

WHATELY, Maria Celina. *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. 2ª ed.

Resende - RJ, ARDHIS, 2003.

WHATELY, Maria Celina. *O café em Resende no século XIX*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1987.

ZONABEND, Françoise. *História da família*. Lisboa: Terramar. 1996.

4. Livros fonte

SAINTE – HILAIRE. Auguste de, 1779-1853. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda., 2000.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822*. Itatiaia, Belo Horizonte, 2011.

5. Documentos eletrônicos

ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX*. *Histórica*. Revista on line do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nº 41, ano 06, abril de 2010. Disponível no site: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/publicacoes/revista_historica. Acesso do dia 29/01/2019.

ALMANAK LAEMMERT – Província do Rio de Janeiro – Ano de 1881. Município de Resende. p. 122 a 126. Disponível no site: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1881/00001253.html. Acesso em 17 de novembro de 2018.

APERJ - REGISTROS PAROQUIAIS DE TERRAS DO SÉCULO XIX. Disponível no site: <http://www.docvirt.no-ip.com/aperj/acervo.htm>. Acessado em 20/11/2018. Disposição dos arquivos: Livro 67: freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre (1854 -1856); Livro 68: Freguesia de São José do Campo Bello; Livro 69: Freguesia de São Vicente Ferrer; Livro 70: Freguesia de Bom Jesus do Ribeirão de Sant'Anna.

Constituição Política do Império do Brasil. Disponível no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Consultado no dia 10/09/2017.

COSTA, Iraci de Nero. *Registro Paroquiais: notas sobre assentos e batismos, casamentos e óbitos*. In: <https://arquivosefonteshistoricas.files.wordpress.com/2011/05/notas-sobre-assentos-de-batismos.pdf>.

DINIZ, Mônica. *Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira*. Disponível no site: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia03/>. Acesso no dia 26/03/2019.

FURQUIM, Caetano de Almeida. "*Carestia de Gêneros Alimentícios*". Relatório apresentado á Assembléa Legislativa da província do Rio de Janeiro na 1.a sessão da 13a legislatura pelo presidente, o conselheiro Antonio Nicoláo Tolentino. Rio de Janeiro, Typ. Universal de

Laemmert, 1858. Disponível no site: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro. Pág. 165. Acessado no dia 29 de jan. de 2018.

GASPAR, Lúcia. *André Rebouças*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/undefined/pesquisaescolar>>. Acesso em 27 de jan. de 2018.

GUIMARÃES, Elione Silva. *Tropas e tropeiros na Minas Gerais Oitocentista*. Francisco Garcia Mattos-Um tropeiro na Zona da Mata Mineira. Disponível no site: <http://www.abphe.org.br/arquivos/elione-silva-guimaraes.pdf>. Acessado dia 24/04/2019.

GUIMARÃES, Elione Silva. *Terra, convívio e disputas – vale do paraíba mineiro (1850-1920 - notas de pesquisa)*. Disponível no site: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300629507_ARQUIVO_GUIMARAES_Elione-convivioedisputasnomundorural.pdf. Acessado em 24/04/2019.

História de Resende. Dados extraídos do site IBGE: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=330420&search=%7Cr esende>. Consultado no dia 10/09/2017.

MARIA BENEDITA - A RAINHA DO CAFÉ – BICENTENÁRIO. Disponível no site <http://arquivoresende.blogspot.com.br/2009/01/maria-benedita-rainha-do-caf.html>. Acesso em: 31/01/2017.

MASSENA, José Franklin. *Quadros da natureza tropical ou Ascensão científica ao Itatiaia – Ponto mais culminante do Brasil*. Engenheiro Civil e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível no site: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/242851/000925272.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28/06/2018.

MARCONDES, Renato Leite. *A pequena e a média propriedade na grande lavoura cafeeira do Vale do paraíba*. Disponível no site: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2306/2041>. Acesso em: 20/01/2019.

Registro Paroquiais de Terras do Século XIX. Disponível no site: <http://www.docvirt.com>. Acesso em: 18/05/2017.

6. Tese e dissertação

CRISTO, Mirian Siqueira. *A elite imperial entre mulas, bruacas, caixas e faluas: Porto das Caixas (1831) 1874*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Salgado de Oliveira – Campus de Niterói. 2017.

MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre estruturas fundiárias do Vale do Paraíba Fluminense, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – ICHF/UFF, 1979.

PERRONI, Maria Salete. *Construções históricas no vale do paraíba paulista*. Caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra. Dissertação de mestrado. ECH/USP.

SP.2015.

SOARES, Júlio Fidelis. *Pequenos e médios proprietários: relações de poder em uma economia* Universidade Severino Sombra, 2006. Pág. 27.

7. Texto em Anais de Congresso

OLIVEIRA, Ênio Sebastião Cardoso de. *O Paradigma da Extinção: Desaparecimento dos Índios Puris em Campo Alegre no Sul do Vale do Paraíba*. Anais do XV encontro regional de história da ANPUH-RIO, 2012. Disponível no site: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338164121_ARQUIVO_OParadigmaExtincao.pdf. Acesso em: 20/1/2019.

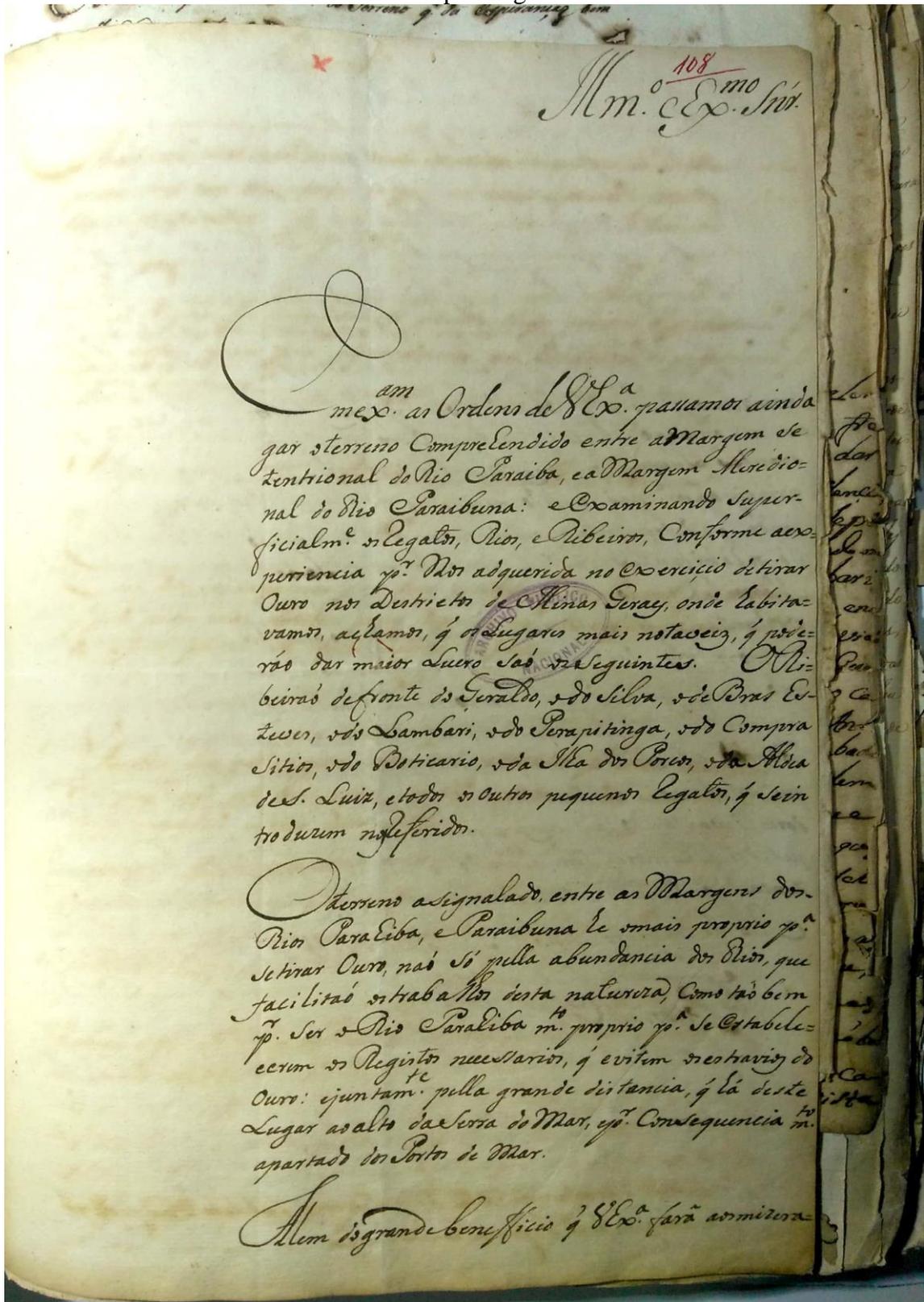
PEREIRA, Sonia Gomes. *A historiografia da arquitetura brasileira no século XIX e os conceitos de estilo e tipologia*. *Estudos Ibero-americanos*. PUCRS, V. XXXI, n.2, p. 143 – 154, dezembro de 2005.

REIS, Thiago de Souza dos. *Família, tradição e poder no Vale do Paraíba Fluminense: O Barão de Paty do Alferes e sua memória*. Rio de Janeiro: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio. 2014.

SOARES, Júlio César Fidelis. *Mulheres fazendeiras e lavradoras na economia cafeeira do Vale do Médio Paraíba: um estudo de caso de Resende no século XIX*. III Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB ANAIS – 2015

ANEXOS

Anexo I. Carta sobre terras minerais em Campo Alegre – 1791



aemuloribus Porti, q^{te} p^{te} viderem naquely Corto-
 em na lonceas, fauld. de tirar Ouro resultara
 grandes Luos no Reay Quintos de l. Magd.
 principalm. nao sendo necessario, q^{te} a Real Sta-
 zenda sedetrimento Com despza alguma, p^{te} nas
 so habitantes das duas Freguezias s. João
 Marco, Campo Alegre se fizessem Contentes,
 e voluntarios p^{te}. Este exercicio, como ta^{te} bem m.
 do moradores das Capitania^{te} vizinhas so Espe-
 ras esta fazienda p^{te}. Concorrem Com as suas
 exravaturas: finalm. so p^{te}. Este meo se-
 pderes a fugentur a multida^{te} de Indios barbaros,
 que ateliza^{te} Com frequentes irrupçoes a amora-
 doros, devastando as suas agriculturas; Cujos ce-
 putidos clamores tem elegado p^{te} m. vezes a Pre-
 zencia do Sr. Antecessores de S. C.

Rio de Janeiro a 12 de Junho 1734

Simplicio Cort. de l. Magd.
 Jitorino Cort. de l. Magd.

Anexo II. Auto de assinação de limites à vila de Resende

AUTO DE ASSINAÇÃO DE LIMITES À VILA DE RESENDE

Aos vinte e nove de setembro de 1801, nesta vila de Resende, onde se acha o Doutor Ouvidor e Corregedor da Comarca José Albano Fragoso, por ele foi dito que, tendo feito levantar esta nova vila por ordem do Exm^o. Sr. D. José de Castro, Conde de Resende, Vice-Rei e Capitão-General de Mar e Terra do Estado do Brasil, lhe era necessário declarar os limites que estavam demarcados a esta vila, para que fiquem certos os moradores dela; e o fez na forma seguinte: Parte do Morro da Fortaleza, onde corta o rio Paraíba e faz a divisa com a capitania de São Paulo, ficando a parte de leste pertencendo ao termo desta vila; e daí, cortando o rumo de norte até a serra do Itatiaia, que faz divisa com Minas, em que, vindo por ela abaixo, procura as cabeceiras do Rio Negro, ficando este por divisa até confrontar com a barra do rio Pirai, sendo todas as vertentes do sul para termo desta vila; e daí corta a buscar à linha reta, pelo mato inculto do Rei, o Ribeirão das Lajes, onde atravessa a Serra do Mar, ficando as vertentes do norte pertencendo ao termo desta vila, e sul, ao termo da cidade do Rio de Janeiro; subindo-o pelo Ribeirão das Lajes acima e costeando até a vista da Fazenda da Laje, ficando esta a leste para o termo da cidade do Rio de Janeiro; e, seguindo o braço do rio que vai à Serra da Mambucaba, e aí cortando o alto da serra pela fazenda do França, ficando esta e as vertentes do norte para o termo até entestar o caminho da Ilha Grande, que faz divisa com ela a buscar a cabeceira do rio Pirai, desce até onde chegar o caminho novo do capitão-mor Manuel da Silva, que faz divisa da Capitania de São Paulo até chegar à Fortaleza, em que fica da estrada para o norte termo desta vila. E, por serem estes os limites, mandou o dito Ministro lavrar este auto, que assinou comigo, Salvador Correa Alves Quintanilha, Escrivão de Ouvidoria Geral e Correição. *Fragoso - Salvador Correa Alves Quintanilha.*

AUTO DE ABERTURA DO PELOURO PARA JUÍZES E VEREADORES DA CÂMARA E
JUIZ DE ÓRFÃOS TRIENAL

Aos 29 do mesmo mês e ano, em casa de aposentadoria do Dr. Ouvidor Geral José Albano Fragoso nesta vila de Resende, em falta de casa da câmara, e depois de feitos os pelouros na forma da lei, foram chamadas todas as pessoas da nobreza do povo que quisessem assistir, e presentes todos, se meteram os três pelouros em uma caixinha de pau, e misturados, foi por um menino tirado um pelouro que se abriu e se achou estarem nele nomeados os seguintes: para juízes, o Capitão José Gonçalves de Moraes e André Bernardes Rangel; para vereadores, Manuel Antonio da Silva Guimarães, Joaquim João Rodrigues, Antônio Pin-

Anexo III. Traslado do auto de criação da vila de Resende – 1801.

Traslado da Portaria que a buxo
reclara

Fragoso

Como vossa merce seacha muni-
do de todas as ordens e instruccoes
que expedeo no Juiz de Fora d'esta Ci-
dade para a creacao da Nova Vil-
la, que se deve erigir no distrito de
Campo Alegre e de que hade ser o
materno o Coronel Fernando Dias
Pius Lima da Camara. Vossa mer-
ce parava a aquelle Distrito, e por a
impratica da creacao da dita Villa,
Observando todas as formalidades
que se acham estabelecidas em seme-
lhantes casos. Deos guarde a vossa
merce No vinte de Setembro de
mil osto centos e quarenta e cinco
Hezende Senhor Ouvidor da Ca-
mara The Albano Fragoso, Com
praxe e legitime, Fragoso

Traslado da Portaria que a Compa-
nia a supra



Fazendose muito conveniente
a creacao de huma nova Villa no
Distrito de Campo Alegre, Termo
desta Cidade nao so em consequencia
da permissoa que da Real Grandeza
de Sua Magestade obtive o Guarda-
Mor Geral Fernando Dias Pius Li-
ma da Camara para crear huma
Villa de que deve ser Donatario;
mas tambem pela necessidade que
tem os moradores daquelle Distrito
desta providencia, a fim de liberarem
os prejuizos que he a cultura da gran-
da

da grande distancia em que se acham
 desta cidade quando se he preciso
 recorrer aos Juizes Ordinarios. Conde-
 no a mesma merce que he cabendo esta
 no Districto de Campo Alegre com
 Companhia do Sobra do Gualdo e Mor
 Gual, e que nelle funde huma nova
 Villa mandando Limitar a dita
 Villa, foyendo que se elija Juizes
 e Officiaes Competentes na forma das
 Reaes Ordens de Sua Magestade e
 prescrivendo he termo particular cu-
 jos limites se devem designar pelos
 Rios e rios, mais notorios, de sorte
 que se evitem jura e reflectos todas
 as contestacoes de limites e que ten-
 ha principalmente utilidade pub-
 lica regulando se tudo publico Graça
 feita por Sua Magestade ao referido
 Donatario. Isto foyo remittido a este
 cartorio d'este Estado o Auto da Crea-
 ção e participara a Camara desta
 Cidade a mesma Creação e Limites
 para que fique na intelligencia do
 que he competente. Isto quando se
 vossa merce heis vinte e quatro de Ju-
 lho de mil e setecentos e noventa e nove
 Conde de Souza de. Senhor Juiz de
 Fora que serve de Ouvidor e Corregedor
 da Comarca de Alvarado Juiz
 Bernardes de Castro. Com praxe e la-
 gartose, Fragoza.

Traslado do Alvará que Sua Mage-
 stade concede ao Senhor Mor Gual
 Fernando Dias Paes Lim e da Camara
 a merce de se chamar a Villa de Souza de
 no da Nova Villa de Souza de

Ou a Rainha Fico Sabor a
 os que este meu Alvará vierem que
 // // //

31

Resumo

Todos os fogos ----- 534

De 1 anno te 8 ----- 242

De 9 ditos te 18 ----- 286

De 19 ditos te 60 ----- 621

De 60 para cima ----- 54

Mulheres cabecas de laral ----- 64

Todas as Mulheres ----- 1155

Esravos de ambos os Sexos ----- 818

1267

1973

Todas as Lutas ----- 3240

Anexo VIII. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844


 Resumo geral da População dos tres Distritos das Com. de
 Ordinanças, q' comprehende a saber; a 1.^a desde a Freg. de S.
 João e Marco até o Morro das Colmeias; a seg.^{da} do Morro das
 Colmeias, Capella de S.^{ta} Anna no Pirahy, até a Volta redonda
 da Freguesia de S.^{ta} Theresia; e a 3.^a da Volta redonda até
 o Morro da Fortalva, Freguesia de Campo Alegre S.^{ta} de
 Theresia, até a Fazenda do Padre e Brandas.



 Todos os fogos ----- 1092

Homens de 1 anno te 8 -----	613	} 2678
De 9 te 18 -----	481	
De 19 te 60 -----	1179	
De 60 para acima -----	92	
Mulheres casadas de geral -----	113	
Mulheres -----	2305	} 4681
Cerrado de Ambos os Sexos -----	2376	
Soma geral de todas as Freguesias -----		7159

Manoel Vatt. de Almeida
 Cap. Moir

Anexo IX. Relação das Freguesias de Campo Alegre e Villa de Resende no ano de 1806, 1840 e 1844

Mapa da população no anno de 1840 dos Municipios e Freguezias da Provincia do Rio de Janeiro, que nos anteriores Mapas parciais para a organização da Mapa apresentado no presente anno de 1844

Municípios	Freguezias	Homens				Mulheres				Total		
		Brancos		Negros		Brancos		Negros				
		N.º	Porcentagem	N.º	Porcentagem	N.º	Porcentagem	N.º	Porcentagem			
Niterói	Freguesia de Niterói	1581	157%	20	39	361	453	221	371	592	2991	
	N.º de Laureanos	7	1	41	44	9	11	1	2	2	15	148
Itaboraí		3928	377%	15	13	3433	366%	508	379	307	620	2995
	N.º de Laureanos	38	35%	15	10	388	39%	187	229	185	179	366
Cabo Frio	Pacheco de Almeida	1388	166%	25	38	339	30%	130	177	117	101	208
	Capivary	350	31%	13	14	311	301%	35	11%	15%	17%	198
Macati		1328	166%	10	9%	308	38%	71	7%	19%	15%	348
	Macati	22%	13%	30%	29%	308	31%	217	35%	19%	5%	398
Campos		268%	37%	2%	2%	338	3%	3%	3%	3%	3%	3%
	N.º de Laureanos	1014	121%	15	2%	348	3%	7%	7%	3%	6%	5%
Recendi	Barra Mansa	172%	131%	3%	3%	39%	3%	14%	1%	1%	1%	1%
	São do Príncipe	158%	14%	2%	2%	30%	3%	13%	1%	1%	1%	1%
Valença	Valença	19%	15%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%
	Parapetí	17%	15%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Campanha	Trinidade	14%	15%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%
		1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Somma		11%	15%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%

Observações
 Talles as Freguezias de Tambo no Municipio de Itaboraí, da Parochia de Trindade no Municipio de ...
 ... de São, de Sufamam no Municipio de Macati, de Capivary no Municipio de São do Príncipe, das qua
 não existem Mapas da população.
 ... da Provincia do Rio de Janeiro ...
 ...
 ...

Anexo X. MACHINA GUICHARD – Máquina de beneficiar café

ASTRO REZENDENSE

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO, INDUSTRIAL E NOTICIOSO

REDACTOR GERENTE—MAJOR JOÃO BAPTISTA BRASIEL

Publica-se semanalmente, e subscreve-se no escriptorio desta typographia, á rua da Misericordia n. 25. Recebem-se assignaturas para esta cidade e seu termo, á 10\$ por anno, e para fora, á 12\$ rs. pagos adiantado. Aceitam-se correspondencias em termos decentes e comedidos: o preço das publicações será o que se convençionar. Toda e qualquer correspondencia deverá ser dirigida ao redactor gerente, e os contratos para as publicações serão feitos com o editor, Manoel Nunes Fernandes. Anuncios á 100 reis por linha, pagos adiantados.

ASTRO REZENDENSE

O partido liberal

Forte pelo seu numero, sympathico por suas ideias, o partido liberal, que é por muito dizer a maioria, a grande maioria do paiz, não se dá a perder a fé, sua força, e suas lidas. E' por que, nove Sisyphos, elle vê-se condemnado a rolar de continuo a pedra sem conseguir collocar-a e a cima de non'anha. Nem mesmo no poder lhe ha sido dado realizar suas aspirações, das quaes algumas são tentadas a medo, e como a mulo por governos hybridos, ou estropiados: por adversarios, que vergando á necessidade procuram satisfazer as, porém mal, e de mi vontade, por que não são os autores dellas.

O defeito não investigamos si tem estado na falta de variados ministerios liberais, fortemente constituídos, ou na pouca duração dos ministerios, ou disant liberais, embarçados com outras preoccupações, ou em alguma causa mais occulta que os renova do poder quando elles tentam locar o frasco vedado.

O certo é que o partido liberal aguardava o proximo desfecho da guerra para cuidar das leis e reformas mais reclamadas, e tinha a preenche onze vagas de senadores o que o habilitaria a satisfizer mais facilmente o grande desideral do paiz. Pois bem; é nessas circumstancias que ao supplicio do Sisypho junta-se-lhe o supplicio de Tantalo: a limpeza, em que la desalterar-se o-lhe requirida dos labios.

Ha nisto motivo para esmorecer? Não; as conquistas da liberdade são penosas, e assim é preciso para se poder amal-as, e defendel-as com ardor. Cumpro pois não desanimar; cumpro lutar a goa e sempre, agora mais do que nunca, por que com o encanão da ditadura toma-se o paizo ao paiz á vê: si elle é decil ao absolutismo.

Enganam-se os que tomarem qualquer abstenção por desanimo. O gigante, consido em seu fronte pelo arruinado pela base: um de suas torres ameaça desabar; e senão houver providencia immediata lerá a provincia de lamentar a perda de um dos seus melhores Templos. E' opinio de alguns profissiones que para conservação e segurança do edificio seria indispensavel a substituição do actual frontispicio de taipa por outro de tijollos construido sobre pedra. A obra da igreja de São José de Campo-Bello carece de auxilio pecuniario. Consta que sua conclusão é orçada em cinco contos de reis. Esta despeza é inevitavel para obstar a perda do que está feito, e em o produto de uma subscrição popular. As de São Vicente Ferrer e do Senhor Bom Jesus de Santa Anna precisam igualmente de auxilio. 2.º A ponte sobre o Rio Parahyba n'esta cidade, re-

Si resentimentas pessoas e ciúmes de preponderancia obstem á organização de um centro, que por si a luzes, esperanca, e prestigio, sirva de farol e de guia ao partido, então sim, virá o desanimo, e as forças desse partido tão numeroso, disseminadas por todo o Imperio serão inprofficuas.

Agora mesmo nós aqui, e em varios pontos desta provincia outros liberais, queixamos de falta d'um centro, do qual recebiam inspirações e conselhos, e com o qual possamos contar como uma egreja protectora, e a essa falta talvez se deva a abstenção em alguns lugares.

Acreditamos que as difficuldades em formal-o nasceram de motivos generosos e nobres, ou de não querer-se lutar a maioreria conservadora com seus gremios filiaes; mas forças e ceder a verdade: o partido liberal precisa de disciplina e ordem. O directorio é a necessidade, e sobre tudo para quando se trata de eleições em que a massa do povo é votante, porque ali principalmente exige-se muita unidade de vistas, muita energia e muita animação, cousa que só um directorio imprime mais efficazmente no animo das influencias locais.

Quantas vezes um chefe de partido, não ousando ou não querendo tentar, repolma-se á voz do directorio, que lhe diz: é preciso. — e a quem elle obedece propondo todas as razões de sua abstenção e retratamento? Por seu turno o partido liberal deve dizer aos seus homens mais proeminentes: o directorio é preciso.

CAMARA MUNICIPAL

Mm. Exm. Senhor. Cumprindo á Portaria de v. ex. de doze de Agosto em que exige desta camara informação á respeito das necessidades mais urgentes do municipio de Rezende, alim de mencional-os no relatório que v. exc. tem de apresentar na proxima futura sessão da assembleia provincial, a camara passa a expor o seguinte: 1.º A igreja Matriz desta cidade tem o seu fronte pelo arruinado pela base: um de suas torres ameaça desabar; e senão houver providencia immediata lerá a provincia de lamentar a perda de um dos seus melhores Templos. E' opinio de alguns profissiones que para conservação e segurança do edificio seria indispensavel a substituição do actual frontispicio de taipa por outro de tijollos construido sobre pedra. A obra da igreja de São José de Campo-Bello carece de auxilio pecuniario. Consta que sua conclusão é orçada em cinco contos de reis. Esta despeza é inevitavel para obstar a perda do que está feito, e em o produto de uma subscrição popular. As de São Vicente Ferrer e do Senhor Bom Jesus de Santa Anna precisam igualmente de auxilio. 2.º A ponte sobre o Rio Parahyba n'esta cidade, re-

clama serios cuidados. Muitas de suas linhas de madeira fraca que o tempo tem de frizado; e o pavimento em geral tem sido reparado á custa desta camara, e olhando ella um grande numero de pranchões de madeira de lei em substituição aos de pessima qualidade que ficaram destruidos. A municipalidade adiantou estes dispendios por evitar catastrophes repetidas que ali se davam: sendo aliis aquella ponte de transito continuo, por servir a importante estrada denominada do Presidente, que communica esta provincia com as de São Paulo e Minas Geraes. No Ribeiro do Fernandes que atravessa a mesma estrada, entre esta cidade e a freguezia de Campo Bello, é necessario reconstruir a ponte.

Nesse lugar durante a estação das aguas fica o transito interrompido por causa da represa do Parahyba onde aquelle ribeiro tem a sua embocadura. Pelos mesmos motivos o ribeiro da Lagen no pé da Santa Anna demanda uma ponte, principalmente desde que a estrada respectiva se tornou mais commoda com a abertura da do dr. Ovídio. Orça-se a obra em 1:500\$000 mil reis ou menos. No rio Pirapitinga tambem ha urgencia de uma ponte; e a estrada que elle corta communica esta provincia com a de Minas pela serra da Bocaína e por ella se effectua um pequeno commercio entre as duas provincias. Alguns pontilhões são igualmente indispensaveis na estrada que desta cidade segue para o importante municipio do Bananal na provincia de São Paulo, por onde se transporta hoje grande quantidade de café para os portos do Parahyba, em direcção á estrada de ferro. 3.º As parocidas de S. José de Campo Bello, Santo Antonio da Vargem Grande, São Vicente Ferrer e Senhor Bom Jesus de Santa Anna, precisam de casas de detenção maxime as duas ultimas que distam tres e quatro legoas desta cidade. Estas mesmas freguezias necessitam de cemiterios decentes. Com dois contos de reis concorre-se o de Campo Bello. 4.º Nesta cidade ha penuria de agua potivel, pelo que a camara está mandando levantar o orçamento da obra do encanamento que tem por fim abastecer a cidade com a distribuição de algumas torres. Para execução desta obra e mister que a Assembleia Provincial decrete alguma quantia ou faculte pelo resto autorisação para contratar um emp estimo. 5.º As salas da camara Municipal de Rezende, do tribunal do jury e das audiências, e em geral o edificio da Cadea, exigem concertos e obras indispensaveis á segurança e decencia do estabelecimento. 6.º Finalmente: a camara não pode deixar de insistir na conveniencia de uma boa estrada que communice este municipio com os de Bapendy e outros do Sul de Minas pela serra do Rio Preto, não obstante a opposição infundada da directoria de obras publicas que v. exc. acaba de patentear por copia á esta camara, e onde se pretende convencer que aquelles municipios do Sul de Minas preferem parte delles á estrada do Picu e parte a do Passa-Vinte. Não ha exactidão neste juizo, por que a projectada estrada daqui á Bapendy para este e alguns municipios de Minas, importa uma economia de nove legoas em relação ao trajecto que hoje fazem pelo Picu e tanto assim é que muitas tropas e gado dessem hoje daquelles pontos pelo o

Proto e serra da Bocaína a procurarem esta cidade. A estrada do Passa-Vinte, que na provincia de Minas está ainda por fazer-se pouco aproveitará a que os municipios, por constar que tem de se cahir mais para o norte do que para o sul. Pelo menos não está ainda assentado o seu traço de seguimento por aquella provincia. Esta Camara em tempo opportuno extirará na Assembleia Provincial os dados precisos para esclarecer semelhante questão, que o Engenheiro chefe do quinto districto, na informação que deu á Directoria de obras, mostrou não ter estudado á fundo. D os Guarie á v. ex. por muitos annos. Paço da Camara Municipal de Rezende, 4 de Setembro de 1868. João de Azevedo Carneiro Maia—Albino Antonio de Almeida—dr. Joaquim das Remedios Monteiro—Rodrigo Pereira Barreto—Joaquim Rodrigues A ntones.—Esta conforme.—O secretario—Francisco Pereira Vianna.

NOTICIARIO

ELEIÇÃO MUNICIPAL. — Foi instalada na forma da lei a mesa eleitoral no dia 7 do corrente e está funcionando a hora que escrevemos: por estarmos no trabalho da eleição não podemos neste numero dar contas ao publico do historico desta eleição o que faremos no proximo numero.

NOVO PERIODICO. — Fomos obsequiados com o 2º numero do periodico intitulado *Alagoas* que acaba de ser publicado em Valença. Agradecemos a offerta e retribuiremos com o nosso periodico.

RIO DA PRATA. — Le-se no *Correio Mercantil* de 10 corrente, que nos foi offerecido pelo sr. Turiano Soares Louzada, que por sua vez o recebeu do sr. major Joaquim Leite Ribeiro de Almeida:

« As noticias que temos são da maior importancia e as mais lisonjeiras possiveis para as armas aliadas. O general Marquez de Caxias atacou as fortificações do Tibiquary inflingindo aos paraguayos uma derrota completa.

« Lopez fugira para Villéta, vindo-se perdido em Tibiquary, que cahiu em nosso poder. O general Barrios tentou suicidar-se....

O sr. Marquez de Caxias em data de 28 de Agosto escreveu:

« Ante-hontem as forças da vanguarda sob o mando do barão do Triunpho sorprenderam e derrotaram completamente uma força inimiga de 300 a 400 homens, deixando esta no campo mais de 40 cadaveres, alguns presoneiros e 126 cavallos, que p'lo sangue que se notava em quasi todos, se deixava ver que haviam sido feridos os cavalleiros que os abandonaram.

« Hoje depois de passado o Yacaré, o mesmo barão do Triunpho, a testa de uma força composta das tres armas avançou e atacou immediatamente as fortificações da margem esquerda de Tibiquary; e com a bizarrria que o distingue, secundado pelas tropas de seu mando cobriu-se de gloria....

« Muitas e importantes são as revelações que nos fazem os mais intelligentes do

Anexo XI. Sesmaria de Manoel Gonçalves em 1819

Inft. o Gov. da forma cad. com o l. co. p. ca. de can. Serphor
 Fazendo as diligencias da Lij. e estillo na forma ordenada.
 No de Junho 15 da Foz de 1819.



Di. Manoel Goncalves Morado, em
 nome de Regenda q. ch. sup. nao, em the
 mar sua propria p. Com das sua familia e
 E. Cray, Legao, e faz por q. a sup. q. ur
 q. V. Mag. de fela agrala de meja, b
 goa em quadro no parage nominada.
 Morro Grande alias porbacho so.
 Morro me donde de videnda Com a
 merca de Franzi, do Lemy, e por a tra
 parte. Com orrio do parage Correndo
 o Lemy q. a meij Corrorem na forma
 da q. de. Alvaral

01.15.353

1819

Como por Creator
 Antonio Jay.

De V. Mag. Seja
 servida Com das de edi
 to, meja, Legao de terra
 Mondando da Lij. Provi
 gao, p. q. fazes mudi
 edem as nesto mudi
 Lij. E. N.

TEXTO DETERIORADO E/OU
 ENCADERNAÇÃO DEFEITUOSA
 Damaged text.
 Wrong binding



Junta-se aos mais papéis. Rio de Janeiro
 Jan. 13 d' Out. de 1823.
 Manoel Theodoro Louroff



Haça vista o Procurador da Coroa Sub-
 rana e Fazenda Nacional. Rio
 de Jan. 30 d' Out. de 1823.
 Manoel Theodoro Louroff

Indisponibilidades
 devidas
 e se refere
 em dívida
 de 80? papéis
 e confirmada

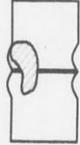
Rio de Janeiro
 2º 1823

France

Observe-se
 Marçal Gendalves da F. de Pe
 genda. Quando obtida. Paroquia de medicina de
 meia legoa de terras em quadras por Sim. na
 paragens por baixa da moeda redonda, divedir
 de se com o Sr. Francisco Lamas, e p. ac
 tra parte com o Sr. Carahiba, fixo o Suppl. pro
 ceder a medição, e demarcação, em q. não houve op.
 por alguã p. estar o d. terreno devoluto, e ap.
 apresentou o Suppl. a Intendencia, e Mapas dos
 medição pedindo a Imperial Confirmação p.
 Miguel do Dey do Caza, foi-lhe parcom Def.
 ferido, que requereu immediatamente a V.
 M. J. Mas p. q. o Suppl. recorreu a
 V. M. pelo Tribunal p. onde ati agora de
 conferias aquellas Georas da Imp. Confirma
 persuadido, de q. não havia Ley em contrario
 p. se

Não junte

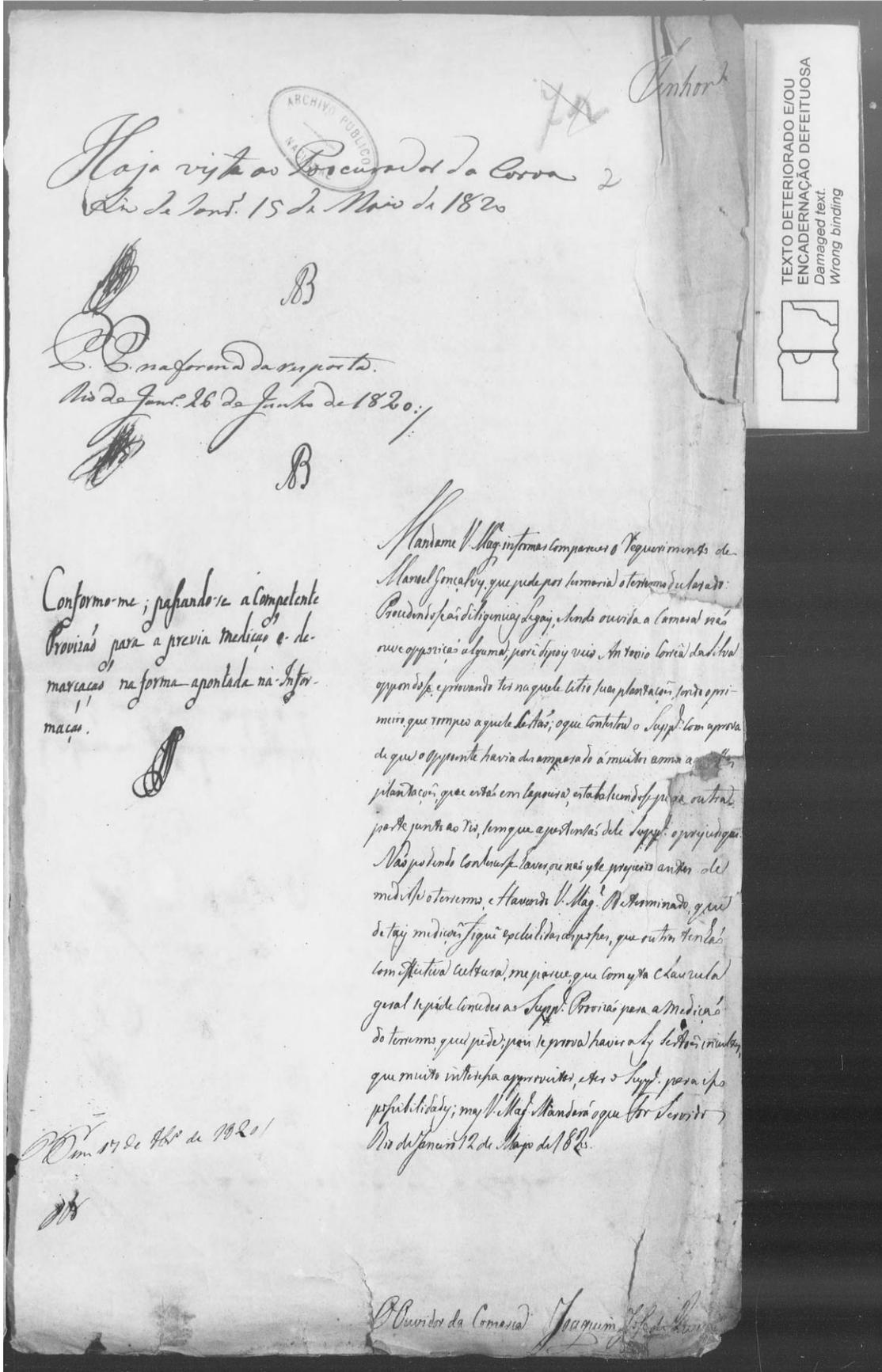
ORIGINAL ILEGIVEL
 Original difficult to read



TEXTO DETERIORADO E/OU
 ENCADERNAÇÃO DEFEITUOSA
 Damaged text.
 Wrong binding



Anexo XII. Ordem para proceder aferição das terras de Manoel Gonçalves



Anexo XIII. Sesmaria de Manoel Gonçalves

Pedro de Souza Magalhães Ca
pitão. Mellesiano Desfrutado, P. S.
Mag. que Deus guarde &c.

3 3



Este ofício se trata q. Antonio Corr. botou hu
ma Cópia adoe de quatorze annos pouco mais ou menos or
nossetam terras de lida, na qual foy menciaõ adis maria
que presentemente esta tirando Manoel Gonçalves, e
desde o tempo muncionado nunca osido Antonio Corr. tor
nou a cultivar, por ser distante de morada de um anno me
ya Segor. com muita differença, e por emciata a soma da
justicia, conferido he verdade, e jurando aconchanta Evangel
hois amparos for, e paflo esta P. mador pedida, Villa
de Rezende 18 de Julho de 1722

Pedro de Souza Magalhães

Anexo XIV. Parte dos bens de Manoel Gonçalves

DO MEM

: 15

Sumo Tm Juis de Tax

Na conciliada em aut. da hoje se facto
D-1500 do escripto de citada. No 28 de Junho de 1836

Off. de Juis de Tax

o Sr. D. M. de Alencar

Deo o Bajo Antonio da Rocha
q o Bajo Joao da Rocha q occario do
inventario do Pais e logros dos app e supp^o
ficou de posse de varios objectos q se sobpa
tiharum pelos herdeiros cujos objectos os app
q^o consunio sem fazer as sobpartes
thas pelos respectivos herdeiros, e vendaser
humma roca de milho de 20 algr^{es} de plan
ta da qual colheu 700 canas q a 20 algr^{es} ca
da humm, dao 1400 algr^{es} de milho dos quaes
pertence ao supp^o a quarta q^{ta} q^{ta} sao
350 algr^{es} q pelo preço corr q^{ta} q^{ta} hoje se
vende esse genero a 2/500 r^o o algr^o faz
a somma de 896000 r^o; assim mais
20 algr^{es} de planta de arroz, dos quaes co
lheu 700 algr^{es} pertencendo ao supp^o 175
q^{ta} vendido pelo preço actual de 30000 r^o
o algr^o da a q^{ta} de 5250000 r^o; humm
mandioca em tenno de 9 algr^{es} de
planta de milho q desmanchado em
farinha da com m^{ta} sobra 900 algr^{es}
de farinha dos quaes pertencem ao supp^o
225 algr^{es} q vendidos pelo preço corr de
5:100 r^o o algr^o da 1:1500000 r^o; humm cana
vial q o supp^o colheu q^{ta} maiores 4 canas
e sotou sua tropa no resto, e deuses 4
carros colhidos pertence humm ao supp^o
q desmanchado em rapaduras, e vendi

com Maria Benedicta - e Capitaes
 Joze Ferreira de Souza Picada vinte
 seis de Fevereiro de mil oito centos cincoen-
 ta e seis - Antonio Ribeiro de Souza
 Apresentado a vinte oito de Fevereiro de
 mil oito centos cincoenta e seis -

³⁰¹
 Declaração Em abaixo assignada possui nes-
 Maria Benta Freguezia de Resende a duas leguas
 dicta: de distancia desta cidade hum terre-
 no de doze alqueires pouco mais ou me-
 nos no lugar de nominado Sancta Cruz
 da Picada na estrada que segue des-
 ta para a Freguezia de Santa Anna
 vizando com terras da Fazenda do
 Alferes Joze Ferreira de Souza San-
 ta Cruz da Picada vinte seis de Fev-
 eiro de mil oito centos cincoenta e seis
 Maria Benedicta - Apresentado a
 vinte oito de Fevereiro de mil oito centos
 cincoenta e seis -

³⁰²
 Declaração Em abaixo assignada de claro que
 Joao da Silva seu Senhor e possuidor de hum sitio para
 Araujo: que se registre, no lugar de nominado
 Ribeirão da Barca, nesta Freguezia da
 Senhora da Conceição de Resende o qual
 comprehende trinta alqueires de milho, pou-
 co mais ou menos, compradas a ha dei-
 rs de Joao Bento e abreviados de Bento
 Ferreira dividem com ellas o Senhores
 Ladislau Joze da Peneca e Antonio

93.
Albiano

com Dona Maria Joaquina de Camargo - José
Siberio de Nascimento - Domingos Antonio da Sil-
va Guimarães - Rufino de Lucio Duarte - Ma-
rianno Pereira da Noxa - Resende vinte e Fereiro
de mil eito centos e cinquenta e seis - Arruqu
de Joaquina Maria de Jesus - José Antonio Mi-
lhoir - Apresentado a vinte e Fereiro de mil
eito centos e cinquenta e seis -

³⁰⁵
Anna Leon Dona Anna Cândida Ubedina e seus herdei-
da Ubedina. ros possuem neste Districto uma porção de terras
situa n'algum de nominado Valle Fundo, que heo
servio em pagamento da viuva e herdeiro de An-
tonio de Prado e Silva; começando as suas con-
frontações da frente do dito Valle Fundo, seguen-
do Nibirão acima, de virando com Antonio Fran-
cisco Guimarães - e de ali seguindo pelos rios
com Dona Gertrudes até o alto do morro, e descendo
pelo correço até a estrada do Porto Real, começan-
do com Dona Antonia Maria da Conceição, e seguen-
do pela estrada até a referida ponte do Valle Fundo
começando com Nelfim Franco da Silva Portozo
Feres - não sendo a sua estacação conhecida, e
achando-se em litigio por haver apossuidora re-
clamado pela falta deste pagamento. E por não
saber escrever pe die a Joaquina Augusta Nibirão
da Luz, que este passasse, e a seu logo assignar
Joaquina Augusta Nibirão da Luz - Apresentado
a vinte e Fereiro de mil eito centos e lin-
centos e seis -

³⁰⁶
João José
Martins

Digo ai abaixo assignado que sou Senhor

e possuidor de uma Fazenda de nomeada de
 Babilonia na Freguezia de Nossa Senhora da
 Conceição de Resende, com Título de Sirmaria, que
 ahouve por compra de Cappitão Antonio José de
 Villas Boas, com as divisas seguintes pelo lado de
 Leste com o nome da Sirmaria de Domingos Mar-
 tins dos Santos e pelo Norte com o Major Roque-
 ra e João da Silva Araújo - Divisando com este
 por uma grande pedra, que se acha em um
 Corrego - e Manuel José de Alencar - e Dona Escu-
 lastica - e pelo Oeste com terras dos herdeiros do
 finado Manuel Pinto Cabral - e pelo Sul com
 terras dos herdeiros do finado José de Faria e da - e
 terras dos herdeiros de Alexandre Antonio do
 Santo - e Joaquim Mendes de Cassalho - Cujas
 terras levaram de planta de milho trezentos al-
 quires mais ou menos - Assim mais um sítio
 e possuidor de um sítio de nomeada de Taquaral na
 mesma Freguezia, que ahouve por compra de
 Paulino José Martins - e Bento Manuel da Rocha -
 dividendo todo pelo alto, e pelo fundo, com João
 Evangelista de Souza - por um lado levaram de
 planta de milho, trinta alquires mais ou menos.
 Tendo mais uma parte de terras na paragem
 do Campesite na mesma Freguezia que ahouve
 por compra a Felicia Alva do Reis - dividendo
 com Manuel Francisco de Souza - e João Evangelis-
 ta de Souza - como consta do papel que antes ma-
 me passou - Cujas terras levaram de planta de
 milho doze alquires mais ou menos, e por se ser
 perdido fago o presente - Fazenda da Babilonia
 hoje de Fevereiro de mil e oitocentos e cinquenta e seis

Declaro que a terra assignada ao pousar hum ar-
 romaria novo, que abraza de dez alqueires de
 Leme do Esp. mello, digo a quantia de mello, mais ou
 menos, no lugar de nomeada de Pelanquei-
 ra, comete com o Senhor Alcaide
 Pereira da Silva, e José Pereira da Sil-
 va, Municipio desta Frequecia de
 Nossa Senhora da Conceicao do Regente
 Álvaro de Thomazia Leme do Espírito
 Santo, Sabino José de Andrade e Al-
 mada, e publicando a vinte e quatro de
 Fevereiro de mil e oitocentos e
 seis.

Declaro que a terra assignada de clero que se chama
 Antena de Nossa Senhora e possuidor de duas fazendas no Rio
 da Rocha, e de esta cidade de Nossa Senhora da
 Conceicao de Campe Alegre do Rio de Janeiro, hu-
 ma de nomeada Conceicao de Marimbonda
 que houve para sempre fidei a Maria Anna de
 Souza do Roxo, e deida com seu fidei Pedro
 Thomaz José de Sequera e Tibercio Soares
 Lucio de Francisco Ramos de Souza, e com
 o Excelentissimo Barão de Souza Alcaide
 Luis da Rocha Miranda e Silva Couto e
 de nomeada Gloria, que houve para sempre
 fidei com seu fidei Fernando de Sequera, e de
 ida com Francisco Luis Ferraz de Alcaide Mano-
 el Pereira de Souza, e com a Igreja, hereditaria
 de seu (Dias) digo seu fidei Joaquim dos Santos, e
 Maria e hereditaria de seu fidei Encanformi-
 da das Luz das terras fidei represente de



Cartório do 2º Ofício

Serviço Notarial e Registral
Resende / RJ

Sonia Marilda P. Alves
Tabeliã / Oficial

Rua Henrique Sivori, nº 22 - Bairro Campos Elíseos - CEP 27 542-110 - Resende - RJ
Tel/Fax: (24) 3355-0168 - (24)7812-2814 - ID 120* 96765 - www.cartorio2oficio.com.br

C E R T I D ã O

C E R T I F I C O que a requerimento da parte interessada e, revendo os livros em poder deste Serviço Registral, em nome de: **TITO LIVIO GONÇALVES MARTINS**, constou os seguintes registros:

- Livro 3-B, nº1.041, Casas 25, 23 e 23-A, no Lago da Matriz, Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 22/04/1898;
- Livro 3-B, nº1.104, Terras na Pindauba, Cedro e Tres Barras, Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 25/02/1899;
- Livro 3-C, nº1.331, Betais, Nossa Senhora da Conceição de Rezende, transmitido em 23/05/1903.

Responsável pela busca Elíser A. A. Dias *Elisair*. O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ. Emolumentos: R\$20,10 (ATO), R\$4,02 (FETJ), R\$1,00 (FUNPERJ), R\$1,00 (FUNDPERJ), R\$0,80 (FUNARPEM), R\$0,00 (PMCMV), R\$1,00 (ISS). Total: R\$27,92. Resende - RJ, 25 de abril de 2017.

Renata Reis da Costa Araujo
RENATA REIS DA COSTA ARAUJO
Substituta

Renata Reis da Costa Araujo
SUBSTITUTA
Mat.: 94/9875

RIO DE JANEIRO

Poder Judiciário – TJERJ
Corregedoria Geral da Justiça
Selo de Fiscalização Eletrônico
EBZY 40138 CKP
Consulte a validade do selo em:
<https://www3.tjrj.jus.br/sitepublico>



Cartório do 2º Ofício

Serviço Notarial e Registral | Sonia Marilda P. Alves
Resende / RJ | Tabeliã / Oficial

Rua Henrique Sivori, nº 22 - Bairro Campos Elíseos - CEP 27 542-110 - Resende - RJ
Tel/Fax: (24) 3355-0168 - (24)7812-2814 - ID 120* 96765 - www.cartorio2oficio.com.br

C E R T I D ã O

C E R T I F I C O que a requerimento da parte interessada e, revendo os livros em poder deste Serviço Registral, em nome de: **MARIA BENEDITA GONÇALVES MARTINS**, não consta imóvel registrado. **CERTIFICO MAIS** que no livro 3, nº539, em 07/07/1891, consta o nome de Maria Benedicta Gonçalves Martins, como transmitente do imóvel denominado Fazenda da Babylonia, Nossa Senhora da Conceição de Rezende. Responsável pela busca Elieser A. A. Dias *Elieser*. O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ. Emolumentos: R\$20,10 (ATO), R\$4,02 (FETJ), R\$1,00 (FUNPERJ), R\$1,00 (FUNDPERJ), R\$0,80 (FUNARPEM), R\$0,00 (PMCMV), R\$1,00 (ISS). Total: R\$27,92. Resende - RJ, 25 de abril de 2017.

Renata Reis da Costa Araujo
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Substituta
Mat: 94/9875

Renata Reis da Costa Araujo
SUBSTITUTA
Mat: 94/9875

RIO DE JANEIRO

Poder Judiciário - TJERJ
Corregedoria Geral da Justiça
Selo de Fiscalização Eletrônico
EBZY 40135 XGB
Consulte a validade do selo em:
<https://www3.tjrj.jus.br/sitepublico>

Associação dos Notários
e Registradores do Estado
do Rio de Janeiro



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

AAA 6060401

O seu de cabuldr já tem feito uso des-

te café casca ou matto, assim pre-

parado, como adma fica exposta, pode

ser levado ao mercado para ser vendido

em latifúndios para diversos lugares em

caixas de dias ou mais arrolas, ou em

latifúndios de café, como se faz para ex-

portar a leira muito reduzida a p.

Esta café casca ou matto assim pre-

parado, poderá ser muito interessante não

somente aos srs. Lavradores, mas também ao

comercio e a Provincia, que pôde tirar

o ipé, cedro, pau d'álho, vinhatico, perera,

oleo, palmito, canhaia, & e entre inun-

meras arvores, cipos, trepadeiras, conha-

das nesta provincia salzessarem certos

tipos vegetaes, que constituem o caracter

de boa terra de cultivo.

Uma zona de transição vegetal entre o

campo e matto se nota nas encostas da

Mantiqueira onde o cedro e figueira bravia

co deslucativo. Alem disto o granito e ro-

chas plantas que não dominam o ver-

de do cafeeiro como o feijão, milho, &

para causar sombras servem para ter se

um producto do capital e apregado para a

criação do cafezal.

Potendese que ha larvas estragadoras

dos cafezeiros, o milho, e canna, a existen-

cia das gramineas servem para dar mais

desenvolvimento das larvas; o feijão e

mandioca pelo contrario arborizam pela-

— Gener. I. dice ella. Centoni está em

Venesa, na prisão de S. Jorge Major, e

vos não o podereis ignorar.

— Como sabeis, f'isso? perguntou o

generai com elles chamamejentes.

— Eu não vol o dicei, respondeu a jo-

venm Lovel com fim de saber se sabeis

para calar no caso de se ir a sua ga-

lanteria e a sinceridade de vossas pala-

bras.

COMMUNICADO
Agricultura

O café constitue essencialmente a prin-

cipal riqueza do Brazil, e nenhum melho-

ramento tem sido no seu cultivo sobre a

terra, deixando sempre nos terrenos o

vestigio da destruição de sua força nutri-

tiva, e esse caracter de—terra cansada.

Para que nossos lavradores conheçam

de perto a vida do cafeeiro e condições

em que essa se dá, é preciso attender ao

clima e a terra; no clima o ar atmosfê-

rico, seu calor, humidade, peso e acção da

electricidade tem uma influencia sobre o

vegetal, ao passo que a terra composta de

certos mineraes e dominada pelas agentes

atmosphericos serve de meio para nutrir

os orgaos da planta.

A temperatura do ar, e sua pressão va-

ria com a altitude do lugar acima do nivel

do oceano, e nosas terras a partir das

praias maritimas até a cordilheira central

da Mantiqueira que e a ossada do Brazil,

vão essas terras em camadas diferentes e

com mineraes que e a ossada do Brazil,

vão essas terras em camadas diferentes e

com mineraes que e a ossada do Brazil,

vão essas terras em camadas diferentes e

com mineraes que e a ossada do Brazil,

VARIEDADE
Don Fa-Tutto
POR
Paul de Musset
(V. N. 32)
X.

Diante de um alto funcionario carregado

de decorações compareceu Martha Lovel

com um toilette elegante e simples.

O alto funcionario logo viu que tinha a

tratar com uma pessoa da melhor socie-

dade. Elle lhe offereceu uma poltrona, e

lhe fallou em francez, segundo o uso da

alta classe de Vienna. Com o colovelo

apoiado sobre sua secretaria e o queixo em

sua mão, elle ouviu, sorrindo com ar he-

volvente e attento, até o momento em

que ouviu pronunciar o nome de Centoni.

Do repente suas sobrancelhas se appro-

ximaram e sua fronte se enrugou.

— Senhora, disse elle, vosso amigo nos

enganou. Nós o acreditavamos indifferen-

te ás edicções que tem perturbado este

paiz, ao passo que tomava n'ellas uma

parte activa. Eu não vos occultarei que nos

guardamos rancor; ariscou sua

vida, não se lhe tira senão a sua liberdade;

elle, pois, não tem de que se queixar.

— Mas, senhor, dice a joven Lovel, os

acontecimentos de que vos fallaes são an-

teriores á capitulação, e o governo tem

proclamado altamente seu desejo de os

esquecer.

— Com a condição, senhora, que não

se procure a recordal-os. Para que vosso

protegido saia da prisão, é preciso que elle

dê garantias de boa conducta, e eu não

vejo onde elle as possa achar.

— Eu procurarei dar-vos-as, dice Mar-

tha baixando os olhos. Centoni ama uma

estrangeira que mora em Venesa ha muito

tempo. Quando elle foi preso preparava-se

para desposal-a. Se vós lhe restituís a

liberdade, elle se casara, e sua mulher

vos re-pondera por sua futura conducta.

O alto funcionario pareceu co-mover-se.

— Eu não duvido, dice elle, da influen-

cia salutar que a senhora Centoni exercera

sobre o coração e o espirito de seu marido.

Elle é encantadora, o é bastante vel-a,

para se interessar por ella: dizí-lhe

quanto eu seria feliz de a servir; mas

Centoni não está mais em Venesa, e igno-

ra que parte do imperio elle foi transporta-

do. Vou escrever para Vienna, e quando

a resposta chegar, eu me apressarei a vol-a

comunicar.

Em uma boca italiana a mentira tem

muitas vezes uma graça comica que vos

desnarra; a mentira alloua e mais inha-

bil e mais gross-eira, não vos inspira outro

desdêjo que o de desmascaral-a. Martha era

clen d'í-a muito leal para combater esta

habilitade que consiste em fingir crer as

peçois desde que ellas se fazem melhores

do que são.